Diário de Lisboa

ANO 62.º N.º 20 923
Agosto 1982
Sábado
7
20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

A questão da ANOP e a posição do "DL"

A posição da Renascença Gráfica-«Diário de Lisboa», em relação à constituição de uma «agência cooperativa de informação», foi objecto de um texto publicado neste jornal (edição de 29 de Julho) e esclarecida, dado que um colega da manhã ostentara um título que dava um acento indesejado à posição da empresa, num outro artigo que foi oportunamente publicado (edição de 24 de Julho).

Dissemos, com a clareza suficiente, que não alinhávamos na vocação de «coveiros da ANOP», e dissemos, também, que não tínhamos tido qualquer interferência na constituição da ANOP.

Desde 1974, quando chegou a altura histórica de dar por findas as «missões» da ANI e da LUSITÂNIA, que a «Renascença Gráfica-«Diário de Lisboa» entende que uma «agência nacional de informação» deveria ser constituída numa base cooperativa.

A nossa concordância com a fórmula cooperativa, que, de resto, tem aceitação noutros países, determinou que comparêcessemos no acto de assinatura de um «protocolo de intenções», que, pela nossa parte, foi, devida e atempadamente, sujeito a condições que constam, em anexo, do referido protocolo.

A Renascença Gráfica-«Diário de Lisboa» ocupa um lugar na actividade jornalística portuguesa desde 1921. A sua linha de conduta revela independência e é coerent. . Nunca se vergou ao Poder. Sempre se garantiu a distanciação que permite a livre crítica e afirmar a diferença.

Continuação da pág. 24

Prejuízos já se elevam a 20 mil contos

Portucel devastada por fogo criminoso

As instalações da Portucel – empresa pública de celulose e papel – situadas nas proximidades de Setúbal encontravam-se, ao fim da manhã de hoje, ameaçadas por um violento incêndio que, iniciado às primeiras horas desta madrugada, já destruíram pilhas e pilhas de madeira de pinheiro. Os prejuízos, segundo revelou ao «DL» o director da empresa, eng. Gomes da Silva, já se elevam a cerca de vinte mil contos. Por outro lado, um porta-voz dos Bombeiros Voluntários de Setúbal referiu à nossa reportagem a hipótese, já bastante fundamentada, de que o sinistro tenha origem criminosa. No combate às chamas participam dezassete corporações de bombeiros, as quais, só mercê de um esforço hérculeo dos seus elementos, têm conseguido até agora preservar as instalações administrativas e o sector onde se encontra toda a maquinaria. Deste modo, a laboração ainda não ficou totalmente paralisada. «Logo nas primeiras horas o incêndio tomou proporções medonhas e tememos pelo pior», referiu o eng. Gomes da Silva. Ainda de acordo com a mesma fonte, a madeira já destruída era de origem recente, embora também se encontrasse entre ela uma outra que já tinha dado entrada na empresa há aproximadamente dois anos.

Helena Roseta ao "DL"

"A Social-Democracia é movimento"

Págs. 6 e 7

Sporting novamente na paz dos deuses

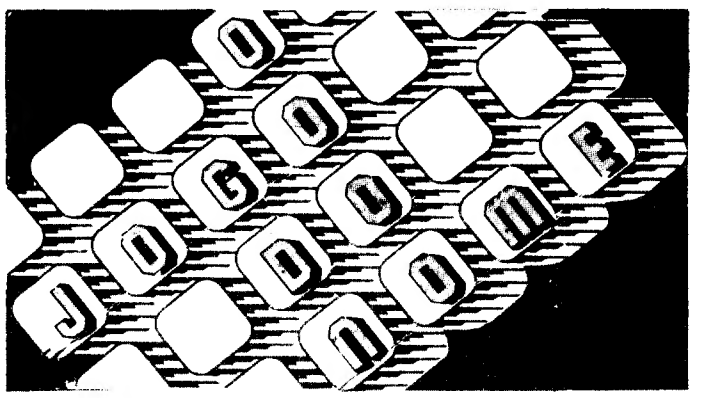
Allison regressa ao comando 'verde'

O presidente sportinguista João Rocha resolveu, numa dúzia de horas, o imbróglio que cercava o técnico Malcolm Allison e o médico dr. Pinto Coelho, após um estranho **caso** ocorrido durante o estágio dos **verdes** em terras búlgaras. Com a reintegração do treinador e do médico, a turma sportinguista (que foi receber ao aeroporto o «capitão» Manuel Fernandes, vindo de uma intervenção cirúrgica, na Jugoslávia já esta tarde segue para Portimão onde, amanhã, retribui visita dos algarvios a Alvalade.

Pág. 16

COMEÇA HOJE O JOGO 2

Anda a roda para as primeiras letras do Jogo 2, na presença de representantes do Governo Civil de Lisboa e de funcionários do «Diário de Lisboa». Passou-se ontem, ao fim da tarde, nas dependências do «DL» (Rua Luz Soriano, 15) e as cinco letras ontem sorteadas para hoje são publicadas na página 3.



De duas em duas semanas um novo Jogo do Nome para divertir os leitores do «Diário de Lisboa» e proporcionar-lhes (se tiverem um bom nome...) magníficos prémios! Hoje começa o segundo jogo e na quinta-feira próxima vai já realizar-se o sorteio do primeiro jogo, para o qual estão a chegar diariamente milhares de cupões de leitores que certamente terão conseguido completar a linha vencedora de 7 letras.

Jogue connosco e ganhe prémios! **REGULAMENTO, CUPÃO, LISTA DE PRÉMIOS E OUTRAS INFORMAÇÕES NAS PÁGINAS 3 E 4.**

Primeiro prémio: Um Conjunto Hi-Fi Grundig

GANHE

fabulosos prémios

Marcas que valem ouro!

GRUNDIG FAGOR PROGRESS Candy

NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.
Representante Oficial

Envie até segunda-feira os cupões do Jogo 1

Concurso «DL»/82

Envie as colecções até 24 de Agosto

Terminada a publicação das duas Séries de Cupões e do Boletim de Indentificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.ºs 1 a 30 de qualquer das séries).

Lembramos que:

● **O leitor deve usar apenas um boletim** por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.

● **O BOLETIM DE INDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de indentidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.

● **O TALÃO RECIBO** deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 10$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrafe e não cole).

● **O PRAZO DE ENVIO** termina em 24 de Agosto de 1982 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviada para

DIÁRIO DE LISBOA – CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA

● **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

● **O APURAMENTO DAS COLECÇÕES** será feito entre 3 e 10 de Setembro sendo esta última a data prevista para o sorteio.

DL
ASSINATURAS E NÚMEROS ATRASADOS
Rua Luz Soriano; 17

— • —

Horário: 09.00 às 13.00 e 14.00 às 17.30

ENCERRADO AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

VIII FESTIVAL DE MÚSICA
COSTA DO ESTORIL · 82

GUSTAV LEONHARDT

(cravo)

Por amável deferência da FUNDAÇÃO GULBENKIAN o concerto adiado no passado dia 4 com o cravista Gustav Leonhardt, será realizado no Auditório 2 da FUNDAÇÃO GULBENKIAN na 2.ª-feira dia 9 de Agosto às 21 h. e 30.

Os bilhetes adquiridos para a Igreja de Carcavelos, serão válidos para esta data.

Pela Direcção

J.T.C.E.

Dia Mundial da Alimentação

O peixe como alimento

Como tem sido divulgado terá lugar no próximo dia 16 de Outubro a celebração do Dia Mundial da Alimentação. Nunca será demais dar o devido relevo ao seu significado através da expressão do valor de alimentos mais importantes, mormente sob o ponto de vista nutricional. Como é o caso do peixe.

O peixe representa uma parcela importante da alimentação humana, particularmente, nos países de orla marítima e, ainda, naqueles que fomentam a piscicultura nos rios e nos viveiros.

Em Portugal, o peixe e os mariscos constituem uma tradição na cozinha de todos os estratos da população sendo, geralmente, apreciadas certas preparações que, pela sua apresentação e gosto, são ímpares em todo o mundo.

A riqueza que o mar oferece às populações vem sendo explorada progressivamente, por frotas dotadas de equipamento sofisticado para a detenção, recolha e tratamento das espécies de molde a oferecer ao Homem um alimento completo, de alto valor nutritivo, respondendo aos gostos mais apurados e por preço, embora muito variável, inferior ao de outras proteínas animais.

Alimento essencialmente proteico, o peixe tem qualidades nutritivas idênticas às da carne, sendo de fácil digestão, particularmente, as espécies magras justificando a sua procura nas dietas de dispépticos, convalescentes e, duma maneira geral, sempre que se procure substituir a carne por proteínas de outra origem.

Como alimento, o peixe além de proteína de alta qualidade cujo rendimento é, para algumas espécies superior a da carne, oferece ainda substâncias gordas embora de teor muito variável, oscilando entre 0,5 e 30% o que permite classificar os peixes em gordos e magros, como são exemplos, as sardinhas, os salmonetes, etc. com mais de 3% de gordura, a carpa, a pescada, etc. com menos de 3% de gordura.

O peixe contém nos seus tecidos, substâncias minerais, principalmente cloreto de sódio, compostos de cálcio, magnésio e fosforo, assim como bromo e uma elevada percentagem de iodo, cerca de 22 a 89 gr/kg de peixe fresco.

Além dos valores absolutos dos compostos minerais com interesse para o metabolismo dos consumidores, importa também saber que alguns destes minerais actuam como elementos plásticos e catalíticos. Para esses efeitos biológicos entram na composição química do pescado em proporção mais equilibradas do que na carne, como se verifica com a relação cálcio/fósforo.

Pouco rico em glúcidos, o peixe reduzido para uma dieta racional, a presença de alimentos feculentos, como a batata que acompanha tradicionalmente a maior parte das preparações culinárias do peixe.

As vitaminas, principalmente as do grupo A, D, B, tão úteis ao crescimento e a tantas funções vitais presentes como microelementos indispensáveis ao consumidor.

Ainda que sejam diferentes as qualidades sápidas dos diferentes peixes, não é necessário nem racional, procurar determinada variedade de peixe que, na ocasião escasseia no mercado. Todos os peixes, dentro das espécies vulgarmente consumidas são esplêndidos alimentos e, por isso, se podem substituir uns aos outros sem prejuízo; as espécies classificadas na categoria de peixes finos e caros, não são geralmente, nem melhores nem mais nutritivos do que as espécies mais económicas.

Não é neste aspecto que se deve assentar a preocupação da escolha mas sim na salubridade do produto.

O consumidor deve ter conhecimento, ainda que elementar, acerca do bom estado de conservação do pescado. Quando fresco, o peixe deve apresentar as seguintes características: olhos brilhantes, e claros, guelras vermelhas, ventre não amolecido, músculos rijos e elásticos, cheiro agradável, característico do pescado fresco, escamas bem ligadas e brilhantes, barbatanas em bom estado. Os moluscos devem estar vivos.

As crianças e a cidade

Uma cidade humana é uma cidade atravessada e animada pelos seus habitantes, onde se entrecruzam as múltiplas actividades de uma população diversificada. Sob este ponto de vista, as crianças desempenham um papel insubstituível na cidade. O seu movimento, os seus jogos e a espontaneidade de relações que tecem entre si e os adultos, devem ser consideradas como um elemento da dinâmica urbana.

A cidade tem necessidade de crianças, mas as crianças também têm necessidade da cidade. Com efeito, desde os primeiros anos de vida, experimentam as suas faculdades em contacto com o ambiente físico e humano que as rodeia. Daí, a necessidade de se apropriarem livre e progressivamente do espaço, de partilharem a vida da comunidade, o seu trabalho, trocas e responsabilidades.

Em todos os tempos, a rua constituiu esse meio de aprendizagem, mas hoje em dia esqueceu-se que a personalidade infantil se forja globalmente, em todo o lado e a todo o tempo. Para a maioria das crianças, o espaço está fechado, e os horários repartidos por locais e momentos específicos. O seu tempo de liberdade quase não existe. Resultante do ritmo de vida dos pais, esta situação está também associada à actual organização da cidade. Para obstar à anexação dos espaços públicos pelo automóvel, à insegurança e à poluição das ruas, à pequenez das habitações, reservou-se às crianças, locais pontuais: terrenos vagos, onde se alinham sem imaginação alguns equipamentos estereotipados e frequentemente mal concebidos.

Mas, recentemente, têm vindo a esboçar-se novas tendências. Procura-se criar áreas de jogo mais estimulantes e mais criativas. Têm sido feitos esforços para não continuar a empurrar as crianças para espaços afastados do seu meio habitual de vida. Espaços de jogo têm sido implantados no interior de pátios, integrados em parques e estruturados em praças públicas. Todavia, somos obrigados a admitir o fracasso de um grande número destas iniciativas, algumas mesmo de concepção recente. Vandalismo, violência, destruição nas propriedades ribeirinhas, diiculdades de funcionamento, particularmente nos bairros de elevada densidade populacional, em que estes fenómenos tendem a ampliar-se. Se as causas desta evolução estão articuladas com a qualidade da habita do «habitat» e dos bairros, é necessário olhar também para as condições económicas e sociais vividas pelos jovens, cujo futuro se anuncia sem perspectiva.

Novas tentativas

Muitas novas questões colocadas, exprimem o problema. É necessário fechar as áreas lúdicas? Devem ser abertas com garantia de vigilância apertada? É necessário imaginar cutros tipos de infra-estruturas e espaços vazios não arranjados?

Novas tentativas de integrar a criança no seu bairro, apresentam-se mais optimistas. Nesta perspectiva, «casas da criança» foram acopladas a certas áreas de jogo. Esta infra-estrutura tem como função favorecer o encontro (que se deseja criativo e positivo) entre as crianças de um mesmo bairro, permitir-lhes efectuarem um vaivém entre diferentes pontos, e continuarem a brincar quando o tempo está mau. Finalmente, os animadores destacados para a área aberta, como para a casa, facilitam as relações entre as crianças, o espaço que elas ocupam e os objectos que utilizam. Experimenta-se ainda a utilização da rua, sem modificação do ordenamento existente. Animadores avistam-se com as crianças nos seus espaços quotidianos e ensinam-nas a brincar no exterior, sem perturbar os transeuntes e sem afectar o tráfego.

Uma outra via, consiste em interessar os jovens na concepção, realização e gestão dos seus espaços de vida. Frutuosas quando dizem respeito aos espaços fechados, escolares, por exemplo, estas experiências de participação acabam na desmobilização quando se exercem sobre espaços públicos, que são alvo de actos de vandalismo por parte de elementos exteriores ao próprio grupo.

Os bairros para os habitantes

Uma opção mais global consiste em abrir todo o espaço público aos habitantes, porque o que convém às crianças, é benéfico para toda a gente: passeios bastante largos e seguros para o desenvolvimento de actividades diversas, passadeiras fáceis e sem perigo, soluções de continuidade para os peões e ciclistas, circulação lenta e controlada, infra-estruturas acessíveis, percursos agradáveis e não poluídos, jardins de bairro, praças e ruas libertas de trânsito automóvel. E que as crianças possam utilizar sem perigo o seu bairro, e frequentar todos os pontos deste.

No entanto, seria ilusório acreditar que a libertação e ordenamento do espaço são medidas susceptíveis, por si mesmas, de integrar a criança no bairro. Ainda falta o bairro, isto é, um ambiente não atomizado, de ruas, praças e habitações, formando uma multiplicidade de actividades, uma população relativamente diversificada na sua inserção social e categorias etárias. É ainda necessário que no seio deste complexo subsista ou renasça uma rede de relações, tolerante e acolhedora, para as crianças. Porque se os jovens continuam a frequentar sozinhos um espaço quotidiano, apenas se terá conseguido deslocar o terreno do «ghetto» em que continuam encerrados.

A emergência de uma autêntica rede de relações capaz de animar o bairro e de assumir essa responsabilidade, supõe uma série de reconversões culturais e sócio-económicas: habitantes urbanos que transformem os seus hábitos «de consumidores», para aprenderem de novo a praticar a vivência dos espaços urbanos. A animação e responsabilidade por essa rede não pode assentar unicamente na boa-vontade dos que desfrutam o tempo livre, mulheres, desempregados e pensionistas. A liberalização do tempo de trabalho dos adultos deve permitir-lhes inscreverem-se igualmente nestas actividades.

No interior destes bairros, onde o espaço será devolvido aos habitantes e onde se desenvolverão relações de amizade e de solidariedade, pode-se imaginar que as crianças reencontrarão simultaneamente um espaço de jogo, um meio educativo e um enquadramento social aptos a apoiá-las complementarmente na acção das infra-estruturas locais. Poderão circular e brincar com toda a liberdade, solicitar ajuda dos vizinhos sem estarem à espera da célula familiar ausente ou deficiente, e sobretudo participar, enquanto membros plenos de um grupo humano, em todas as suas actividades.

Monique Dumont
Fundação do rei Balduíno
(Bruxelas)

Em 19 de Agosto

Missão da IS em Beirute Oeste — *foi decidido em Lisboa*

A realização, em Beirute Ccidental, de uma visita da comissão «ad hoc» da Internacional Socialista para o Médio Oriente, a realizar em 19 do corrente mês, foi uma das mais importantes decisões do encontro que ontem de manhã decorreu na sede do Partido Socialista, à rua da Emenda. Presentes, Mário Soares e Rui Mateus (Partido Socialista Português), Bernt Carlsson, secretário-geral da I.S., Jacques Huntzinger, do PSF, Lasse Budtz, do Partido Social Democrata da Dinamarca e Erkki Liikanen, representante do PSD finlandês.

No final da reunião, os membros da comissão «ad hoc» da IS fizeram o ponto da situação. Mário Soares, numa breve introdução, referiu «a grande preocupação pelo agravamento do conflito» e reafirmou não haver solução militar: «é preciso, sublinhou Soares, encontrar uma solução política». Nesta óptica, o secretário-geral do PS exprimiu a condenação pela intervenção das tropas israelitas em Beirute Ocidental.

Contudo, o dirigente socialista português referiu que a Internacional Socialista não dispõe de meios para intervir, limitando-se a contactos com as autoridades governamentais e forças políticas, nomeadamente o Partido Socialista Libanês e o Partido Trabalhista de Israel. «No centro do conflito, estão duas formações políticas filiadas na Internacional Socialista. De um lado, se bem que crítico em relação à intervenção das tropas, o Partido Trabalhista de Shimon Peres; do outro, o Partido Socialista Libanês, cujo dirigente, Walide Jumblatt, se encontra sitiado em Beirute Ocidental», referiu Mário Soares.

Balanço das viagens

Sobre os contactos mantidos na recente deslocação da comissão «ad hoc» a que preside, Mário Soares, depois de fazer uma lista dos contactos que manteve na região, considerou ser palpável um certo descontentamento entre os israelitas, que de início apoiaram a intervenção militar em Beirute. No mesmo sentido se pronunciou Jacques Huntzinger, do Partido Socialista Francês, recém-chegado de Israel: «constatei que a opinião pública israelita está inquieta com o que se passa em Beirute».

Sobre as divergências no seio da Internacional Socialista em relação à posição a adoptar face ao Partido Trabalhista de Israel, no seguimento de uma nota da comissão executiva do PSOE de Felipe Gonzalez, Bernt Carlsson, secretário-geral da IS, afirmou que «a proposta do PSOE não foi formalizada, e só o Congresso da Internacional Socialista pode decidir da expulsão ou admissão de partidos. O nosso próximo Congresso-sublinhou Carlsson – terá lugar em 1983 em Sidney, na Austrália. A proposta do Partido Socialista Operário Espanhol-concluiu – não pode pois ser tomada em consideração».

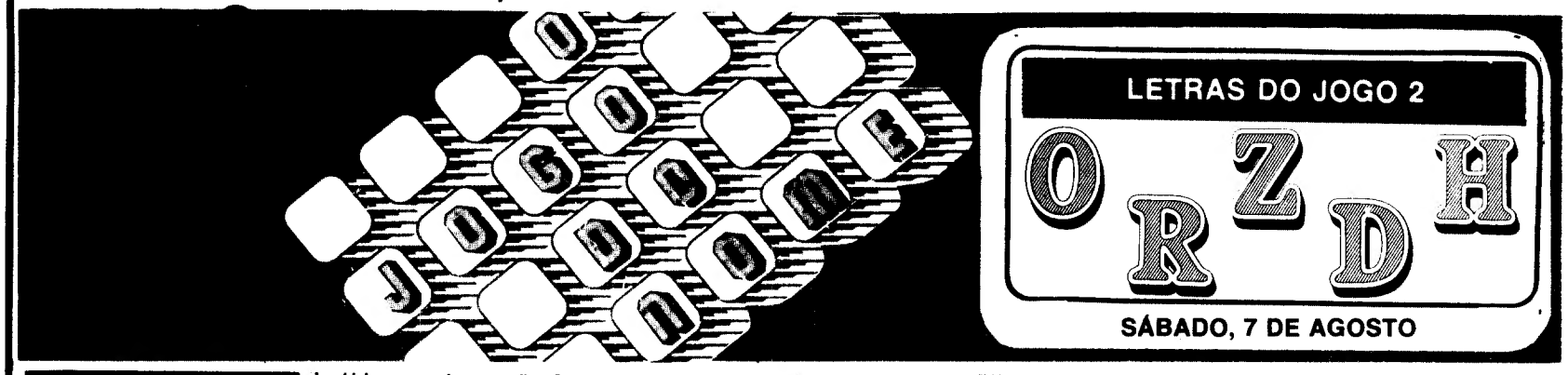
Mário Soares adiantaria que a mensagem da comissão executiva do PSOE tinha sido apresentada na base de um equívoco: «o PSOE reportava-se a uma declaração crítica do chanceler austríaco Bruno Kreisky, que, na verdade, não foi produzida».

Sobre o reconhecimento da Organização de Libertação da Palestina (OLP), Mário Soares indicou que muitos partidos da IS, em especial os nórdicos, vêm mantendo contactos com os palestinianos. Por isso, Soares distanciou-se do tom agressivo de um comunicado enviado pelo Partido Trabalhista de Israel que, no seu ponto 5, qualificava a OLP como «uma organização terrorista».

Que futuro para os palestinianos?

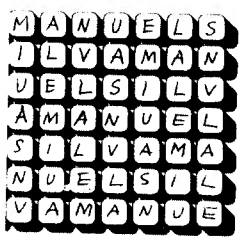
O mesmo texto do PT de Israel defende a retirada das forças da OLP e de todas as forças estrangeiras de Beirute. Nesse ponto, Soares referiu a sua concordância, pondo a questão a dois tempos. Uma situação provisória, que passaria pela retirada da OLP de Beirute para países árabes – «o Egipto, já se mostrou receptivo a receber dirigentes, a Jordânia, que está disposta a admitir os palestinianos detentores de passaporte jordano, e a Síria» – e uma solução definitiva, a da constituição do estado palestiniano, «com base no duplo reconhecimento (reconhecimento do Estado de Israel e do Estado Palestiniano)».

O sorteio do jogo 1 será no dia 12 de Agosto, pelas 18 horas, nas dependências do «Diário de Lisboa» sitas na Rua Luz Soriano, n.º 15, sendo válidas todas as participações que cheguem ao jornal até às 17 horas desse mesmo dia. **Não esqueça: os cupões devem ser enviados em envelopes e apenas um por envelope.**



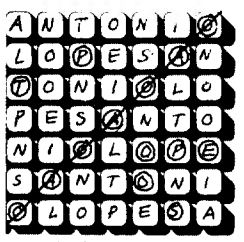
RESUMO DO REGULAMENTO

1. **Inscreva o seu primeiro nome e o seu último apelido, em contínuo, na grelha publicada ao lado (7X7 quadrados em branco) dentro do cupão** – uma única letra maiúscula por quadrado – até preencher completamente a grelha. Suprima todas as pontuações, apóstrofos, cedilhas, traços de união. (exemplo 1). Use rigorosamente e apenas o seu primeiro nome e o último apelido, tal como figuram no bilhete de identidade actualizado ou cédula pessoal.



(exemplo 1)

– Manuel Cristóvão Marques da Silva
Primeiro nome: MANUEL
Último apelido: SILVA



(exemplo 2)

2. **Compare todos os dias as letras sorteadas e publicadas no «Diário de Lisboa» e as da sua grelha.** Quando uma letra publicada figurar na sua grelha, marque-a com um círculo. Se a letra aparecer várias vezes na sua grelha (o que com certeza acontecerá), só poderá marcar uma delas. Por exemplo, se o nome é «Manuel Silva» e uma das letras publicadas é um «L», só poderá marcar com um círculo um só dos «L» da grelha. Como as letras são tiradas à sorte, podem sair repetidas no mesmo dia. Neste caso, o leitor pode marcar com um círculo duas letras iguais (ou mais, se sairem três letras repetidas). ATENÇÃO: as letras publicadas só contam para o jogo a que correspondem.

3. **Quando conseguir completar uma linha de 7 letras**, na vertical, na horizontal ou em diagonal (exemplo 2), **preencha o cupão e envie-o para o «Diário de Lisboa»** dentro de um envelope dirigido a **O Jogo do Nome** e **apenas com um cupão em cada envelope. Atenção:** se houver mais de um cupão no envelope sorteado, esses cupões serão todos anulados.

O Jogo do Nome desenrola-se em 6 jogos de duas semanas cada, independentes uns dos outros e cada um com uma lista de magníficos prémios das marcas Grundig, Candy, Fagor e Progress, representados por Nacional Rádio, SARL. O leitor está convidado para participar em todos os Jogos e ... traga a sua família.

Os cupões com as grelhas vencedoras deverão estar no «Diário de Lisboa» até às 17 horas do dia do sorteio, que será sempre na quinta-feira seguinte à sexta-feira em que termina o Jogo. Portanto **é conveniente que, se tiver conseguido uma linha vencedora, o leitor meta no correio a sua carta o mais tardar até à segunda-feira que antecede o sorteio.**

Veja junto ao cupão as indicações das datas para cada jogo.

4. **As cartas contendo as grelhas vencedoras de cada jogo serão introduzidas num tambor e submetidas a um sorteio por extracção manual**, de tantas cartas quantos os prémios de cada jogo, verificando-se então se estão nas condições previstas no Regulamento, sem o que serão anuladas. No caso de ao mesmo concorrente ser atribuído mais de um prémio, será anulada a extracção do prémio de menor valor. **Este sorteio será feito na primeira quinta-feira seguinte ao termo de cada jogo** e os resultados serão publicados no DL do dia seguinte, sendo ainda feita uma comunicação postal do facto a cada premiado.

5. **Haverá um prémio especial de três libras de ouro para o premiado que tiver conseguido obter a sua linha vencedora mais cedo.** Para isso há um local no cupão que deverá ser preenchido pelo leitor com a indicação do dia em que conseguiu obter a sua linha vencedora, dia que será verificado pelas entidades fiscalizadoras do passatempo O Jogo do Nome. No caso de vários premiados terem terminado a sua linha vencedora no mesmo dia, proceder-se-á a um mini-sorteio, também por extracção manual, entre esses premiados, para determinar a quem serão entregues as três libras!

6. O cupão contendo a grelha de participação será publicado todos os dias durante as doze semanas abrangidas pelos 6 jogos e **o leitor pode a qualquer momento entrar no jogo.** Basta ler o «Diário de Lisboa» e comprar um (apenas um) exemplar que lhe proporcionará o cupão necessário para concorrer a cada jogo.

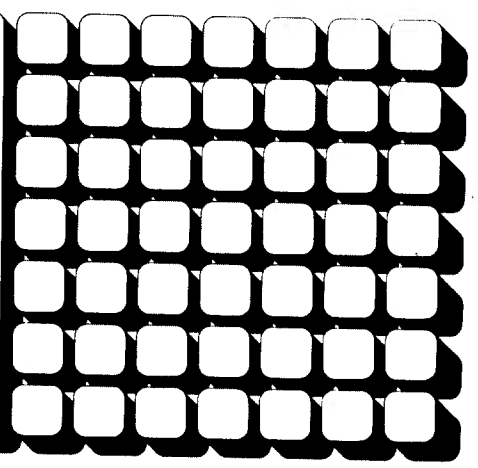
7. Os trabalhadores da Renascença Gráfica, SARL («Diário de Lisboa») não podem participar no passatempo **O Jogo do Nome.** Nenhuma correspondência será trocada sobre o concurso para além das cartas que, após cada sorteio, serão enviadas aos premiados. **As letras sorteadas não serão em nenhum caso comunicadas por telefone ou por escrito, e serão publicadas apenas uma vez no «Diário de Lisboa», no seu dia respectivo.**

8. Em princípio, **as letras sorteadas serão: 5 letras aos sábados, 3 letras nos restantes dias da semana** (excepto o domingo, em que o «Diário de Lisboa» não se publica). Os jogos começam sempre a um sábado e terminam sempre na segunda sexta-feira seguinte.

© 1975, 1976-Ken Hecht
Sob UCC-1975, 1976-Ken Hecht International Copyright Secured
Reservados todos os direitos

um novo jogo!

Jogo 2



CONSEGUI COMPLETAR A LINHA VENCEDORA DE 7 LETRAS NO DIA _____

NOME .....

MORADA .....

..... (TEL. .....)

Preencha cuidadosamente este cupão com o seu nome exactamente como figura no Bilhete de Identidade ou na Cédula Pessoal, bem como morada, telefone . Indique também o dia em que conseguiu completar a linha vencedora de 7 letras para se habilitar ao «Prémio Especial» e **ENVIE O MAIS CEDO POSSÍVEL, MAS SEMPRE DE FORMA A CHEGAR ÀS NOSSAS MÃOS ANTES DAS 17 HORAS DO DIA DO SORTEIO DO JOGO**

SÓ UM CUPÃO EM CADA ENVELOPE

ENVIE PARA
«Diário de Lisboa»
«O Jogo do Nome»
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

Jogo 2 – datas a fixar:

INÍCIO ..... sábado, 7 de Agosto
TERMO ..... sexta-feira, 20 de Agosto
ENVIO PELO CORREIO até segunda-feira, 23 de Agosto
DIVULGAÇÃO DOS PREMIADOS sexta-feira, 27 de Agosto

PRÉMIOS

NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

em Marcas que valem ouro!

GRUNDIG Candy FAGOR PROGRESS

Representante Oficial NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

Reunião durou três horas

ANOP: Balsemão não convenceu Eanes

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, solicitou a Pinto Balsemão explicações mais fundamentadas sobre a tentativa do Governo de extinguir a ANOP. Após um encontro inserido na audiência normal das sextas-feiras que durou cerca de três horas, o Primeiro-Ministro disse aos jornalistas que a questão voltará a ser debatida em próxima reunião. «A conversa ainda não acabou – disse Balsemão – o Presidente expôs a sua posição e da minha parte resultará o envio de alguns elementos que considero úteis ao Presidente da República.»

Relativamente à proposta dos trabalhadores da ANOP para início de negociações com o Governo, visando a criação de uma cooperativa, o chefe do Executivo disse que «está a ser estudada, não havendo ainda uma resposta oficial».

Balsemão reconheceu que a extinção da ANOP «só se consuma mediante determinados actos jurídicos, que não dependem apenas do Governo», embora tenha insistido na irreversibilidade do processo «em termos económicos».

«Primeiro passo»

Por outro lado, e a confirmar a denúncia já feita pelos sindicatos de que o caso ANOP é o primeiro passo de uma grande escalada contra o sector público da Comunicação Social, o Primeiro-Ministro disse que o processo ANOP «não deve ser individualizado» por «fazer parte de uma determinada política estrutural, que tem a ver com a viabilização do sector público e do próprio Estado».

Comparando o caso da ANOP com o da empresa pública SNAP Balsemão expôs a ideia de que o «sector público para ser forte e prestigiado tem de ter uma determinada dimensão e uma determinada função social» e de que, como nas pescas, a opção pelo privado «é política».

Interrogado sobre se a ANOP não tem uma função social, respondeu que uma agência noticiosa desempenhará melhor – e neste entendimento reside o aspecto político – a sua função se não depender directamente do Governo e se puder assegurar uma independência económica», escamoteando o facto de o próprio Governo ter previsto um subsídio anual de, pelo menos, 150 mil contos para a chamada Porpress.

Apoios à ANOP

Entretanto, os apoios à luta dos trabalhadores da ANOP continuam a aumentar, dentro e fora do País. O secretário-geral da Federação Internacional de Empregados e Técnicos (FIET) protestou junto do Primeiro-Ministro contra o encerramento da ANOP – anunciou o sindicato dos escritórios. Num telegrama a Balsemão a FIET protesta, «em nome dos 7,5 milhões de trabalhadores seus filiados, contra a decisão governamental de fechar a agência noticiosa portuguesa, em prejuízo de 263 postos de trabalho». «Esta decisão – entende a FIET – não só agrava a já séria situação de desemprego em Portugal, como também representa uma séria deterioração da Comunicação Social».

Aquela federação pede ao Governo para abrir negociações «imediatamente com os sindicatos envolvidos, incluindo o seu filiado (Escritórios, Comércio e Serviços) para conseguir uma solução aceitável para ambos os lados».

Também os jornalistas franceses manifestaram solidariedade activa contra a decisão do Governo português de extinguir a agência ANOP. Em telex enviado ao Sindicato dos Jornalistas Portugueses, o sindicato francês da classe, filiado na CGT, afirma que a «criação de um sector público da Comunicação Social em Portugal, depois da Primavera de 1974, foi uma conquista e um exemplo para todos os jornalistas que trabalham em órgãos de informação».

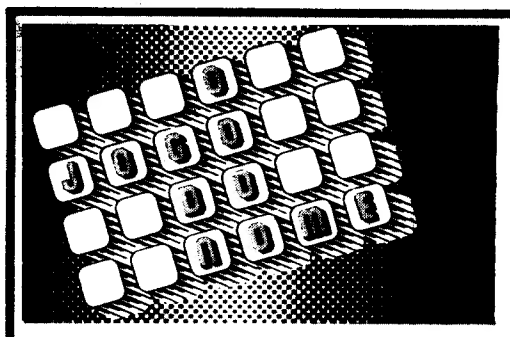
Telegramas de numerosos sindicatos, CT's, personalidades, etc., de apoio aos trabalhadores da ANOP continuam a afluir às instalações da agência. Por sua vez, os trabalhadores do matutino «Portugal Hoje», reunidos em plenário, reafirmaram o seu apoio à luta contra o encerramento da ANOP e à greve geral da Comunicação Social marcada para o dia 10.

Em declarações ao «Expresso», José Alfaia ao mesmo tempo que diz estar o dr. Proença de Carvalho **muito bem** na Televisão – refere que parte «significativa» dos trabalhadores da ANOP poderia ser absorvida pela Porpress. Acrescenta, todavia, que para efeitos de admissões (nessa empresa ou noutras) os trabalhadores do «PH» estarão em pé de igualdade com os da ANOP. Nota curiosa: Alfaia parece saber já aquilo – encerramento definitivo? – que a administração do jornal privado «PH» nunca indicou aos trabalhadores do jornal suspenso.

Agências estrangeiras preocupadas

As agências estrangeiras que mantêm contratos com a ANOP (UPI, Associated Press, DPA, Reuter, EFE, Ansa, Tass, Tanjug) estão alarmadas com a decisão do Governo de mandar cessar imediatamente a actividade da ANOP. Em alguns casos (UPI, DPA, Ansa, Tass) os respectivos circuitos de telecomunicações dependem da ANOP.

Por outro lado, há contratos a cumprir e alguns representantes dessas agências já contactaram o coordenador da Porpress, Macedo e Cunha, que não lhes forneceu quaisquer garantias ou informações sobre o processo de extinção da ANOP e lançamento da nova agência.



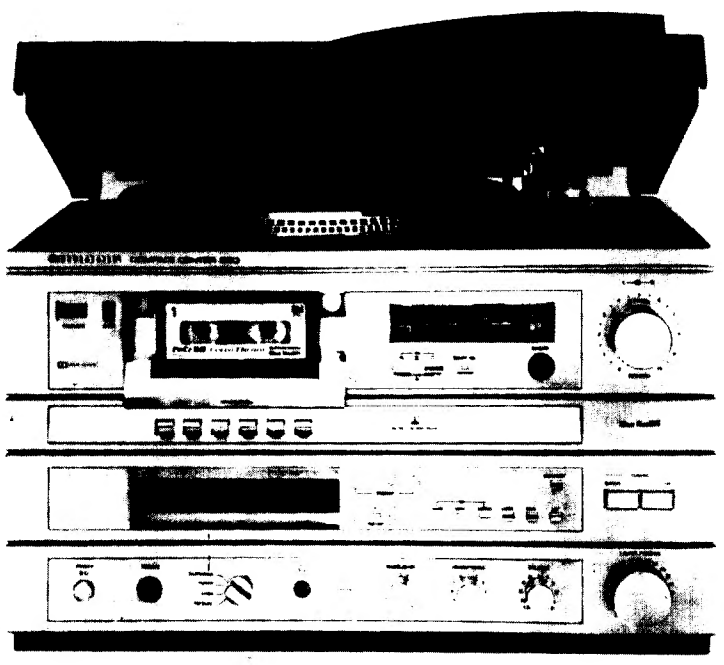
ESTES SÃO OS SENSACIONAIS PRÉMIOS JOGO 2

Candy PROGRESS

das Conceituadas Marcas ... que valem ouro!

FAGOR

GRUNDIG



1.º Prémio do jogo 2
Um conjunto Hi-Fi GRUNDIG CC430 com 2 «Box» 350 no valor de 48.100$00

Sintonizador-amplificador GRUNDIG R 400 com 2X25 W nominal, gama de ondas para FM, OM, OL e OC, mais gravador de «cassettes» GRUNDIG CF 400 com sistema de redução de ruído Dolby NR e controlo manual dos dois canais, mais gira-discos GRUNDIG Hi-Fi semiautomático com transmissão por correia e cabeça magnética. Todos os aparelhos são reunidos em monoblocos e interligados internamente. Dois «Box» 350.

O jogo 2

O leitor já conhece as regras: são as mesmas do Jogo 1 e serão as mesmas nos próximos jogos. Três letras de segunda a sexta e cinco ao sábado, num total de 40 letras por jogo. Veja as datas junto do cupão, envie só um cupão por envelope quando conseguir a linha vencedora e, não esqueça, as letras repetidas só contam quando saem no sorteio mais de uma vez. Divirta-se neste jogo inocente que lhe dará prémios magníficos de marcas representadas pela NACIONAL RÁDIO. Jogue connosco!

E se tiver alguma dúvida, telefone-nos: não lhe diremos as letras sorteadas, mas poderemos esclarecê-lo, no que respeita ao regulamento do Jogo do Nome.

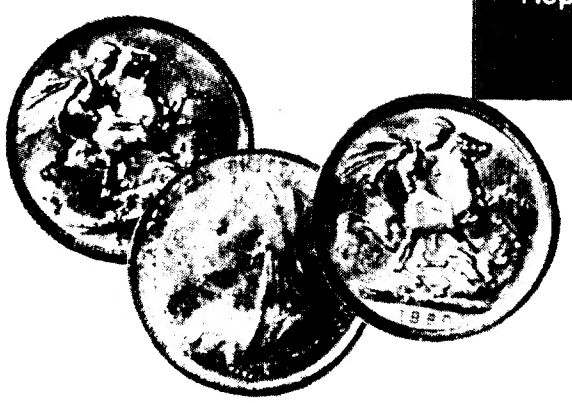
VALOR TOTAL DOS PRÉMIOS DO JOGO 2: cerca de 300 CONTOS!

DIVIRTA-SE E GANHE DINHEIRO!

PRÉMIO ESPECIAL PARA O PREMIADO MAIS RÁPIDO

De entre os 25 premiados, o mais rápido a completar a linha vencedora receberá 3 libras de ouro, no valor aproximado de 25 contos. É um prémio especial que lhe oferece a NACIONAL RÁDIO! (Veja o n.º 15 do Regulamento na página anterior).

3 LIBRAS DE OURO!



Representante Oficial NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

Jogo 2 – lista de prémios

1.º – Um CONJUNTO HI-FI GRUNDIG CC430+2/Box 350	48.100$00
2.º – Uma MÁQUINA DE LAVAR LOUÇA FAGOR VI 5300	39.800$00
3.º – Uma ARCA CONGELADORA CANDY EL2	30.450$00
4.º – Um TELEVISOR GRUNDIG Portátil P1722, Preto e Branco .	16.700$00
5.º – Um RÁDIO DE MESA GRUNDIG RF 740	9.350$00
6.º a 10.º – Um RÁDIO GRAVADOR Portátil GRUNDIG RR 250	cada 8.250$00
11.º a 15.º – Um EXTRACTOR DE SUMOS PROGRESS K28	cada 6.400$00
16.º a 25.º – Um RÁDIO GRUNDIG Portátil PARTY BOY 700	cada 4.100$00

Uma das últimas reuniões do Conselho da Revolução

A recondução ao projecto de Abril

Rito Canedo

Se a reunião de Porto de Mós se extinguir em si mesma, não se projectando na actuação futura dos conselheiros da revolução e na acção global dos militares de Abril, poderá dizer-se que não vale a pena, que «não foi importante», nem significativa, com razão ficando o ministro da DN, Diogo Freitas do Amaral, na sua última rábula da TV, quando, ao afirmar que o encontro tinha sido «pouco importante mas significativo», quis por certo dizer: muito importante porque pouco significativo.

No entanto, como os conselheiros sabem e como foi dito por alguém, Porto de Mós poderia e pode ser um marco histórico, como o foram Évora e Óbidos, na marcha história do 25 de Abril.

Se os políticos – socialistas e sociais-democratas – com assento na A.R., auscultassem, como era de seu dever, os problemas e as aspirações do povo português, desde o degradado leste transmontano até às remotas serranias algarvias e se não deixassem conduzir, em assuntos fulcrais para o país, por interesses meramente partidários, por intrigas tecidas em restaurantes lisboetas, por estratégias pessoalistas de tomada do poder, por espúrias alianças de objectivos desligados do país real em que vivemos, e se os socialistas correspondessem mais aos interesses dos trabalhadores e às exigências da sua própria consciência de cidadãos livres e progressistas e não a uma atrofiante e prometedora disciplina partidária – com ou sem declarações de voto, que poderão salvaguardar posições morais, mas não os livram da cumplicidade real – então sim, a vontade colectiva consubstanciada nos militares que tornaram possível a revolução e o fim da ditadura, poderia ser hoje, chegados quase que somos ao final do período de transição, um amplo espírito clarificador de uma diferente maneira de estar dentro das Forças Armadas e do relacionamento destas com a nação civil. Isso e só isso apenas.

Mas quando o objectivo D – de Democratizar – expresso no Programa do Movimento das Forças Armadas e a exigência incondicional dos **Capitães de Abril,** é posto sistematicamente em causa por uma direita reaccionária, que vai buscar a um voto (de duvidosos esclarecimentos) a «legitimidade» para se opor, cada vez mais claramente, aos rumos político e sócio-económico apontados pela revolução de Abril, então Porto de Mós já não será uma breve emanação daquele espírito, um convívio de recordações todo virado para o passado, mas de novo o exercício de uma vontade que se mantém viva a afirmação de um consenso dinâmico empenhado no presente para se salvar o futuro.

Uma assembleia de delegados do MFA

E esta vontade colectiva, este dinâmico consenso que foram capazes de vergar as forças opressoras de 48 anos de fascismo, terão de ser escutadas pelas democráticas e não mais poderão deixar-se achincalhar por um qualquer poder de circunstância. Laivos de sabor antidemocrático nesta afirmação?

Um sintoma de revolucionarite que incomoda e perturba? Talvez. Mas será democrática a sanha hostilizante contra o PR vinda de órgãos de soberania, de deputados eleitos pelo povo, de políticos anti-fascistas do passado? Será conforme à democracia Sergiana e à abertura ao socialismo humanista de Antero, de que tantos, à esquerda, se reclamam, a agressão sistemática, miudinha e revoltante a esse enorme baluarte da Democracia que foi e é o Conselho da Revolução, com todo o sólido apoio que vai buscar aos militares de Abril?

Se os democratas da classe política civilista receiam o CR e ouvem alarmados a palavra consensual, aberta e livre de militares que tudo deram de si e tudo fizeram em actos provados e incontestáveis para lhes pôr o poder nas mãos e a inteira responsabilidade dos destinos do país, não será ainda mais aceitável que esses militares, com provas dadas de desinteresse pelo poder, receiem também essas instituições, saídas de uma **consciência eleitoral periclitante** (1) e esses políticos afadigados apenas em cuidar de si e da ufana glórica do mando? Não será lógico o seu receio, naturais os seus cuidados, quando os vêem a eles – instituições e políticos – envolvidos numa prática política condenável, afastada do espírito do 25 de Abril, semeando a intriga e o desencanto, moldando o quadro da ruptura político-social, enfraquecendo a unidade nacional e criando condições para o apagamento dos homens de Abril, da sua dinâmica democrática? Não se enfraquecerão, assim, os ténues alicerces da Democracia, abrindo-se o terreno da intriga e da divisão a sucessivos golpes constitucionais das forças no poder e fora dele, que nada têm a ver com o 25 de Abril?

Quando o cenário político e inconstitucional apresenta brechas deste tamanho, onde jaz sepultada a credibilidade da actual direcção do PS (2), adivinha-se facilmente o teor constrangedor da Lei-Quadro da Defesa Nacional que Freitas do Amaral e seus colaboradores aprestam-se a fazer passar, já sem a fiscalização de constitucionalidade do CR. E imagina-se também, sem a menor espécie de sofisma, o grau de permissividade da actual hierarquia a essa tentativa legal de submissão dos militares, na justa medida em que os lugares de chefia estarão, a partir de agora, presos por um fio à vontade do **patrão** (palavra de F.A.).

Se os quadros médios e superiores das Forças Armadas, para quem o 25 de Abril foi um acto de rebelião contra a **ordem instituída** e o seu espírito permanece perigosamente contra a **ordem estabelecida,** são a desgraça que todos nós sabemos (3), que se poderá esperar deles ou dos que virão após o desaparecimento do CR e depois da total subordinação a um governo de direita e da marginalização militar do PR? Não é verdade que então começará abertamente a caça ao espírito do 25 de Abril nos militares que o assumem ou o defendam?

É este o alerta ditado pela razão – não inquinada de pessimismos – que lanço a todos quantos, em Porto de Mós, levaram aos membros do CR o abraço, o carinho e o incondicional apoio para que a força viva e espontânea de Abril se não transforme numa romântica natureza morta ou numa estrofe épica de poema arquivado.

Se Abril foi um **projecto** e não um logro, é preciso saber-se ouvir a severidade, a paixão e o empenho dos debates de Porto de Mós, para que se lhes dê uma adequada interpretação e se faça a recondução a esse projecto dinâmico ainda por cumprir.

(1) Porque se vota e quem vota CDS após 48 anos duma ditadura de direita?

(2) Quem irá acreditar em Mário Soares/Almeida Santos que vieram agora reclamar o afastamento da AD da área do Executivo, depois do total entendimento com ela na redução dos poderes do PR e na revisão do contexto político e social da Constituição, cedendo onde ela queria que cedesse e proporcionando-lhe a moldura técnico-jurídica necessária ao seu completo domínio dos mecanismos político-militares inerentes ao próprio Estado?

(3) Não é verdade que um dos conselheiros de Porto de Mós afirmou recentemente que, a serem substituídos, depois de uma eventual resignação, sê-lo-iam, certo e sabido, por elementos adversos ao 25 de Abril?!

ponto a ponto

● Na sequência das posições que vem tomando e de um apelo dramático que acaba de receber da Federação dos Sindicatos da Palestina, a CGTP-IN mais uma vez condenou a acção dos agressores israelitas e «exige que o Governo português assuma de uma vez por todas, uma posição de inequívoca condenação das acções terroristas do governo de Begin, secundado pelo seu primeiro aliado, a administração Reagan, e que actue internacionalmente de uma forma consentânea com essa condenação, e com as decisões da ONU sobre a matéria».

● A Banda da Força Aérea dará amanhã um concerto, às 21.30, no Castelo de Leiria, numa organização conjunta da Câmara Municipal e da Base Aérea n.º 5, de Monte Real.

Esta banda, dirigida pelo maestro tenente Mário Marques, interpetará obras de Orsomando, Wagner, Massenet e Bernstein, nomeadamente.

● Passou ontem mais um aniversário sobre o falecimento do dr. Joaquim Bastos. Desde a Universidade que Joaquim Bastos, democrata coerente, aberto às ideias do seu tempo, esteve sempre presente no combate antifascista. Com especial empenho assessorou a candidatura à Presidência da República do general Humberto Delgado de quem foi amigo dedicadíssimo.

O seu escritório, na Rua do Alecrim, estreitamente vigiado pela PIDE, foi uma caixa de correio para o general Humberto Delgado, um ponto de encontro, um local de conspiração.

O dr. Joaquim Bastos, que os amigos recordam com saudade, foi um resistente ao fascismo.

● Evocando a data trágica de 6 de Agosto de 1945, em que a cidade japonesa de Hiroshima foi arrasada pela primeira bomba atómica lançada e produzida pelos Estados Unidos, o Movimento de Opinião «Não às Armas Nucleares em Portugal» promoveu ontem no Rossio um comício-festa que reuniu principalmente jovens.

Eram 8 horas e 10 minutos de um dia de trabalho como os outros quando surgiu no espaço um avião como os outros mas transportando no seu ventre a mais mortífera das armas jamais produzidas pelo homem: a bomba atómica.

Em poucos minutos Hiroshima era um amontoado de cinzas e uma grande fogueira. Quase imediatamente morreram 130 mil pessoas e mais 70 mil morreriam nos dias seguintes no meio de terríveis sofrimentos.

Os efeitos ainda hoje se fazem sentir nos sobreviventes e seus descendentes.

Hoje, 37 anos depois, os senhores da guerra armazenaram já armamento nuclear que dá para destruir um planeta maior que a Terra.

● Cerca de duas centenas de recrutas do Regimento de Artilharia de Leiria juraram ontem bandeira, na presença do segundo comandante da Região Militar do Centro, brigadeiro Gonçalves Passos. Estiveram também presentes à cerimónia o governador civil de Leiria. o presidente da Câmara Municipal e o comandante distrital da PSP.

● O general Melo Egídio, acompanhado do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Lemos Ferreira, deslocou-se ontem em visita de contacto e de trabalho, à Base Aérea n.º 5, em Monte Real.

Era aguardado à chegada pelo sub-CEMFA, general Abreu Proença, pelo comandante operacional da Força Aérea interiono, brigadeiro Jesus Vazquez e pelo comandante da Base coronel Aleixo Corbal.

Melo Egídio assistiu, depois de receber as honras militares, a uma exposição sobre a organização da Unidade, os seus meios, as actividades operacionais e estado de prontidão, visitando em seguida demoradamente, as diversas instalações técnicas da base.

Acompanharam também o CEMGFA nesta visita, o general Paulino Correia, adjunto do Chefe do Estado-Maior-General para as Operações o chefe do gabinete coronel Areia e o ajudante de campo, capitão Ferreira.

MUNICÍPIO DE OEIRAS • CÂMARA MUNICIPAL

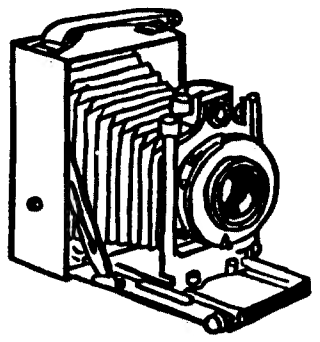
Torne o seu verão mais animado concorrendo ao

CONCURSO DE FOTOGRAFIA

ABERTO DE 1-8 A 15-9

TEMA

OEIRAS, CONCELHO A PERSERVAR



Informações e regulamento ao seu dispor no
PELOURO DE ANIMAÇÃO CULTURAL - C.M.OEIRAS
Tel. 2431500 Ext. 264 - 2780 OEIRAS

O VEREADOR DO
PELOURO DE ANIMAÇÃO CULTURAL
Eduardo Pedroso

MEIA-HORA

CONTINUAMOS COM A GRANDE

LIQUIDAÇÃO

AGORA COM PREÇOS MUITO ABAIXO DO CUSTO

CINTAS • SOUTIENS • LINGERIE
DAS MELHORES MARCAS

PRONTO-A-VESTIR
DE BOM GOSTO E QUALIDADE

MEIA-HORA LARGO RAFAEL BORDALO PINHEIRO, 1 (AO CHIADO)

CONTINUA

A LIQUIDAÇÃO TOTAL DA EXISTÊNCIA

NA STOP

RUA DO OURO, 260 — LISBOA

BIKINIS	desde 35$00
COMBINAÇÕES..	desde ....347$50
CAMISA DE NOITE	DESDE 250$00
ROBES TURCOS	850$00
ROBES VELUDO	997$50
SAIOTES	147$50
PIJAMAS MALHA	497$50

PRONTO A VESTIR * MALHAS

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

entrevista

Helena Roseta

«Era a melhor da turma» disse uma colega de liceu, a propósito de Helena Roseta, quando recentemente lhe fizeram um «Perfil». Na política, na «turma» do PSD, ela está sempre na primeira fila, não se intimida com os «professores». Pode não ser a «melhor», afirmam uns; é «diferente», todos concordam. Empenha-se a fundo naquilo que para ela é importante. Foi capaz, mesmo, de ir até à renúncia, como aconteceu agora com o «Caso do PRP».

Helena Roseta, agora, longe do Parlamento, lê, escreve, conversa, faz projectos. A situação económica do País preocupa-a: dois artigos recentes são críticos em relação ao Governo AD: a ausência do cumprimento das promessas no sector da Habitação e da taxa de inflação.

Falámos mais da «classe política» do que de «políticos» de «mentalidades» do que «afirmações», de «comportamentos» do que de «intenções», de livros do que pessoas.

«As pessoas anulam-se umas às outras» – desabafa Helena Roseta, ao longo desta entrevista – «E isso tem de acabar».

"O unanimismo é um

«DL» – Qual é, neste momento, a sua relação com a política? Sempre conflituosa, poderia dizer-se que não consegue viver «nem com a política nem sem ela»?

Helena Roseta – A política, para mim, é uma forma de estar na vida. É uma forma de combate pelas coisas que acho justas. A situação é conflituosa, porque acho que há tantas coisas injustas, que nunca estou quieta e nunca estou satisfeita com aquilo que alcanço. Acho que é preciso pedir sempre mais. Todas, as soluções que têm vindo a ser encontradas e nas quais eu tenho participado, têm aspectos positivos e negativos. Eu sou mais sensível aos negativos e quero sempre melhorar. É de resto, uma característica aprendida e herdada do Movimento Social-Democrata Europeu. A grande polémica entre os revolucionários e os reformistas. Nos sociais-democratas alemães, entre Rosa Luxemburgo e Bernstein, a polémica girou entre os métodos e os objectivos de luta. Bernstein tinha razão nessa polémica, porque dizia uma coisa muito importante: social-democracia é movimento. A social-democracia nunca pode estar quieta. Quer sempre mais, não há «manhãs radiosas»; em social-democracia, há «presentes inquietos». E são esses presentes que motivam a luta por um novo amanhã, que vai ser inquieto. É assim que eu encaro a política.

«DL» – Mas estamos em Portugal. E o que é hoje a social-democracia no nosso país?

Helena Roseta – A social-democracia, em Portugal, continua a ser tentativa de encontrar uma solução mais justa para o nível e qualidade de vida da população portuguesa. Em 1974, toda a gente dizia que a social-democracia não era viável em Portugal. Hoje, toda a gente que tem pretensões políticas se diz social-democrata ou próximo. Isso demonstra que a social-democracia, aqui, não é impossível, mas corresponde àquilo que a maioria da população desejaria encontrar. Uma solução moderada, por passos progressivos, democráticos, mas sempre na procura de encontrar o melhor.

O PSD é um momento

«DL» – Mas quando diz que social-democracia é movimento, isso é uma condenação inequívoca do que é hoje o PSD?

H.R. – A vida do PSD em termos de vida social-democrata europeia é um momento e em termos de história do meu partido é também um momento. O PSD está no Governo há três anos. É muito pouco para julgar o trabalho de um partido. Mas o PSD tem já um contributo importante, por exemplo no desenvolvimento da autonomia das ilhas, na participação juvenil na actividade política ou no esforço de reformulação de um sistema que em 74/75 caiu em excessos colectivistas.

Hoje o PSD está ainda a ressentir-se de uma crise de sucessão, que era fatal, depois da morte de Sá Carneiro. Vai demorar algum tempo a sair dessa crise. Está, também, a ressentir-se do cansaço do que foram estes oito anos de luta, aliás como todos os outros partidos. Todos os partidos estão desgastados por oito anos de combate intenso. Penso que o PSD ainda tem muito que fazer, muito caminho para andar e isso passa por uma reformulação interior, dentro do PSD, que tem de ser começada desde já.

Helena Roseta, divide-se entre Lisboa e Paris (onde o marido se encontra como Embaixador de Portugal na OCDE). Lê biografias, explicações para o presente buscadas no passado. Uma das suas leituras mais recentes, o livro da social-democrata inglesa Shirley Williams, que recentemente abandonou o Partido Trabalhista – diz a certa altura que a «política é para as pessoas». Helena Roseta fala nisso com entusiasmo:

Helena Roseta – Acho isso fundamental. Sempre me chocou muito como mulher, os políticos que vêem a política como um jogo, quase um jogo de soldadinhos de chumbo. Isso choca-me profundamente. A política, acho eu, é uma actividade que é importante para conseguir resultados para as pessoas...

DL – Mas nunca entrou nesse jogo?

H.R. – ... quando se está envolvido na política, naturalmente que tem de se saber o que significa estratégia e táctica. Tem de se analisar os vários dados do problema, mas não se pode confundir isso com os objectivos de fundo. Transformar a política num jogo de xadrez é que é, para mim, perfeitamente intolerável...

DL – Não é o que está a acontecer em Portugal?

H.R. – Acontecer não é bem, até porque eles não sabem jogar xadrez. Como social-democrata, estou mais interessada no bem-estar das pessoas do que no jogo do bota-abaixo, bota-acima: isso para mim não tem nenhum significado, embora para conseguir o primeiro objectivo seja necessário alcançar o Poder.

Perversão das palavras

Desde que renunciou ao mandato de deputada, pelas posições assumidas no «Caso PRP», muita gente pensou que Helena Roseta tinha chegado ao fim. Começou agora. Quando na Comissão Política Nacional do PSD foi votada a sucessão de Sá Carneiro, apenas houve dois votos contra Pinto Balsemão: o de Helena Roseta e Pedro Roseta. Quem apoia hoje Pinto Balsemão? Poderia ter sido tudo dentro do PSD, chegado a membro do Governo. Preferiu ficar mais próxima das «bases»: o seu grande «capital». As únicas manifestações públicas de apoio ao Governo AD foram de iniciativa de Helena Roseta. Alguém dizia que, também na política, era necessário destruir certas palavras. Que palavras destruía a arquitecta Helena Roseta?

H.R. A questão não está em destruir certas palavras. Acho que há uma perversão semântica. As palavras são usadas para dizer outras coisas. As pessoas pervertem as palavras. Uma das palavras, em que há maior perversão no uso, em termos ocidentais, é «socialismo». Chama-se país «socialista» à União Soviética; ora a União Soviética não tem nada a ver com aquilo que os próprios socialistas chamam «socialismo». Há logo aqui uma perversão semântica. Podia indicar muitas outras. Aqui em Portugal fulaniza-se tudo, é o «gonçalvismo», o «eanismo», o «sá-carneirismo». Mais do que fulanização, seria importante discutir o pensamento político dos próprios. Sá Carneiro tinha, de facto, um pensamento político. Duvido que Eanes o tenha e se tem, não sei qual é.

Coesão institucional

DL – No último Conselho Nacional, a Helena Roseta perguntou pelos «projectos dos anos 80». Ninguém respondeu...

H.R. – Eu já nem penso nos anos 80. A mim preocupa-me o que é que vamos fazer para os anos 90 e 2000. Já estamos a meio dos anos 80. Em termos políticos, temos de ter objectivos a prazo e tratarmos de chegar lá. O que eu disse no Conselho Nacional é que, neste momento, no nosso País, não existem projectos nacionais de desenvolvimento. Estamos a trabalhar com base nos projectos do tempo de Marcelo Caetano, dos anos de 60, numa fase de expansão da economia portuguesa e também internacional, com alguns desses projectos perfeitamente ultrapassados. Por exemplo, o Plano Siderúrgico Nacional tem aspectos importantes. Mas esse Plano concebido em termos de anos 60 e 70 é uma coisa e, para os anos 80, é outra. A Europa, para a qual queremos entrar, tem excessos siderúrgicos e quando, na Europa, estão a fechar fábricas, nós estamos a querer implementar a nossa produção. Vamos encontrar uma resistência brutal nos nossos parceiros europeus que dizem: «isso já deu». Isto tem de ser ultrapassado com projectos novos, projectos tecnológicos, projectos de importação, projectos de energia, projectos de informação...

DL – Mas como compatibiliza isso, como dirigente de um partido que está no Governo, com a melhoria da qualidade de vida das pessoas. É bom pensar nos anos 90, mas como viver até lá, neste País, e em que condições?

H.R. Pois, eu compreendo isso e já lhe respondo. No entanto, o que eu queria demonstrar é que este País tem de se abrir à modernidade, compreender os fenómenos que se estão a passar no mundo, para conseguirmos acertar o passo em Portugal com esses fenómenos. Na prática, eu não tenho nenhumas ilusões de conseguir para amanhã que todos os portugueses tenham mais 50 por cento daquilo que têm hoje. Isso é completamente impossível. A melhoria das condições de vida em Portugal, é possível fazer-se, mas exige condições que até não há neste momento...

DL – Que condições?

H.R. – ...que haja coesão entre os órgãos políticos responsáveis pelas decisões e essa coesão não existe. O Presidente da República está por um lado, a Assembleia está por outro, o Governo por outro, e o Conselho da Revolução por outro. Anulam-se todos uns aos outros. Sem haver essa coesão, como é que se pode avançar com projectos políticos que têm de ser feitos com continuidade e não com crises permanentes? Andamos a dizer que é preciso resolver os problemas do povo português, mas ao mesmo tempo, todos a arranjar crises que impedem a sua resolução. É um ciclo vicioso, na qual a classe política se meteu, e para o qual a classe política tem de arranjar saída...

DL – Mas faz parte dessa classe política...

H.R. – Faço parte, e tenho estado em muitas dessas crises. Para a solução desta, só vejo uma solução: a compatibilização entre todos os órgãos de soberania, o que só é possível com eleições legislativas e eleições presidenciais. Enquanto não houver essa coesão, não é possível. Vamos andar aos altos e aos baixos: ano de vacas magras, ano de vacas gordas, mas sempre magras no seu geral.

tique fascista..."

Num ano, temos a Balança de Transacções completamente desequilibrada, apertamos o cinto, fazemos restrições; noutros anos, a situação estabiliza um bocadinho, tenta-se um certo relançamento, como se tentou no ano de 80 com Sá Carneiro. Só que esse relançamento precisava de ser continuado...

DL – Um beco sem saída?

H.R. – As coisas são muito relativas. Nós somos um país de 10 milhões de habitantes, temos um produto per capita de dois mil dólares, o que é menos de metade do espanhol e 1/5 ou 1/6 dos restantes países evoluídos da Europa. Há países, no entanto, muito piores do que nós. Com muito mais população e com muito mais pobreza. O nosso caso não é propriamente um caso dramático em termos internacionais, é um caso difícil. Difícil, sobretudo, porque andamos à deriva. Sofremos modificações históricas extremamente importantes, desde a queda de uma ditadura de 50 anos, ao fim de uma colonização de 500 e o país ainda não encontrou um projecto nacional alternativo a essas modificações. Temos a democracia, mas ela na prática não tem significado em estabilidade política. Tem havido um excesso de rotatividade política, que não permite avaliar sequer o que é que cada força política é capaz de fazer; temos um projecto de adesão à Europa que, construído neste clima de crise, também não vai dar os resultados que deveria dar se fosse preparado com mais estabilidade. Por tudo isto, há hoje em Portugal uma ausência de projecto comum a que os portugueses se sintam identificados e a consequência disso é um certo desinteresse, um certo marasmo, uma certa degradação, a incapacidade de nos mobilizarmos, um vazio cultural que está por trás disto...

DL – De que a classe política é muito responsável?...

H.R. – E também da classe jornalista. Não estou a ofender ninguém, mas na verdade há uma pobreza cultural, com a qual não é possível encontrar as grandes soluções para resolver os grandes problemas.

Tiques fascistas

Helena Roseta perdeu o emprego antes do 25 de Abril por «motivos políticos». *Foi interrogada pelo célebre Tinoco. Sorri-se «Depois do 25 de Abril fui a uma sessão de esclarecimento sobre a Habitação. O homem que tinha contribuído para o meu despedimento também estava na Mesa... mas à minha esquerda. Foi-se embora quando me viu ali...». Insiste em que, neste momento, o problema antes de ser «económico e político» é «moral e cultural». E adianta:*

H.R. – ... o país precisa de enriquecimento universitário, jornalístico, etc. Tudo isto demora tempo. Nós estamos a trabalhar com pessoas que nasceram durante o fascismo. O mais difícil de combater são as mentalidades e hoje em dia há ainda muitos tiques fascistas na mentalidade das pessoas. Mesmo na das pessoas que são democráticas. Há tiques fascistas que é difícil combater...

DL – Por exemplo?

H.R. – O que eu acho mais corrente? É as pessoas exprimirem-se dentro dos partidos democráticos, sistematicamente, do grande desejo de toda a gente se dar bem com toda a gente...

DL – A unanimidade?

H.R. – O unanimismo. É um tique fascista. Toda a gente não tem nada de se dar bem com toda a gente. A democracia resulta do reconhecimento da divergência, do reconhecimento que ninguém tem 100 por cento da verdade: nem eu, nem o meu parceiro, nem o meu adversário e daí deriva a tolerância. Vamos dialogar ou vamos combater, mas vamos respeitar-nos. Pessoas que são democráticas, que combateram contra o fascismo têm tiques fascistas sem disso darem conta. E esta é a pior herança do fascismo: as mentalidades, a falta de hábitos...

Helena Roseta insiste na necessidade de reflexão. «Oito anos depois do 25 de Abril, as pessoas não vivem melhor, vivem pior, na sua generalidade». Recentemente, escreveu um artigo sobre a habitação.

«Ajude o País, viva ao relento» – lia-se. Nos últimos tempos, tem-se dedicado a analisar mais os aspectos económicos, a consultar os dados da OCDE. No Conselho Nacional, questionou o Ministro das Finanças e do Plano. «É cada vez mais importante estudar, perceber por que é que continuamos com estes problemas».

A reflexão: a acção

DL – Mas não se pode ficar pela reflexão...

H.R. – A reflexão acompanha a acção. O problema é que nós tivemos, a seguir ao 25 de Abril uma alta rotatividade. As crises foram todas seguidas, as pessoas tiveram todas muitas responsabilidades, andaram todas metidas em muitas confusões e nem houve tempo para pensar.

Quando uma pessoa esteve X anos no Poder, tem de viver com aquilo que já leu antes ou que já tinha aprendido antes. Quando lá está não tem tempo para reflectir. Isto tem de ser ultrapassado.

Se não falamos do «partido presidencial», do PSD, dos «críticos», como é? – pergunto-lhe. Os nomes não são importantes. Ri-se e utiliza uma expressão muito frequente ao longo das dezenas e dezenas de horas em que conversamos: «Os mesmos são sempre os mesmos», ou então, «temos de ter todos o mesmo tamanho. Aos melhores cortam a cabeça e aos piores, esticam os pés». Eanes? Desde sempre, Helena Roseta tem sido sua adversária política.

DL – Vem aí o chamado «partido presidencial»...

H.R. – Não sei o que é o tal partido presidencial. Se se quer fazer um novo partido, que se faça o mais depressa possível. Parece-me mais saudável que aqueles que têm outras ideias, as apresentem, as assumam, e se organizem, do que andarem a defender essas ideias dentro dos partidos existentes, a corroer tudo. Não sei qual é o programa nem os dirigentes desse partido.

Para já, não tenho nada contra esse partido. Mas repare: esse partido, se aparecer, e for o partido do sr. Presidente pode perder eleitorado, pois há gente que votou Eanes por ele não ter partido; se aparecer surgirá na área da social-democracia. Isso a mim não me preocupa nada. Confio no PSD, no programa, nos militantes... o resto é uma conjuntura.

D.L. – Continua a defender que as eleições seriam uma saída para esta crise?

H.R. – Defendi a solução de eleições antes de se iniciarem os trabalhos da revisão constitucional no plenário. Achei que era extremamente difícil chegar a determinados acordos e que era preferível eleições, sem esgotar os poderes constituintes. As eleições nessa altura, por iniciativa do próprio Governo, teriam a meu ver um resultado claro, a AD voltaria a ganhar e isso obrigaria a uma renúncia do Presidente da República, o que alterava todo o quadro da revisão constitucional. Isto não foi seguido e era uma estratégia arriscada, como eu também reconheço. Logo que o processo de revisão entrou em discussão na Assembleia, não devia haver crises governamentais.

D.L. – E terminada a revisão constitucional?

H.R. – ...Se o Presidente da República tomar a iniciativa de demitir o Governo, o que é provável, pelo menos segundo as suas próprias palavras, a menos que mude de ideias, o que também é provável, já que o fez muitas vezes. Se ele demitir o Governo, a Aliança Democrática não deve formar novo Governo e deve pedir eleições. Não vamos passar a vida a fazer alternativas de Governo à mesma coligação.

«A política para mim é uma forma de estar na vida»

ao mesmo Programa. Isto, sem embargo, desta minha posição ter sido alvo de condenação expressa no último Conselho Nacional. Mas eu tive oportunidade de votar, já que não fui chamada como outros conselheiros foram... de manhã.

Helena Roseta renunciou ao cargo de deputada por causa do «Caso PRP». Menéres Pimentel, ministro da Justiça viria a contemplar as reivindicações dos preços do PRP. E ninguém reconhece razão aos deputados sociais-democratas que tiveram a coragem de afrontar o seu próprio Governo? E os processos disciplinares? «Pedir contas, eu? – diz Helena Roseta – acho que o Governo teve comportamentos contraditórios, mas isso ficou patente perante a opinião pública». E sublinha:

«Aqui ninguém se demite (aponta casos de membros do Governo). São ainda falta de hábitos de democracia. Consideram que demitir-se é um gesto de fraqueza. Em muitos casos, a demissão é o único gosto de nobreza possível. Há alturas em que a saída é uma atitude de grande dignidade».

D.L. – Está a lembrar-se de quando Sá Carneiro abandonou a direcção do partido?

H.R. – ...Por exemplo... não era por mau feitio. É uma outra forma de encarar as coisas. Democraticamente. Outros farão melhor.

Indignação dedicação

Não é uma dirigente política servil. Tem uma grande capacidade de indignação, e também de dedicação. Não apoiou Soares Carneiro (quando outros o fizeram e hoje...), tem mantido uma oposição sistemática ao actual Presidente da República. Sá Carneiro foi a grande capacidade de dedicação.

D.L. – Não teve nenhuma situação em que tenha estado contra Sá Carneiro?

H.R. – Tive várias vezes grandes discussões com Sá Carneiro e, aliás, são públicas. A questão Soares Carneiro foi uma delas e toda a gente sabe que tive uma posição diferente.

Helena Roseta escreve hoje, num diário e num semanário. «Cumprir e prometer» era o título do último texto, a propósito da declaração de Freitas do Amaral, do não cumprimento do objectivo governamental em manter a inflação em 17 por cento. Falamos das mulheres e da política. «Discordo de uma política para as mulheres, mas as mulheres devem estar na política». Por isso ela não sai

Fernanda Mestrinho

Expressamente confidencial

★ *O ministro Ângelo Correia não se ausentou de Lisboa, ao contrário do que constou, para dirigir, pessoalmente, as operações da GNR em Vizela.*

★ *Não é verdade que a população de Vizela prepare uma manifestação muito calorosa ao doutor Diogo Freitas do Amaral.*

★ *Não se confirma que um dos futuros juízes do Tribunal Constitucional seja o dr. Daniel Proença de Carvalho.*

★ *Nos círculos ligados à Direcção do Sindicato dos Jornalistas recusam-se a comentar se está a ser estudada uma alteração dos estatutos de modo a permitir designar o dr. José Alfaia como «jornalista honorário».*

★ *A Comissão Permanente do Partido Socialista, segundo nos informaram, prepara um documento sobre as infiltrações trotzkistas no «partido presidencial». Sobre o texto antigo de António Reis, modelo clássico de denúncia do penetralho trotzkista, estariam a trabalhar, em equipa, vários membros da Comissão Permanente. Há quem pense, no Partido Socialista, que no «partido presidencial» há dedo estaliniano.*

★ *Não tem qualquer fundamento a notícia divulgada nos corredores da Gomes Teixeira relativa a um convite do general Ramalho Eanes à arquitecta Helena Roseta para estudar a remodelação interna do palácio presidencial.*

★ *A deputada Maria Adelaide Paiva suportou, com grande desportivismo, as acusações de que tem sido alvo ao longo dos últimos meses, mas está, agora, muito chocada com o facto de Nuno Rocha lhe ter retirado a sua confiança como dirigente da Associação da Imprensa Não-Diária. Foi a gota de fel que venceu a sua resistência psíquica.*

★ *O deputado Santana Lopes vai ser designado, segundo constou na Buenos Aires, chefe dos serviços de segurança aérea do PSD, dado que é um dos raros responsáveis do partido que revelou sensibilidade política na reacção ao «acidente de Camarate». O cargo é de uma enorme responsabilidade porque, nos próximos meses, o presidente do partido vai voar.*

★ *Os ministros e secretários de Estado cujas demissões têm sido anunciadas vão reunir-se num seminário que terá lugar numa sala privada de um hotel da capital. Irão apreciar a conveniência de se demitirem em conjunto ou de sairem do Governo discretamente. O dr. Basílio Horta será o moderador da reunião.*

Segundo o "Expresso"

África do Sul planeia golpe em Angola

Conspiração passa por Lisboa com conhecimento do Governo

Uma operação dirigida pela África do Sul contra Angola, envolvendo responsáveis militares e dos serviços secretos de Pretória, dissidentes angolanos, cubanos residentes nos EUA, ex-«pides» e ex-militares portugueses, poderá ser lançada ainda este mês ou em Setembro – afirma na sua edição de hoje o semanário «Expresso».

A operação, com o nome de código «Kubango», visaria instalação em Luanda de um regime manobrado pela África do Sul e começaria – tal como ocorreu em 1975 – com a invasão de Angola pelo norte (através do Zaire) e sul (via Namíbia).

Segundo aquele semanário, o recrutamento de cerca de dois mil mercenários está a ser feito sobretudo em Portugal e na África do Sul, mas têm sido feitos contactos para a contratação também de exilados cubanos na Florida (EUA). A verba adiantada por Pretória é de 5 milhões de dólares e o equipamento militar solicitado envolve morteiros, granadas, bazucas, tanques, camiões, antiaéreas, jeeps, pontes desmontáveis, etc.

O «Expresso» revela ainda que a Embaixada da África do Sul em Lisboa tem mantido assinalável papel na conspiração, nomeadamente o adido militar adjunto, Jacoubs Everhardus Louw. Indica ainda que responsáveis dos serviços secretos sul-africanos têm contactado em Lisboa ex-militares, portugueses e acrescenta – citando um membro do Governo – que «as autoridades portuguesas tiveram conhecimento de parte das movimentações dos conspiradores em Lisboa, assim como dos seus objectivos».

«A mesma fonte – conclui o semanário – adiantou também que Pinto Balsemão foi informado, mas que desconhece se o governo angolano tinha sido posto ao corrente. Por outro lado declarou que nenhuma medida concreta tinha sido tomada para expulsar os estrangeiros envolvidos na operação ou para evitar a sua actividade».

O «DL» tentou cntactar o gabinete do Primeiro-Ministro e o Ministério dos Negócios Etrangeiros para confirmar se o Governo português está a par das referidas movimentações e saber se as autoridades angolanas foram ou não informadas da conspiração. Não se encontrava ninguém nos citados gabinetes.

Novo crime de lesa-cultura em perspectiva

Abecasis ameaça Jerónimos com "torre' de 19 andares

O ministro da Qualidade de Vida, arquitecto Ribeiro Teles, alertou o Governo para uma nova «bomba» antipatrimónio cultural do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Krus Abecasis, ao pretender construir uma «torre» de dezanove andares por detrás do Mosteiro dos Jerónimos.

Segundo o semanário «Expresso», que veicula esta informação na sua edição de hoje, o terreno onde Abecasis projecta construir o novo «monstro» de cimento situa-se em frente do edifício do Estado-Maior-General das Forças Armadas, no gaveto da Rua dos Jerónimos com a Rua dos Pedreiros. É um terreno camarário, localizado na fronteira entre as «zonas de protecção» da Igreja da Memória e do Mosteiro dos Jerónimos, para o qual existe um estudo de urbanização aprovado. É, aliás, com base neste estudo de urbanização que o proponente da construção da «torre», João Bernardino Gomes, efectuou uma escritura de permuta com a CML, cedendo-lhe terrenos seus na Graça mediante certos «acertos financeiros».

De acordo com a mesma fonte, dois arquitectos da Câmara, Manuel Freitas e Maria de Lurdes Antunes, já se manifestaram contra a consumação do projecto, mas Abecasis parece estar disposto a não ceder, apoiado por três responsáveis dos Serviços de Unbanização da edilidade.

Conferência de Solidariedade com a Linha da Frente

Mário Soares propõe uma "nova plataforma"

Enquanto Mário Soares propõe uma «nova plataforma» que patrocine, em Portugal, uma Conferência de Solidariedade com os Países Africanos da Linha da Frente, a Comissão Permanente do PS protesta «contra os critérios utilizados pelo Governo na nomeação de gestores da Banca.

A proposta de Mário Soares, em relação a essa Conferência de Solidariedade, foi a resposta à mensagem de Oliver Tambo, presidente do ANC, e de Sam Nujoma, líder da Swapo, sugere que se aproveite o adiamento da Conferência Internacional de Solidariedade prevista para Lisboa, em Julho, para que se encontre uma nova plataforma, «em termos de estrita igualdade entre todos os partidos com assento na Assembleia da República que desejem aderir».

Mário Soares adianta que o PS não podia patrocinar iniciativas que, na sua opinião, como a que seria presidida pelo tenente-coronel Vítor Alves, não se enquadravam nos princípios político-ideológicos que defende.

O secretário-geral do PS, que fora solicitado por Tambo e Nujoma a apoiar a Comissão Internacional Preparatória da Conferência de Lisboa, acrescentou que o seu partido não aderira por considerar que a iniciativa em causa não era clara e visava o «alinhamento a interesses político-militares de estratégias imperialistas».

Na carta, Mário Soares recorda que o seu partido é membro da Internacional Socialista, que organiza a próxima Conferência a realizar, dentro de alguns meses, em Dar es-Salam, também com o fim de se manifestar solidariedade aos Estados da Linha da Frente e de se alertar a opinião pública internacional para a luta que os mesmos travam.

Oliver Tambo e Sam Nujoma diziam, na mensagem ao secretário-geral do PS, que a conferência programada para os dias 16 e 18 de Julho em Lisboa era «uma necessidade absoluta e urgente», em face do domínio da República da África do Sul sobre o conjunto da África Austral.

Os dirigentes do ANC sul-africano e da organização popular Namíbia Swapo afirmavam considerar de igual modo importantes as Conferências de Lisboa e de Dar es-Salam.

A Comissão Internacional Preparatória da reunião de Lisboa transferiu a data da mesma para Janeiro de 1983, devido a «exigências decorrentes da situação nos Estados da Linha da Frente» e ao calendário político da região, alguns dirigentes da qual não poderiam deslocar-se em Julho a Portugal.

Partidarização e afastamento

«Hegeminização partidária» é a acusação da Comissão Permanente do Partido Socialista ao Governo AD, na nomeação dos Conselhos de Gestão dos Bancos. «O PS na defesa intransigente do interesse nacional, exige, pois, que o Governo explicite de modo claro, inequívoco e fundamentado, quais os critérios objectivos que estão a ser utilizados na escolha dos gestores bancários já que, segundo os dados de que dispõe, para além de vários dos seus filiados, outros competentes e idóneos profissionais estão na iminência de ser afastados das suas funções e substituídos por elementos designados na base de meras influências partidárias». E conclui:

«O Partido Socialista repudia, energicamente, porque caluniosas e sem nenhum fundamento, referências feitas a supostas negociações com o Governo acerca da composição dos Conselhos de Gestão dos bancos.

Prova inequívoca deste facto é, segundo as informações disponíveis, a intenção do Governo de vir a proceder a novos afastamentos de socialistas, de reconhecida competência e idoneidade profissional, dos Conselhos de Gestão dos Bancos, em seguimento de uma orientação que vem sendo adoptada desde que a AD está no poder e que se insere no processo de gradual depauperização da generalidade das empresas públicas, intenção e processo que o Partido Socialista igualmente repudia com a maior veemência. Enquanto no Poder, o PS sempre manteve critérios de pluralidade na composição dos órgãos de gestão das empresas públicas e com particular apreensão que assiste a um inqualificável processo de hegemonização por parte da AD.

Intelectuais pedem demissão do Governo

Eanes e Balsemão discutiram a situação económica do País

A situação económica do País foi analisada com alguma «profundidade económica» – declarou o Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, à saída da reunião com o Presidente da República.

As 26 medidas económicas, tomadas pelo Governo no passado dia 29, foram debatidas entre Balsemão e Ramalho Eanes, assim como «os indicadores económicos já disponíveis deste primeiro semestre».

A extinção da ANOP – uma decisão do Conselho de Ministros – também foi abordada entre Primeiro-Ministro e o Presidente da República. «A conversa ainda não acabou» – sublinhou Pinto Balsemão.

Entretanto, representantes de sectores socioculturais apelaram ao Presidente da República, em mensagem divulgada hoje, para que, no uso dos «legítimos poderes que a Constituição lhe confere», demita o Executivo e nomeie «um Governo de Gestão isento».

Esta acção governamental, tal como é solicitada, numa mensagem ao general Ramalho Eanes subscrita por 50 intelectuais, teria em vista permitir que «o povo português recobre a soberania e decida, em eleições gerais, da política e do Governo que deseja e o momento histórico impõe».

A mensagem é assinada por elementos ligados à literatura, jornalismo, música, ensino, artes plásticas, arquitectura, desporto e medicina, entre outros ramos de actividade cultural e social.

Subscreveram a mensagem, entre outros, António Gomes, da Associação dos Arquitectos Portugueses, Manuel Ferreira, da Associação Portuguesa de Escritores, João de Freitas Branco, da Sociedade Portuguesa de Autores, Fernando Moreira Simões, da Direcção do Sindicato dos Médicos da Zona Sul, Celeste Amorim, da Direcção do Sindicato dos Músicos, e Teresa Dias, da Direcção da Associação Nacional dos Treinadores de Basquetebol.

Começando por assinalar que «os trabalhadores da cultura» têm o dever de «dar expressão atenta aos anseios do povo a que pertencem», os signatários afirmam que «a sociedade civil apodrece, minada por um poder governamental fraudulento que se marginalizou dos mais largos interesses populares e nacionais, pondo em perigo iminente o regime democrático e a própria solvência do País».

O documento prossegue, apontando o Governo como «primeiro responsável da degradação da vida nacional».

Para os signatários, o Governo é «claramente precário e, por isso mesmo, não hesita em recorrer à manipulação, à guerrilha institucional, à imposição vergonhosa aos próprios parlamentares, violentando a sua consciência, de invios acordos urdidos à margem da Assembleia da República».

Argumentam depois que «a revisão constitucional que se enseja actualmente – visando desfigurar o regime democrático pela alteração do equilíbrio de poderes, a governamentalização das Forças Armadas e a eliminação de uma efectiva constitucionalidade das leis – não pode ainda por cima servir de alibi para eternizar tal Governo».

A revisão necessária, que corresponda a um largo consenso nacional, não perde em oportunidade e ganha em legitimidade, vindo a ser feita por uma nova Assembleia da República que terá os mesmos poderes de revisão, dizem ainda os subscritores da mensagem ao Presidente Eanes.

Transtejo
Transportes Tejo E. P.

CARREIRAS:

T. PAÇO	**— MONTIJO**
CAIS D'ALFÂNDEGA	**— CACILHAS**
CAIS DO SODRÉ	**— CACILHAS**
BELÉM — PORTO BRANDÃO	**— TRAFARIA**

Interrupção da navegação fluvial no rio Tejo, por motivo de realização, no próximo dia 7, do desfile da Lisbon Sail 1982.

A Capitania do Porto de Lisboa, determinou a interdição da navegação entre as 13,00 e as 17,00 horas, por via disso a Trantejo não efectuará nesse dia e nesse período quaisquer carreiras.

EMPRESA DE FRIO EM EXPANSÃO

PRECISA
MECÂNICOS E ELECTRICISTAS

— c/bons conhecimentos de Reparações e Instalações de Aparelhos de Ar Condicionado e Frio Industrial

OFERECE

— Salários e Subsídios diversos em Valores Superiores à Contratação Colectiva
— Admissão Imediata.

Indicar Experiência c/resposta escrita à
Rua do Arco do Carvalhão, 235/C — LISBOA

Comprometidos milhões de contos em divisas

Industriais de moagem estão a tentar comprar só trigo importado

• *O boicote à produção nacional visa a EPAC*

Enquanto se encontra, praticamente, paralisado o inquérito parlamentar à acção do ex-ministro da Agricultura Cardoso e Cunha, no processo em que tentou liquidar a EPAC (Empresa Pública de Abastecimento de Cereais), membros da Associação de Moagens, concentrados no Norte, ensaiam um boicote em forma à produção nacional de trigo e à posição daquela empresa pública no mercado.

Trata-se dos mesmos elementos que têm sido responsabilizados pelas negociações de acordos com a multinacional Dreyfus que pretendeu a liberalização do comércio de cereais para entrar em força em Portugal, com a destruição da EPAC.

Em linhas gerais, o que está a acontecer com a comercialização do trigo nacional e que pode vir a custar enorme volume de divisas ao País,é seguinte.

400 000 toneladas a adquirir pela EPAC

A EPAC prevê que as aquisições de trigo de produção nacional da colheita de 1982, ultrapassem as 400 000 toneladas.

O consumo anual de trigo para panificação no nosso País é da ordem do milhão de toneladas, pelo que as Moagens deveriam utilizar este ano 40% de trigo nacional e 60% de trigo exótico para garantir o consumo da produção nacional e reduzir ao mínimo necessário as importações e os consequentes gastos de divisas.

A EPAC, Empresa Pública a quem cabe, por um lado, adquirir à lavoura toda a produção trigueira destinada a venda, e por outro, garantir o abastecimento da indústria de moagem procedendo à importação dos quantitativos em falta, oficiou oportunamente a todas as moagens no sentido dos seus levantamentos passarem a incluir o mínimo de 40% de trigo nacional.

Grande número de moagens reagiu bem a esta solicitação, cujos reflexos têm inegável interesse para a economia do País, excepto a quase totalidade das associadas da AIM – Associação dos Industriais de Moagem, com sede no Porto, que recusaram levantar mais de 30% de trigo nacional.

Esta AIM é a associação que no ano passado esteve intimamente ligada ao escandaloso caso da «liberalização do comércio de cereais» desenvolvido sob a égide do ministro da Agricultura de então, eng.º Cardoso e Cunha, caso largamente debatido nos meios de Comunicação Social e na Assembleia da República e que culminou com um inquérito parlamentar (ainda não concluído) à actuação do mesmo ministro.

A posição ora tomada pela AIM quanto ao consumo do trigo nacional da presente colheita mostra claramente as intenções dos grandes industriais seus associados, alguns ligados ou comprometidos com as multinacionais do sector, a quem não preocupam nada os interesses nacionais mas sim os proveitos que podem tirar da utilização do máximo de trigos importados, fazendo com as farinhas daí provenientes uma concorrência feroz às outras moagens.

A recusa de comsumir o trigo nacional, além de aumentar os gastos de divisas, têm reflexos fortemente negativos na gestão dos «stocks» da EPAC, que atingem também os produtores de cereais. Com efeito, é necessário que a nossa produção seja consumida regularmente ao longo do ano para que os silos e celeiros da EPAC fiquem vazios até princípio de Junho, de modo a poder receber-se a colheita seguinte.

Para cumprir este objectivo é necessário que a partir deste mês a indústria de moagem levante mensalmente o mínimo de 40 000 toneladas de trigo com regularidade. Tudo o que levantar a menos constituirá o quantitativo armazenado no início da próxima colheita, a ocupar o espaço de que a lavoura tanto carece para colocar com oportunidade a nova produção.

A posição tomada pela AIM é atentatória dos interesses do País, exigindo a EPAC ao Governo que tome uma posição firme em defesa da produção nacional e da nossa economia. É necessário ainda que as medidas adequadas para resolver esta situação sejam tomadas imediatamente ou então já não será possível colocar nas moagens, em tempo útil a produção deste ano, por falta de capacidade de transporte.

Inquilinos acusam o Governo de patrocinar fraudes no aumento das rendas de casa

O Decreto-Lei 294/82, que permite aos senhorios actualizar (aumentar) as rendas de casa em função de melhoramentos realizados nos prédios urbanos, vai ter como consequência directa «a liberalização dos preços das rendas pois, sob pretexto de serem feitas obras, as rendas serão actualizadas anualmente, inclusive as de renda livre», acusa a Associação dos Inquilinos Lisbonenses, em comentário àquele decreto-lei.

«Trata-se de aplicar a machadada final na campanha para prejudicar os inquilinos e aumentar os rendimentos dos senhorios» – disse, ontem, a Associação em conferência de Imprensa em que debateu o assunto perante os jornalistas e explicou a sua posição, já anteriormente comunicada ao Governo.

O Decreto-Lei 294/82, que entrou em vigor em 27 de Julho, prevê aumentos e actualizações das rendas de casa desde que os senhorios procedam a obras nos edifícios nos prazos estabelecidos na Lei, e desde que o custo das mesmas seja superior ao rendimento colectável do prédio.

O diploma, adianta a direcção da Associação dos Inquilinos Lisbonenses (AIL) «aponta para a liberalização das rendas e abre a possibilidade de fraudes através da apresentação de orçamentos fictícios pelos senhorios».

«Ninguém fiscaliza previamente o preço das obras para verificar se aquele ultrapassa o rendimento colectável do prédio», sublinha.

A AIL acusa o Governo de, com este decreto, agravar problemas sociais já existentes uma vez que, afirma, «se um inquilino não tiver possibilidades de pagar a renda actualizada terá 15 dias para abandonar a casa».

No preâmbulo do diploma pode ler-se que «a degradação do parque habitacional devido à falta de execução de obras de conservação e de beneficiação tem vindo a acentuar-se gravemente (...) em consequência da impossibilidade legal de actualizar a grande maioria das rendas nele praticadas».

«Impõe-se, assim, intervir no sector permitindo que (...) o custo das obras de conservação e beneficiação possa ser repercutido nas rendas, através de um simples ajustamento destinado a assegurar a cobertura do custo da reposição dos imóveis nas devidas condições de utilização», afirma-se no preâmbulo.

A Associação dos Inquilinos contesta esta posição afirmando que, na prática, o custo das obras não ficará a cargo dos senhorios mas sim dos inquilinos porque, após as mesmas serem efectuadas, as rendas passarão a ser actualizadas anualmente.

O diploma aplica-se a todo o parque habitacional independentemente do regime de arrendamento que estiver estabelecido.

Para além desta oposição genérica ao diploma governamental, a Associação dos Inquilinos Lisbonenses considera um crime o risco a que são sujeitos os moradores de prédios arrendados de ficarem sem casa, em caso de não poderem pagar a nova renda. Estes elevados custos sociais do decreto resultarão, no entanto, totalmente a favor dos senhorios pois estes verão «enriquecido o seu património à custa dos inquilinos, através da actualização anual das rendas».

«Os inquilinos vão pagar – comentou a AIL – as obras que durante tanto tempo reclamaram. Ficar sem habitação por não poder pagar a nova renda é inadmissível, para além de vir agravar os problemas sociais já existentes e que derivam, nomeadamente, do elevado número de acções de despejo.

Quando tudo parecia resolvido

"US Steel" reactiva a guerra do aço

O gigante siderúrgico americano US Stell desencadeou sexta-feira à noite outra vez a «Guerra do aço» ao rejeitar o acordo de princípio entre Washington e a CEE, que prevê uma limitação das importações de aço proveniente da Europa.

Esta nova explosão ocorre depois de áctivas negociações que tinham conduzido na sexta-feira a um «arranjo» entre o Governo do Estados Unidos e a Comissão Europeia, o qual devia no entanto, ser aceite pelas firmas americanas.

O acordo de princípio previa a anulação das acções abertas pelos siderurgistas americanos contra os seus concorrentes europeus em troca duma «autolimitação» das exportações europeias de onze produtos siderúrgicos principais.

David Roderick, patrão da US Steel considerou que este acordo de princípio não é nem justo nem equitativo. Aceitá-lo frizou, «corresponderia permitir a manutenção dum nível de importação desrazoavelmente elevado».

Diversas companhias americanas do sector dos Aços especiais rejeitaram igualmente este acordo de princípio, soube-se sexta-feira à noite.

Malcolm Balbridge, secretário do Comércio considerou esta rejeição «infeliz» por intermédio dum porta-voz que acrescentou simplesmente: «os dois governos tinham trabalhado de boa fé com vista a uma solução».

Ao enveredar por esta nova prova de força, Roderick precisou que tem esperança de que os responsáveis do departamento do Comércio e da Comissão Europeia prosseguirão os seus esforços com vista a uma solução do conflito.

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA

AV. PADRE CRUZ — 1699 LISBOA CODEX — PORTUGAL — TEL. 79 24 61

Curso de medicina do trabalho

De 26 de Julho a 20 de Agosto de 1982, encontram-se abertas as inscrições para a frequência do Curso de Medicina do Trabalho de 1982/1983.

As inscrições serão feitas em impresso próprio que deverá dar entrada na Escola, acompanhado da documentação respectiva, até às 16.00 horas do dia 20 de Agosto de 1982.

É condição indispensável a licenciatura em Medicina.

Os candidatos à matrícula serão sujeitos a uma pré-selecção, efectuada por critério documental, e os apurados serão seleccionados por prova de cultura geral e entrevista.

O limite máximo de matrículas é de 27 sendo 3 destinadas a candidatos da Região Centro do País e 6 a candidatos da Região Norte.

Os alunos que frequentarem o Curso poderão usufruir de bolsas de estudo, nos termos do regulamento interno da Escola.

Os impressos e demais informações relativas ao Curso são fornecidos na Escola, na Avenida Padre Cruz, ao Lumiar, 1699 LISBOA CODEX, telefones: 792461, 795716, 795742 e 795793.

Este anúncio anula e substitui os que foram publicados sobre a mesma matéria no passado mês de Julho e as informações distribuídas durante o mesmo mês.

Lisboa, 2 de Agosto de 1982.

O DIRECTOR

(a) Coriolano Ferreira

CONCURSO DE FOTOGRAFIA

TEMA: A COOPERAÇÃO

Prémio: viagem à URSS

Concurso integrado nas iniciativas culturais comemorativas do 60.º aniversário da formação da URSS

Regulamento e informações:
ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-URSS
R. S. Caetano, 30 — 1200 Lisboa
Tels. 601099 — 601199

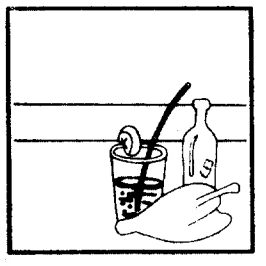
CONCURSO DE CARTAZ

comemorativo do
60.º aniversário da União Soviética

PRÉMIO: VIAGEM À URSS

Exposição dos cartazes concorrentes

Regulamento e informações:
ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-URSS
R. S. Caetano, 30 — 1200 Lisboa
Telefs. 601099 — 601199



NÃO tome banho sem ter feito a digestão

de ontem para hoje

Estranho atentado no Porto

O operário fabril António Mateus, de 31 anos, foi ontem à noite baleado à entrada da sua residência, na Rua do Vilarinho, no Porto, tendo sido atingido com um projéctil no sobrolho esquerdo, pelo que recolheu ao Hospital de Santo António, onde ficou internado, após ter sido submetido a intervenção cirúrgica. De acordo com a sua versão, recheada de lacunas e contradições, segundo referem as autoridades policiais, o autor do atentado teria sido Joaquim dos Anjos Moura, de 35 anos, residente em Mirandela e ainda a monte. António Mateus não referenciou, no entanto, o móbil dos disparos.

«Beja Histórica» na Feira

Teve hoje início em Beja a Feira de Agosto, também designada por Feira de S. Lourenço e Santa Maria, que se prolongará até ao próximo dia 17. Como temas principais o Artesanato, o Poder Local e o Património, numa iniciativa da edilidade local. Nos próximos dias 9 e 14 haverá uma demonstração ao vivo de artesãos de todo o ditrito. Em exposição estará igualmente o Plano de Salvaguarda e Reabilitação do Núcleo Central Histórico da Cidade, galardoado recentemente com o primeiro prémio da revista «Cadernos Municipais» da Fundação Antero de Quental.

Uma pedra no «sinal vermelho»

Um cidadão suíço apresentou-se na Esquadra da PSP de Carnide afirmando ter sido abordado anteontem à noite na Avenida António Augusto de Aguiar, em Lisboa, por um indivíduo que, aproveitando o sinal vermelho, entrou na sua viatura, obrigando-o, sob a ameaça de uma pedra, a seguir para um local ermo da Pontinha. Uma vez ali forçou-o a entregar-lhe a carteira com dois contos e ainda um relógio de pulso e um anel em ouro, fugindo em seguida.

Septuagenária agredida pelo neto

Cármen Portela, de 78 anos, residente em Valares, afirmou à PSP ter sido agredida pelo neto, Augusto Portela Antunes, de 20 anos, após ter recusado recebê-lo em sua casa. Ainda de acordocom o seu depoimento, Augusto Portela ter-lhe-ia furtado um cordão de ouro e dez contos. A septuagenária recebeu tratamento nc Hospital de Vila Nova de Gaia a escoriações na cara e na cabeça.

Aluimento mata operário

No aluimento de uma barreira com cerca de seis metros, ocorrido anteontem na Fundada, nos arredores de Vila Real, um operário morreu (Francisco Lopes, de 60 anos) e um outro ficou gravemente ferido (José da Silva, de 57). As duas vítimas procediam à abertura de valas destinadas ao saneamento básico daquela freguesia.

Dois incêndios criminosos

Um incêndio que se reacendeu ao princípio da tarde de ontem numa zona de encosta junto à Barragem de Santa Luzia, em Pampilhosa da Serra (Coimbra) foi considerado extinto, – segundo revelaram – os Serviços Florestais da Lousã. As chamas, que consumiram uma área de dois hectares, foram combatidas por três aviões e dois helicópteros da Lousã e pelos Bombeiros Voluntários de Pampilhosa da Serra. Entretanto, incêndio de grandes proporções lavra desde a tarde de anteontem na zona florestal de Masainhas de Belmonte, próximo da Guarda. O fogo, com uma frente de cerca de dez quilómetros, teve origem criminosa segundo declarou o comandante dos Bombeiros Voluntários de Belmonte. No local estão os Bombeiros Voluntários de Belmonte, Fundão e Covilhã, apoiados por um helicóptero baseado na Sertã. Acrescentou a mesma fonte.

Afogado no rio Tâmega

O desempregado António Augusto Passeira Varanda, de 29 anos, morreu anteontem afogado quando nadava no rio Tâmega, em Vila nova de Foz Côa. O corpo seria retirado das águas horas depois por uma equipa de mergulhadores do Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto.

Pavilhão do CDS assaltado

Desconhecidos destruíram na madrugada de ontem o pavilhão do CDS da Feira de Santiago, a decorrer em Setúbal segundo revelou ontem a Comissão Executiva Distrital do partido de Freitas do Amaral. Em comunicado, a comissão denuncia o acto e afirma que «os critãos democratas estarão presente até ao fim da feira», que se prolongará até amanhã à noite.

Conflito no Hotel Baía

Cenas de Verão para turista ver...

Em Cascais, frente à baía, num cenário propício a ser apreciado pelos estrangeiros ávidos em captar a imagem que lhes foi transmitida pela propaganda das agências de viagem, «about Portugal», tem havido movimentações estranhas e tão terrivelmente chocantes que até fazem corar qualquer turista pé-descalço. Quanto mais os outros, aqueles que se instalam nos hotéis da linha do Estoril, virados para o mar.

A verdade é que o sr. Nandim de Carvalho, o manda-chuva do turismo, é uma personagem de ficção: que já não há. Ou melhor há... mas se vamos para a Europa, seria conveniente fingir que não há. Restou como sobra de um passado ignominioso de que os «democratas» fresquinhos, de um compostura apressada, tentam lavar as mãos como Pilatos. Impossível no entanto o disfarce. Ao menor safanão, ao mínimo sobressalto, a tinta estala, ainda que seja da Robiallac (a que mais pinta e que mais dura) e surgem as carcaças sujas, na mais perfeita decadência. Evidentemente que falo dos prédios desta cidade, cada vez mais um nojo, à espera de restauração.

Bem retomando o discurso perdido, nas divagações ambientais, gostaria de sublinhar apenas isto: o sr. Nandim de Carvalho, que palrou nas televisões e jornais sobre a necessidade de evitar o turismo de **pé-descalço** porque ofendia não sei bem o quê, (não percebi) acaba de dar o aval a uma cena degradante, refiro-me ao sucedido no Hotel Baía, presenciada certamente pelos turistas, que ele tanto quer cativar. Os da guita, claro. Acha isso bonito? Trabalhadores, cujo profissionalismo é incontestável, postos no alcatrão, mercenários contratados para a violência, pancadaria, polícia, mirones, etc. E com a agravante de os sindicatos terem que convocar manifestações para o local. Que remédio! De bico calado é que não podiam ficar. Estão em causa demasiadas coisas: o emprego, a dignidade e o pó que a maralha do trabalho começa a ter a este Governo.

Numa leitura rápida, apesar de tudo leitura, retive algumas das acusações dirigidas em comunicado ao poder pelo Secretariado da Federação dos Sindicatos da Hotelaria e Turismo. Ei-las: «...os meios utilizados, desde os gorilas da segurança da AD a marginais da zona de Cascais, e elementos de empresas privadas da segurança, nomeadamente a Ronda...» Segundo os sindicalistas esta desbragada atitude tem a ver com a intenção, cada vez menos oculta, do Governo de aniquilar as empresas nacionalizadas ou em auto-gestão. Aliás embirram com elas desde o princípio como com tudo o que lhes cheire a **vinte cinco de Abril** (escrevo a extenso, se não se importam, para ver se dura mais tempo).

Ao que consta foi Nandim de Carvalho quem nomeou a tal comissão de gestão interina, colocada no Baía não para gerir seja o que for, mas para criar confusão. Daí que os trabalhadores imputem ao secretário de Estado do Turismo a responsabilidade de «em plena época de turismo vir provocar a sua desestabilização», dedicando-se a uma tarefa um tanto insólita que é a de «comandar equipas de gorilas». Perante este comportamento os Sindicatos de Hotelaria exigem a demissão de Nandim de Carvalho. E com razão. No meio desta bagunçada toda, o Sindicato assinala ainda o papel de «panelinha» com a Inspecção do Trabalho, cuja presença foi solicitada no conflito. Pois recusou-se a agir, a inspeccionar o que faziam no Baía os indivíduos que, não sendo empregados nem proprietários, não são rigorosamente nada naquele estabelecimento hoteleiro. Anedoticamente, a Inspecção de Trabalho alegou que só depois de restabelecida a normalidade poderia averiguar da «anormalidade» do conflito do Baía.

Entretanto, face a este acontecimento, os trabalhadores do Hotel Estoril Sol vão paralisar o trabalho, durante quinze minutos, a partir das 13 horas. Nesse mesmo dia haverá também uma concentração de trabalhadores e provavelmente de populares junto ao Hotel Baía.

L.F.

Paga Pouco comprou sociedade vinícola por um milhão de contos

A cadeia de supermercados Paga Pouco com raiz no Algarve e propriedade de Manuel Martins Dias, terá comprado a sociedade vinícola Abel Pereira da Fonseca pelo montante de um milhão de contos, segundo noticia o «Expresso» desta manhã.

Trata-se de um dos mais gigantescos negócios já realizados em Portugal por uma empresa comercial privada, na sequência aliás de acções anteriores de concentração no ramo que transformaram a empresa Paga Pouco num empório poderosíssimo.

Através da "Estoril-Sol"

Portugal vai relançar hotelaria moçambicana

A gestão do principal hotel de Moçambique, o «Polana», de Maputo, deverá passar a ser feita por uma empresa portuguesa com a qual decorrem conversações na capital moçambicana.

Uma equipa de cinco técnicos da empresa, a «Estoril-Sol Internacional», chefiada pelo seu director, Saiago da Silva, está a fazer um levantamento da situação actual do hotel nos seus diversos aspectos. Os resultados das conversações e o tratamento dos dados recolhidos acerca da situação do hotel darão lugar a uma proposta definitiva da empresa portuguesa, que será discutida num dos próximos meses.

O ano passado as autoridades moçambicanas anunciaram que se propunham entregar temporariamente a gestão do «Polana», actualmente gerido pelo Estado e em situação degradada, a uma empresa estrangeira qualificada.

À «Estoril-Sol Internacional» foi recentemente atribuída uma concessão de 12 anos para a gestão do hotel «Quatro Estações», de Maputo, cujo edifício, inacabado em 1974, vai ser concluído e equipado durante os próximos três anos. A concretização do projecto de conclusão do edifício foi assegurada por um consórcio da União dos Banco Portugueses e do Espírito Santo de Lisboa e a ela estão igualmente ligadas empresas portuguesas de construção civil e de projectistas.

LOJAS — VENDA

ZONA COMERCIAL EM NOVA-CHELAS

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

(COMISSÃO LIQUIDATÁRIA)

• Para os devidos efeitos torna-se público que se aceitam propostas para a **venda** de 84 lojas e 10 escritórios existentes nos lotes números **247 — 248 — 232 — 225** e **221** da Zona N/2 Chelas, sitos junto das Ruas Arq. Pardal Monteiro e Luís Cristino da Silva.

• As áreas variam entre 21 m2 e 860 m2.

• A base de licitação das lojas será de 15 500$00/m2 e 14 500$00/m2, consoante sejam de 1 ou 2 pisos.

• O prazo para recepção das propostas iniciar-se-á em 13 de Setembro e terminará às 17 horas do dia 27 de Setembro de 1982.

• As lojas e escritórios poderão ser visitados a partir de 23 de Agosto até 24 de Setembro no horário compreendido entre as 9,30 e as 12 horas e as 14,30 e as 17,30 horas.

• As condições especiais de compra e venda estarão afixadas neste Fundo — Dep. de Património — Av. 5 de Outubro, n.º 153-3.º e poderão ser consultadas dentro do horário normal de funcionamento dos serviços.

LOTES 222, 223, 224, 226, 227 e 228:

• As lojas números 1 a 42 serão igualmente susceptíveis de venda.

• Todos os arrendatários poderão apresentar as suas propostas para aquisição da respectiva loja, de acordo com os valores e condições afixadas no endereço supra-referido.

LISBOA, 26 de JULHO DE 1982.

O RESPONSÁVEL PELO
DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO

(António Augusto Serralha Ferreira)

RN

VIAGENS E TURISMO

RN — VIAGENS E TURISMO

Expresso «Beira Baixa» agora em Monfortinho — termas com viagens diárias para e de Lisboa, com o seguinte percurso e horários.

A partir de 2 de Agosto de 1982

6.45	— Monfortinho-Termas	24.05
7.00	— Penha Garcia	23.50
7.15	— Monsanto (Relva)	23.35
7.25	— Medelim	23.25
7.35	— Proença a Velha	23.15
7.50	— Idanha a Nova	23.00
8.00	— Oledo	22.50
8.20/8.30	— Castelo Branco	22.30
9.00	— Vila Velha de Ródão	22.00
9.30	— Nisa	21.30
9.40	— Arez	21.20
10.20/10.30	— Ponte Sor	20.30/20.40
—	— Mora	19.50
12.30	— Vila Franca de Xira	18.30
13.00	— Lisboa (Av. 5 de Outubro, 75 — RN)	18.00

RN

RN TOURS
Viagens e Turismo
Av. Fontes Pereira de Melo, 33
1098 LISBOA CODEX
Tel. 560015 - 563451/2

As Florestas são uma riqueza nacional.
Colabore com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.

NÃO FAÇA LUME

PROTEJA AS FLORESTAS

Vizela não mais parará em defesa dos seus direitos

— *gritaram em Braga milhares de manifestantes*

BRAGA, 7 – **(do nosso enviado especial Rogério Vidigal)** – Reposto o clima de normalidade em Vizela, quando a GNR abandonou a vila pela madrugada, a população voltou ontem a estar em «alvoroço» para ir manifestar-se em Braga, com a principal exigência de que o governador civil seja isento no processo de constituição do novo concelho. «Vizela não mais parará em defesa do direito que lhe assiste e que meia dúzia de politiqueiros lhe vem usurpando, através de uma política de compadrio altamente antinacional, com a cobertura dos responsáveis máximos nacionais» – lia-se em documento entregue ao governador civil substituto, que recebeu uma delegação dos manifestantes. A conversa mantida no Governo Civil de Braga foi essencialmente no sentido de que também ali fossem feitas diligências para o desbloqueamento do processo de passagem de Vizela a concelho.

A posição de dureza que o Governo AD vinha mantendo relativamente a toda esta movimentação parece agora ter mudado para uma tentativa de diálogo, transparente aliás no facto de ter sido o substituto do governador a receber a delegação.

Os vizelenses que compunham essa delegação eram maioritariamente elementos ligados às autarquias e portanto eleitos em listas da AD. Esse facto torna-os insuspeitos quanto às razões e objectivos das críticas que mantêm ao governador civil, presidente da Câmara de Guimarães e particularmente Freitas do Amaral, natural de Guimarães e o grande opositor do desmembramento deste concelho.

Os protestos vão, porém, agora, também para o procedimento de diversos membros do Governo, como é o caso de Viana Baptista e Ângelo Correia. «Declarações alienatórias, humilhantes, deturpadas e obscurantistas dos ministros Ângelo Correia e Viana Baptista» – eis a título de exemplo uma referência contida no documento que ficou no Governo Civil de Braga.

O ministro da Administração Interna é particularmente visado pelo facto de ter defendido a permanência da GNR em Vizela até que a «sua» ordem estivesse restabelecida. Seria afinal derrotado na rua e as forças retiraram.

O ministro dos Transportes é questionado pelo facto de ter anunciado ordens suas à CP para que não reparasse a linha férrea, uma vez que os vizelenses se tinham mostrado contrários à sua passagem pela vila

Quando voltará a haver comboios?

A questão do restabelecimento das ligações ferroviárias parece ser de momento uma das mais importantes, até pelos prejuízos que acarreta às próprias populações de Vizela e mais adiantadamente a Guimarães, que está «isolada».

O substituto do governador civil afirmou ao «DL» desconhecer as intenções quer do Governo quer da CP quanto a esta matéria. Quanto a um porta-voz do Movimento para a Restauração do Concelho, a manutenção do actual estado de coisas pode parecer aos vizelenses uma garantia de que o problema será resolvido.

O inconformismo mantém-se portanto e isso foi dito de viva voz ontem em Braga com os «slogans» pedindo «justiça, justiça» e outros exigindo a demissão do actual governador civil. Recorde-se, a propósito, que a substituição deste representante do Governo já esteve iminente mas a questão foi ultrapassada na altura da visita do Papa.

O documento que foi entregue no Governo Civil manifesta ainda repúdio e contém um alerta à opinião pública nacional «para a violação do Estado de direito, pois é um dos órgãos máximos da soberania nacional – a AR – que não respeita o Código Administrativo». Trata-se aqui de uma referência à morosidade e a sucessivos protelamentos do debate do projecto de lei apresentado pelo PPM que visava a restauração do concelho de Vizela. Neste momento já são passados dez dias sobre o prazo de dois meses que a própria Assembleia da República se tinha proposto para apreciar a questão e por referir o PPM não deixa de ser oportuno citar que a Comissão Coordenadora deste partido no Porto publicou ontem uma posição em que sugere a existência de «outras forças apostadas em operações de desestabilização».

A referência nem sequer é inédita, já a ouvimos por aqui mais do que uma vez. No caso do PPM, ela surge acompanhada de uma condenação dos acontecimentos dos últimos dias, referindo-se a «lamentáveis actos praticados».

Mas para um porta-voz do Movimento para a Restauração do Concelho, trata-se de uma má interpretação do que se passa em Vizela que até já poderá rondar um anticomunismo primário. Quem assim falava ao «DL» também é insuspeito, até porque já foi autarca eleito pela AD.

em duas palavras

● **A CONFEDERAÇÃO DO COMÉRCIO** *realiza no próximo dia 9, na sede da União das Associações de Comerciantes do Distrito de Lisboa uma conferência de Imprensa na qual divulgará as formas de pressão adoptadas pelos comerciantes face ao que classifica como «gravosa e imoral legislação sobre actualização das rendas dos estabelecimentos comerciais, que possibilita aumentos insuportáveis».*

● **OS CERCA DE 1600 TELEFONES** *da rede de Felgueiras (grupo de Penafiel) tiveram ontem os seus números alterados, numa medida que visa a ampliação, dentro de alguns meses, da capacidade daquela rede em mais algumas centenas de linhas. Assim, todos aqueles assinantes, cujos números começavam por 8, substituem este dígito por 92.*

● **A EMPREITADA** *de dragagem no porto de Viana do Castelo foi adjudicada à Companhia Portuguesa de Trabalhos Portuários por 314 800 contos – revelou à ANOP fonte oficial. Um despacho do Ministério da Habitação, Obras Públicas e Transportes admite, no entanto, que o valor dos trabalhos possa atingir 350 mil contos.*

● **O SECRETÁRIO REGIONAL** *do Equipamento Social da Madeira indicou, no Caniçal, aos representantes da Comunicação Social o local onde será instalada a futura zona franca industrial. A zona franca destina-se às indústrias ligeira e média, a desenvolver por fases e por forma a enquadrar-se na legislação e no espírito requerido à integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia.*

● **AS SECRETARIAS DE ESTADO** *da Saúde e Regional dos Assuntos Sociais da Madeira assinaram, no Funchal, um acordo referente à formação de médicos assistentes das carreiras médicas de saúde pública, clínica geral e hospitalar. Nos termos do acordo, a Secretaria de Estado compromete-se, «dentro da capacidade lectiva dos serviços, a abrir vagas de internatos das respectivas carreiras para os candidatos indicados pelo Governo da região autónoma da Madeira».*

Situação preocupante no Ribatejo

Milhares de hectolitros de vinho destruídos por falta de escoamento

Milhares de pipas de vinho da colheita do ano passado ainda se encontram armazenadas nas adegas cooperativas e de agricultores isolados do Ribatejo, tendo originado já a destruição de milhares de hectolitros daquele produto, segundo foi ontem denunciado por um porta-voz da Federação das Associações de Agricultores do Distrito de Santarém.

A situação é de tal maneira preocupante que aquela organização já realizou várias reuniões com produtores, bem como com representantes da Junta Nacional dos Vinhos e da Comissão para a Agricultura da Assembleia da República.

Ao pedido de intervenção dos agricultores, a Junta Nacional do Vinho, terá referido segundo o mesmo informador a sua incapacidade de intervir «por o Governo não se dispor a contribuir com o dinheiro necessário».

Os agricultores reclamam ainda contra a taxa de vinte centavos por litro, que existe há cerca de 15 anos, suspensa após o 25 de Abril e retomada depois de 1976, procurando, paralelamente, obter um preço de orientação para a uva e os mostos «antes do início da campanha» bem como, fundamentalmente, uma intervenção estatal sobre os excessos de produção do ano anterior.

Mercadorias até cinco quilos

TAP lança "carga expresso" nos serviços do continente

A TAP acaba de lançar a «carga expresso», um novo serviço de carga da Transportadora Aérea Portuguesa permitindo o envio de pequenas encomendas, em regime de última hora, dos voos regionais e nas ligações domésticas (continente).

Esta iniciativa da TAP que os Ministérios das Finanças e do Plano, Agricultura, Comércio e Pescas e da Habitação e Transportes sancionaram, fazendo publicar hoje a respectiva portaria, tem como principal objectivo fomentar a carga aérea e assegurar melhor aproveitamento da capacidade dos aviões.

Mas nem todas as mercadorias poderão ser transportadas dentro do regime em questão como «carga expresso». De acordo com o diploma em apreço os animais vivos, os líquidos (a menos que acondicionados em recipientes perfeitamente estanques e cheios até nove décimos da sua capacidade), carga valiosa (dinheiro, objectos de arte, metais e pedras preciosas de valor igual ou superior a 100 dólares), as mercadorias frágeis, restos mortais humanos e produtos que exalem odor penetrante, não terão aí lugar.

A TAP garantirá essa «carga expresso» no primeiro voo posterior à aceitação dos consignamentos, aplicando a cada um uma tarifa de 600 escudos para percursos simples e de 900 escudos para mais de uma percurso (por exemplo, entre Faro e Porto e vice-versa). Os destinos, como já se disse, limitam-se aos serviços regionais e ou domésticos da TAP no continente e o peso máximo dos consignamentos não poderá ultrapassar os cinco quilos. A soma das dimensões máximas (comprimento, largura e altura) não poderá ultrapassar os 90 centímetros, nem qualquer delas ser superior a 70 centímetros.

A TAP será responsável por avaria, extravio ou atraso no transporte, a menos que prove que tomou todas as medidas necessárias para evitar o prejuízo ou que um caso de força maior impediu de tomar tais medidas.

NAS LIVRARIAS

COLECÇÃO SAÚDE

Esta colecção assenta no simples conceito de que a saúde representa um capital de valor inestimável que cada um deve gerir o mais conscientemente possível. Para tanto é preciso que o público esteja informado e que essa informação lhe seja proporcionada por médicos. Ei-la, pois, ao alcance de todos.

Dr. B. KRÄHENBÜHL

PROBLEMAS CIRCULATÓRIOS E ARTERIOSCLEROSE

Dr. A. BLOCH

O ENFARTE DO MIOCÁRDIO

Cada volume oferece a garantia de ser escrito por um grande especialista suiço

Uma iniciativa de PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

1 1 0 3 2 8 2

Dossier Homicídio (6)

Do crime à investigação

Quem mata outra pessoa pretende, por via de regra, a impunidade. Exceptua-se, naturalmente, os que fazem desse acto uma manifestação pública de desagravo ou visam impacto publicitário com vários fins.

Continuamos a falar do homicídio voluntário e destes apenas os cometidos por indivíduos cujas características psicossomáticas (de origem psíquica e emocional) não ultrapassem a craveira da normalidade subjectiva com que todos nós jogamos para apreciar condutas alheias: uma medida mais pesada os casos de maior proximidade afectiva e mais leve no inverso

É vulgar matar-se devido a impulsos emocionais, em que os passionais são exemplos típicos, geralmente não premeditados nem seguidos de encenação tendente a desviar as suspeitas ou confundir as autoridades policiais. São homicídios que poderemos considerar circunstanciais em que por norma o autor se deixa prender no local ou vai entregar-se a seguir à prática do crime. Acontece por vezes ser o próprio quem primeiro dá a notícia da morte cometida em local isolado e fora das vistas de testemunhas.

Estes casos na gíria policial nem se consideram homicídios. Por estas designações os investigadores policiais habitualmente apenas designam os casos em que um cadáver é encontrado com vestígios de ter sido vítima de morte voluntária cometida por outrem; em princípio desconhecida.

São inúmeras e variadas as circunstâncias em que qualquer de nós se pode ver confrontado com um cadáver. Para a maioria das pessoas o simples facto de tal acontecer provoca-lhes um estado emocional inibidor das faculdades sensoriais e intelectivas, susceptível de o levar a qualquer atitude irreflectida que venha a prejudicar as investigações. Pode também acontecer vir a criar problemas desagradáveis ou ver-se envolvido nos complexos meandros policiais nem sempre transparentes, por vezes incompreensíveis, que caracterizam tal actividade.

O achado do corpo

O cadáver está ali. Está ali, por ter sido naquele mesmo sítio que o indivíduo foi morto ou por ter sido arremessado ou colocado naquele lugar com algum fim em vista já depois da morte ou ainda moribundo.

A pessoa que o encontrou ou se afasta como se nada visse para evitar futuros incómodos ou apressa-se a alertar as autoridades assumindo o chamado «dever do cidadão».

Na primeira hipótese, pondo de lado a questão moral ou cívica cuja análise não nos propomos neste lugar, pode acontecer que alguém o veja no local ou ter ali deixado vestígios da sua presença, que forneçam matéria de suspeição e o envolvam numa trama mais ou menos emaranhada

Aconselhar essa pessoa a enfrentar tal situação de um modo ou de outro não o faremos por não nos termos proposto a elaborar o «Guia do Bom Achador de Cadáveres». Se lhe acontecer essa situação pondere todas as consequências previsíveis e resolva por si.

Sabemos perfeitamente que muitas pessoas temem assumir a responsabilidade de denunciar o achado de um corpo por falta de confiança nas entidades encarregadas de deslindar o mistério do caso. Na verdade são muitas e verídicas as histerias de pessoas envolvidas em situações desesperantes provocadas pela incompetência e obtusidade de certas entidades policiais e, diga-se sem contemplações, por autoridades judiciais que apesar do exercício da magistratura judicial e do curso superior que lhes facultou tal função não agem com maior discernimento e objectividade.

Em Portugal são na verdade raros os erros judiciais em crimes de homicídio, sendo mais frequentes as absolvições em casos de imputação quase evidente. No entanto o número de pessoas sujeitas a situações humilhantes e desagradáveis por motivo de simples aparências é considerável.

Posto isto, quando o acaso lhe colocar no seu caminho um cadáver, se optar por força da sua decisão ou imperativo das circunstâncias dar notícia do facto às autoridades competentes, evite o mais possível alterar o teatro do crime. Não toque em nada, não acrescente aos vestígios ali deixados pelo autor outros que venham confundir os investigadores nem retire do local objectos ou indícios necessários para esclarecer o móbil (motivação), o modo de actuação e a identidade da pessoa que praticou ou mandou praticar o acto.

Acontece, aconteceu já muitas vezes, certas pessoas terem-se visto alvo de fortes suspeitas e mesmo incriminações já a nível de pronúncia judicial pelo simples facto de se terem apoderado de valores encontrados nos cadáveres ou junto deles; embora estivessem alheios às circunstâncias que provocaram a morte violenta.

No meio das multidões misturam-se criminosos em potência, futuras vítimas, assassinos em impunidade e polícias em actividade discreta

Alguns investigadores e as suas conclusões têm sido prejudicadas pelo simples acto de se mudar a posição do instruento do crime ou do corpo e o facto de o fazer mesmo sem intenção pode vir a acarretar-lhe um sem-número de dissabores que aumentarão na razão directa do humor e discernimento do investigador criminal efectivo ou improvisado como acontece com frequência por esse país fora.

Na presença de um corpo humano, que lhe pareça já cadáver, há uma coisa que deve e tem de fazer por imposição legal: verificar se o indivíduo está na verdade morto ou ainda se encontra vivo. Nestas circunstâncias e embora venha mais tarde a ter de arrostar com alguma incompreensão policial, deve providenciar no sentido de esgotar os meios para o socorro e tentar salvar a vida, mesmo que tenha de destruir elementos valiosos para o esclarecimento das circunstâncias que rodearam o caso.

O modo de socorrer alguém, vítima de violências, depende naturalmente das circunstâncias, do tipo de acção utilizado para lhe dar a morte, do instrumento usado e do estado de gravidade da vítima. Se não souber como actuar ou não tiver coragem para o fazer, limite-se a pedir socorro.

A investigação criminal

Descobrir crimes, deslindar mistérios, foi por força de um certo tipo de literatura, que se alargaria à expressão fílmica e televisiva, uma das paixões mais em voga, responsável por vocações detectivescas amadoras e escolha de profissão de alguns polícias. Só que, e quase todos os investigadores criminais o confessaram, a realidade que enfrentam no dia-a-dia da sua actividade está bastante longe da fértil e criativa imaginação dos autores policiais ou policiários como alguns apaixonados da polémica pretendem.

Na realidade de uma investigação criminal nunca se sabe se a identidade do assassino é revelada na última página, pois nem sempre se chega a «escrever» a última página. Também e ao contrário do que acontece na maioria dos romances policiais os assassinos reais não têm o espírito desportivo que os leva a confessar e a esclarecer as circunstâncias do crime logo que são descobertos pelo detective.

Nos livros policiais, é raro o homicídio que mantenha a negativa quando a perspicácia do investigador o aponta como responsável. Na vida real, por regra, os assassinos mantêm a negativa mesmo perante todas as evidências, de sua iniciativa ou a conselho dos defensores. Estes esquecidos de que o seu papel não é a de ajudar a absolver criminosos mas tão-somente a evitar a condenação de inocentes ou a errada aplicação das penas previstas na lei, em especial, quanto a excesso nos casos de culpados. Nas circunstâncias presentes o papel, a prática, de grande parte dos causídicos nas suas intervenções em defesa dos delinquentes, tem o objectivo único: alcançar a absolvição, independente do facto de ser justa ou não. Tal facto, apresenta-se aos olhos da população em geral sob perspectivas pouco simpáticas para não utilizar adjectivação mais ilustrativa.

Em Portugal, a competência para a investigação dos crimes de homicídio pertence às autoridades locais sob a direcção do agente do Ministério Público.

Nas comarcas onde não existe Polícia Judiciária pode dizer-se que as primeiras diligências são levadas a efeito por quem tem pouco mais preparação do que o leitor de romances policiais. Só depois, e verificadas certas circunstâncias, é a competência diferida aos investigadores daquela Polícia, quando, por vezes, já se destruíram as melhores pistas.

No entanto, também acontece, até mesmo em Lisboa, que o agente da Judiciária destacado para iniciar as primeiras diligências de um caso suspeito para que foi alertado o piquete de serviço, não tenha qualquer experiência de crimes daquela natureza e se deixe iludir por circunstâncias aparentes, classificando de suicídio ou acicente um verdadeiro caso de homicídio. Por vezes um agente especializado em burlas ou furtos, que tenha mesmo uma certa relutância face a cadáveres, é quem em serviço de piquete é escalado para ir ao local tomar conta da ocorrência. O agente elabora o relatório e ordena a remoção do corpo para o Instituto de Medicina Legal confiando na autópsia para decisão definitiva. Só que nem sempre a autópsia pode ir mais longe do que decidir qual foi a causa da morte sem poder esclarecer as circunstâncias que as determinaram ou rodearam.

Segundo a autópsia, o indivíduo, por exemplo: morreu afogado ou estava já morto quando entrou na água, mas nem sempre pode determinar se o facto foi devido a acidente, a suicídio ou homicídio. Do mesmo modo quando se trata de queda de lugar elevado em que só cuidadoso exame ao local por perito experimentado pode explicar a causa dessa queda. Muitos outros casos poderíamos apresentar mas não se trata aqui de fazer concorrência aos manuais ee Medicina Legal.

Basta apenas que as pessoas se sensibilizem para o facto do perigo de: por negligência de certas pessoas; por carência de autoridades devidamente profissionalizadas; por deficiências estruturais no funcionamento das Polícias; alguns homicídios ficam impunes por nunca terem sido considerados ou classificados como tal.

No entanto, uma coisa poderá servir de consolo: as autoridades portuguesas, em especial a Polícia Judiciária tem um dos mais elevados índices de homicídios esclarecidos; cerca de 85%, dos casos que foram do seu conhecimento, pois há alguns que sempre passam pelas malhas permitindo a impunidade.

Dias Brito

No Próximo sábado:
O CRIME COMPENSA?

A confissão do crime

No dia em que perfiz duas semanas de serviço como agente da Polícia Judiciária, antes mesmo de ter frequentado qualquer curso e sem a mínima noção dos imperativos de serviço, intervim num caso de homicídio em circunstâncias por várias razões ilustrativas do improviso que então se vivia. Por outro lado esta história pelo seu desfecho dará motivo a uma interessante meditação com a qual não se pretende defender nada em concreto.

Passava na Rua Heliodoro Salgado perto do Bairro das Colónias quando vi um ajuntamento de pessoas que comentavam o homicídio de uma mulher. Alertado o meu sentido de dever profissional, logo me dispus a subir os dois andares do prédio onde se dera a ocorrência e oferecer os meus serviços ao colega ou superior que ali estivesse a tomar conta da ocorrência. Na mira, a ideia de aprender alguma coisa e dar vazão ao entusiasmo que já me empolgara: Nada menos que um homicídio no 15.º dia de profissão... Era sorte...

Aconteceu porém que para além das inúmeras pessoas que enchiam a casa e do cadáver da senhora, já idosa, no corredor com o crânio fendido e massa encefálica derramada, encontravam-se apenas dois elementos da PSP que respiraram de alívio logo que me identifiquei e deferiram para mim toda a responsabilidade do acto. Só que eu não tive a coragem de os informar que era um novato e não percebia nada daquilo.

Puxei então dos meus conhecimentos policiários de literatura, e depois de isolar o local do corpo, comecei a tomar notas: quem era a vítima, os familiares, a hora em que fora encontrada, por quem, etc., etc. Entretanto mandei um dos guardas da PSP telefonar para o Torel, (isto passou-se há precisamente 31 anos e a sede da Polícia Judiciária era no palácio que tem aquele nome) para pedir um agente dos que percebessem do ofício. De lá na altura o piquete era de apenas dois homens respondiam: – que se lá estava um agente para que queriam mais?

Mais tarde apareceria o agente Morenito. Também por mero acaso, com tanta falta de experiência como eu, pois entrara ao mesmo tempo para a Polícia. Foi ele quem então pelo telefone explicou ao «agente a sério» que estava de piquete a triste situação em que nos encontrávamos. Lá veio então o velho agente Paz, a dois dias da reforma.

Contei o que apurara: Uma velha com perto de setenta anos, fora encontrada no corredor da casa, por um dos filhos, com várias lesões nomeadamente na cabeça com fracturas talhadas no crânio que apontava para utilização de um machado. Na verdade existia um na cozinha, guardado na gaveta do armário e com o cabo húmido.

Perguntou-me se suspeitava de alguém e na verdade disse-lhe que suspeitava de uma sobrinha que também ali vivia, uma tal Maria da Conceição. Lá expliquei as razões que me levavam àquela conclusão, não sei se de algum modo fundamentadas. Ele disse então para a prender e levar para a sede da Polícia que ele ficaria ali a ultimar as investigações.

Para encurtar direi apenas que durante dois dias acompanhei as investigações e realizei algumas diligências à ordem dos mais velhos. Encarregaram-me de durante horas a fio interrogar a mulher, o que fiz tentando mostrar-me compreensivo e bondoso, tendo mesmo pago da minha algibeira muitos copos de leite, sandes e bolos para ela se alimentar pois queixava-se de não conseguir comer as refeições da cadeia.

Entretanto ela negava a autoria do crime, e apresentava o alibi de que estivera em casa de três pessoas diferentes utilizando para se deslocar o carro eléctrico o que a ser verdade não lhe permitiria estar em casa à hora do crime.

Dois dias e duas noites estive eu com a Maria da Conceição, às voltas. Ela sempre a negar e acabaria por confessar quando o agente A. já com alguns anos de rodagem, lhe aplicou duas bofetadas, nem sequer muito fortes, e ela, de pronto, pediu para lhe não bater mais que confessava tudo... E confessou mesmo, fornecendo todos os dados que tornavam a confissão absolutamente crível.

Mais tarde voltou-se para mim disse: Se calhar estraguei-lhe a promoção. Fui confessar aquele que me tratou mal e não o fiz ao senhor que foi tão meu amigo...

(a) Elemento da PJ reformado

Eleições legislativas no Outono?

Governo italiano pode cair hoje

Uma reunião do conselho de ministros italiano, a realizar hoje, em Roma, deve pôr o ponto final ao primeiro governo «laico» em 36 anos da história da República em Itália. Pela primeira vez, e durante 506 dias – um «record» de longevidade governativa – o cargo de Presidente do Conselho escapou ao controlo da Democracia Cristã.

Giovanni Spadolini, foi o homem que, beneficiando do impasse político em Itália, pela cristalização das iniciativas políticas dos dois principais blocos partidários – a Democracia Cistã e o Partido Comunista Italiano, guindou o seu partido, o pequeno Partido Republicano, no seio de uma coligação em que participavam democratas cristãos e socialistas.

Enquanto a DC se mantinha na defensiva, depois de perder o cargo de Presidente do Conselho, os socialistas, cujo peso eleitoral, segundo as últimas sondagens, se situa entre 12 e 14 por cento, ganharam uma posição chave na manutenção do governo.

A demissão, na quinta-feira, dos sete ministros socialistas do executivo de Spadolinni lançou de imediato nuvens negras sobre o futuro do Governo. Em reunião com Spadolini, na sua residência de férias no Tirol italiano, o presidente da República Italiana, Sandro Pertini, anunciou ontem que iria encurtar as suas férias, decisão entendida pelos observadores como princípio do fim do actual governo.

Deste modo, a reunião de hoje do governo italiano será um mero «pró-Forma» e tem-se como certo que na próxima segunda-feira o presidente italiano inicie as consultas para a constituição de um novo governo.

No entanto, como todas as combinações possíveis para a constituição de uma maioria parlamentar, com a exclusão de cargos governativos do PCI, foram esgotadas pelos governos que se sucederam nos últimos anos, perfilha-se, aos olhos dos comentadores políticos, a hipótese de novas eleições legislativas para o próximo Outono.

Giovanni Spadolini

Rompendo uma trégua

Irão lança ofensiva contra posições iraquianas

Forças iranianas lançaram sexta-feira um duro ataque contra posições iraquianas, no sector central da guerra do golfo Pérsico, mas 134 dos seus soldados morreram e outros foram capturados, afirmou o Iraque.

Não havia ainda qualquer reacção de Teerão às afirmações de Bagdade sobre a nova ofensiva iraniana.

O comunicado militar do Iraque não adiantava pormenores das baixas do Iraque nos novos confrontos, que dizia terem tido início ao princípio da manhã de sexta-feira na região fronteiriça irano-iraquiana. «Tropas iranianas atacaram posições iraquianas no sector central, onde decorreu uma dura batalha em que foram utilizados todos os géneros de armas», dizia o comunicado, difundido pela agência noticiosa iraquiana «INA».

Para além dos 134 iranianos mortos, o Iraque capturou ou feriu «grande número» de soldados atacantes, tendo além disso o Irão perdido cinco tanques, cinco veículos e um grande depósito de munições. A batalha de 25 dias pelo porto iraquiano de Bassorá prosseguiu, com o Irão bombardeando áreas residenciais da cidade Khanqin, ferindo vários civis e danificando apartamentos, disse a «INA».

As novas hostilidades vieram interromper uma trégua aparente na guerra do golfo, que se arrasta há 22 meses, e surgiram, poucas horas antes de o primeiro-ministro turco, Bulent Ulusu, dever chegar a Teerão, para uma nova missão de paz.

Responsáveis do governo turco notaram que Ulusu e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Ilter Turkmen, conferenciariam com responsáveis iranianos, na esperança de encontrarem uma base para uma solução negociado com Bagdade.

Fontes turcas notaram que a visita a Teerão poderia ser seguida por uma semelhante a Bagdade, mas não havia confirmação oficial. O Iraque propôs hoje uma sessão dos ministros dos Negócios Estrangeiros não-alinhados, para decidir se a cimeira do movimento, marcada para o próximo mês em Bagdade, poderá realizar-se enquanto o país anfitrião se encontra em guerra com o Irão. A proposta foi apresentada pelo ministro iraquiano dos Negócios Estrangeiros, Saddoun Hammadi, num comunicado divulgado pela agência «INA».

Hammadi adiantou que deveriam ser concedidos poderes aos ministros dos Negócios Estrangeiros para tomarem uma decisão final sobre o destino da conferência.

Terminou a "Mondialcult"

Condenação vigorosa do belicismo e do 'apartheid'

O director-geral da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Ciência, Educação e Cultura), Amadu Mahtar, M'Bow, encerrou ontem, na Cidade do México, o encontro «Mondialcult», que reuniu, durante quinze dias, os ministros da Cultura do mundo inteiro, com um apelo para que «cessem as destruições e os combates e severa condenação da política do «apartheid».

Dirigindo-se aos representantes dos 119 países participantes M'Bow pôs em destaque o interesse que os delegados mostraram durante os trabalhos pelos sofrimentos da população libanesa, pelo drama do povo palestino, pela Namíbia e pela situação trágica da população negra da África do Sul.

«Penso – concluiu – que chegou o momento da Humanidade procurar caminhos novos para resolver os problemas tão difíceis com que se debate, em vez de procurar sempre recorrer ao ferro e ao fogo. Ferro e fogo devem passar a pertencer a um passado que não volta».

Durante a cerimónia de encerramento foi observado um minuto de silêncio por «todos os homens, mulheres e crianças que perderam a vida durante as duas semanas de trabalhos da conferência, claramente dedicado às vítimas dos bombardeamentos israelitas contra Beirute.

As directrizes em matéria de política cultural definidas pela UNESCO no México foram recolhidas numa vasta «Declaração do México», divulgada ontem e que enuncia os seguintes princípios.

1) – Identidade cultural: A UNESCO pronuncia-se a favor de políticas culturais susceptíveis de proteger, encorajar e enriquecer a identidade e o património de cada povo.

2) – Dimensão cultural do desenvolvimento: É indispensável humanizar o desenvolvimento, que deve harmonizar a dignidade individual e a responsabilidade social.

3) – Cultura e democracia: Trata-se, sobretudo, de abrir novos caminhos à democracia política, assegurando a igualdade das possibilidades nos domínios da educação e da cultura.

4) – Património cultural: A restituição aos seus países de origem das obras de arte que lhes foram tiradas ilicitamente, é um princípio fundamental das relações entre os povos.

5) – Cultura e comunicações: Os meios de comunicação modernos devem facilitar a Informação objectiva quanto à evolução dos acontecimentos culturais, e sem com isso prejudicar a liberdade criadora e a identidade cultural das nações.

6) – Financiamento: Para que seja efectivo, nos Estados membros, o desenvolvimento cultural, há que aumentar os orçamentos que lhe são consagrados e utilizar fundos e fontes diversas na medida do possível.

7) – Cooperação: A expansão da cultura, da ciência e da educação devem contribuir para consolidar a paz, respeitar os direitos do homem e contribuir para a extirpação do colonialismo e do neocolonialismo, do racismo, do «apartheid» e de qualquer forma de expressão de domínio ou de intervenção ilegítima.

Cimeira da OUA:

Apelo aos ausentes

Os chefes do Estado e de governo africanos reunidos em Trípolis decidiram dirigir um apelo aos países membros da OUA cuja ausência continua a impedir a celebração da cimeira anual desta. Ao mesmo tempo, concedeu-se mais um prazo de 24 horas para tentar conseguir o «quorum» necessário de 34 países (2/3).

Os observadores duvidam porém que os esforços da diplomacia líbia ajudada pelos seus mais chegados amigos, consigam salvar a cimeira de Trípolis, e permitam à OUA ultrapassar a crise política que a divide a propósito da admissão da RASD.

O Quénia e a Nigéria informaram que participarão na conferência da OUA se for reunido o «quorum», precisou um responsável líbio a propósito da sua ausência.

Recorda-se que a conferência devia reunir-se em 5 de Agosto e terminar em 8.

Membros do ANC condenados à morte

Três membros do Congresso Nacional Africano (ANC) que visa derrubar o regime sul-africano de «apartheid», foram ontem condenados à morte em Pretória, por «alta traição e assassínio».

O Supremo Tribunal de Pretória julgou-os por ataque a esquadras de Soweto, centrais energéticas, em Pretória, e linhas de caminho-de-ferro, entre Joanesburgo e Soweto.

Os condenados são Jerry Semano Mosololi, 25 anos, Simon Mogoerane, 23, e Marcus Thabo Motaung, 27.

Nas suas últimas alegações, o advogado de defesa pediu ao tribunal que poupasse a vida de três homens que «em consequência de graves injustiças sociais» consideraram ser seu dever juntar-se aos combatentes do ANC.

Quando foi lida a sentença, os três homens do ANC, de pé, erguendo o punho na direcção do juiz (sinal de adesão do «Poder Negro»), gritaram «amandla» (o Poder para o povo, em língua zulu).

O LIVRO DE BOLSO OCUPA POUCO ESPAÇO

E CUSTA POUCO DINHEIRO...

O COMPANHEIRO IDEAL QUANDO VAI PARA O EMPREGO, NAS FÉRIAS EM QUALQUER MOMENTO E LUGAR

Se você gosta do bom romance, clássico ou contemporâneo, se procura as obras-primas do pensamento, oferecemos-lhe os

16 Livros de bolso

Se prefere o livro policial moderno, com acção, então tem a série

Clube do CRIME

Se é mulher e gosta do romance mais ligeiro, em lugares de sonho, são para si os

romances Turquesa

Se pertence à «legião do espaço», não perca a série

FICÇÃO CIENTÍFICA FC

E, para os miúdos, os

CLÁSSICOS WALT DISNEY

OFERTA
NA COMPRA DE 3 OU MAIS LIVROS, FICA ISENTO DAS DESPESAS DE ENVIO

SE NÃO ENCONTRAR ESTES LIVROS NO SEU LIVREIRO, ENCOMENDE OS DIRECTAMENTE AO EDITOR

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 - 2726 Mem Martins Codex

Por favor, assinale com X os livros pretendidos
Os preços são acrescidos das despesas de expedição e cobrança

	A	90$	G	130$	N	115$
	B	170$	H	130$	O	105$
	C	130$	I	140$	P	130$
	D	200$	J	140$	Q	140$
	E	105$	L	170$	R	130$
	F	115$	M	140$	S	140$
					T	140$

NOME
PROFISSÃO
MORADA
COD. POSTAL LOCALIDADE

24 horas

ATENTADOS NA COLÔMBIA – A Polícia revelou ontem que morreram seis pessoas entre as quais quatro agentes em consequência de dois atentados ocorridos em Yumbo (centro da Colômbia) e em Popayan Sudoeste do país). Por outro lado, registou-se um tiroteio ontem de manhã em Bogotá perto do palácio de S. Carlos, sede do Ministério dos Negócios Estrangeiros, no momento em que decorria uma cerimónia de homenagem ao presidente cessante, Julio Cesar Turbay. Estes atentados verificaram-se 24 horas antes da tomada de posse do presidente Belissario Betancur (conservador), eleito em 30 de Mio passado, na qual estarão presentes 74 delegações estrangeiras.

HONDURAS – O comandante do Exército hondurenho afirmou ontem que o governo não faria qualquer esforço para proteger a Nicarágua de acções de guerrilheiros direitistas nicaraguenses com base nas Honduras. O general Gustavo Alvarez proferiu as declarações durante uma visita à província de Gracias a Dios onde pilotos e tripulações norte-americanas completaram ontem um transporte de mais de mil tropas hondurenhas para uma nova base próxima da fronteira com a Nicarágua.

DESEMPREGO NOS EUA – O desemprego alcançou nos Estados Unidos, no mês de Julho, o seu mais alto nível desde 1941, com o índice de 9,8 por cento.

Encontram-se desempregadas 10,8 milhões de pessoas, mais 360 mil do que no mês anterior. Junho, informou em Washington o Ministéri do Trabalho. Neste número não estão incluídos 1,5 milhões de pessoas que, desesperançadas, desistiram de procurar trabalho. O maior aumento de desemprego registou-se em Julho entre as mulheres e os jovens. Cerca de 24.1 por cento dos jovens encontram-se sem trabalho. Entre a população negra mantém-se invariável o coeficiente de desemprego: 18,5 por cento.

IGREJA ANGLICANA Um estudo elaborado pela Igreja Anglicana refere que a Grã-Bretanha deveria abandonar as armas nucleares: anunciou ontem o jornal londrino «The Guardian». O relatório adianta que o governo britânico deveria cancelar a ordem de colocação de armas norte-americanas e retirar as facilidades concedidas aos Estados Unidos de instalação de bases aéreas e navais na Grã-Bretanha. O estudo será submetido em Fevereiro ao sínodo geral anglicano para debate. Um porta-voz da Igreja Anglicana recusou-se a confirmar ou desmentir o conteúdo da notícia publicada no «Guardian».

SANFAGEM O Partido Socialista Espanhol (PSOE) tem muitas possibilidades de conseguir uma maioria absoluta nas próximas eleições gerais, refere uma sondagem divulgada ontem pelo «Diário 16». No caso das eleições serem antecipadas para Novembro, O PSOE obteria 37 por cento dos votos e o seu líder Gonzalez obteria 33,6 por cento dos votos se o chefe de governo fosse eleito directamente. O partido governamental União do Centro Democrático conseguiria, segundo o inquérito, unicamente 7 por cento dos sufrágios, ficando atrás da conservadora Aliança Popular, com 10,7 por cento. Em quarto lugar ficaria a Acção Democrática partido de tendência social democrata fundado por Francisco Sanchez Ordoñez a partir de uma cisão da UCD, com 1,9 por cento dos votos.

PACIFISMO Um «festival da paz» reuniu cerca de 2 mil pacifistas, ontem em Viena, entre os quais os pacifistas escandinavos que participaram na marcha da paz através da União Soviética, a Hungria e a Checoslováquia. Reunidos para o «festival da paz», que deve durar 4 dias, os pacifistas denunciaram o armamento das superpotências.

PAPA – O responsável da Igreja Católica de El Salvador afirmou ontem que o Papa João Paulo II apelaria para um cessar-fogo imediato na guerra de guerrilhas do país. O arcebispo Arturo Rivera Y Damas lei o apelo do Papa para a reconciliação ácerca de três mil fiéis, na principal catedral do país, durante um feriado religioso nacional. «Esta reconciliação diz respeito a irmãos que são motivados por interesses contraditórios, que os levam a pegar em armas e sacrificar a aspiração fundamental da pessoa humana», diz a carta do Papa, datada de sexta-feira. «É indispensável na reconciliação que terminem todas as hostilidades e acabe o uso de armas, juntamente com certas garantias de que ninguém será objecto de represálias ou de vingança», afirma.

NOVO BEBÉ PROVETA – Um bebé concebido numa proveta segundo um novo método que dura apenas seis horas nasceu ontem numa clínica londrina. Natasha Bhugoa, de 2,9 quilogramas, nascida através de cesariana, foi concebida segundo o método apelicado pelo especialista Ian Craft, do «Royal Free Hospital» de Londres, que consiste em extrair o óvulo e fecundá-lo numa proveta seis horas depois. Uma hora depois o óvulo fecundado é devolvido ao útero materno juntamente com ums solução nutritiva.

O anterior método, mais generalizado, aplicado também por Craft, pioneiro dos bebés proveta, durava 48 horas.

RESTABELECIMENTO DA PENA DE MORTE – O governador do Estado de Nova Jersey promulgou hoje nova legislação restabelecendo a pena capital no Estado para os culpados de assassínio premetitado ou de contratarem um assassino para matar terceira pessoa. Nova Jersey é assim o trigésimo sétimo Estado norte-americano a restabelecer a pena de morte para condenados por assassinato. A lei assinada pelo governador Thomas Kean não prevê qual o método de execução, que será determinado pela assembleia estadual. A pena de morte declarada inconstitucional pelo Supremo Tribunal dos Estados Unidos da América, mas desde então já 36 Estados aprovaram leis restabelecendo a aplicação da pena capital. O restabelecimento da pena de morte em Nova Jersey teve dura oposição do conselho de igrejas daquele estado.

FOI MARCADA PARA FINS DE AGOSTO, em Havana, uma reunião extraordinária dos ministros dos Negócios Estrangeiros do Movimento dos Não-Alinhados, segundo soube a AFP, de fontes seguras.

Nessa reunião, será proposta a Índia como local para a realização da próxima cimeira do movimento, inicialmente prevista para o Iraque.

A cimeira terá lugar em princípios de Setembro.

Enquanto continua o "calvário" do Líbano

Estados Unidos vetaram na ONU o embargo de armas a Israel

Os Estados Unidos opuseram ontem o seu veto a um projecto de resolução apresentado pela União Soviética, pedindo ao Conselho de Segurança a aprovação do embargo dos fornecimentos de armas a Israel.

A Grã-Bretanha, Togo e Zaire abstiveram-se, ao passo que os restantes onze membros do Conselho votaram a favor.

O projecto soviético condenava «vigorosamente» Israel pela sua recusa «em seguir as decisões do Conselho para cessarem as efusões de sangue em Beirute».

«Todos os Estados membros das Nações Unidas deveriam, como medida preliminar, abster-se de fornecer a Israel qualquer arma, seja ela qual for, e de lhe dar apoio militar seja ele qual for», acrescentava o texto soviético.

Os membros do Conselho de Segurança que votaram a favor da resolução foram a China, França, Guiana, Irlanda, Japão, Jordânia, Panamá, Polónia, Espanha, Uganda e URSS.

A agência oficial soviética TASS condenou violentamente a decisão dos EUA de oporem o seu veto ao projecto de resolução.

Esta decisão americana, segundo a agência, é «uma intervenção declarada dos EUA como cúlplices da agressão de Telavive ao Líbano».

«Os resultados da votação mostram que Washington está disposta a apoiar o agressor israelita até ao fim, até à destruição total da capital libanesa», acrescenta a TASS.

Israel: ordem para arrasar

Aviões israelitas arrasaram ontem um edifício de Beirute Ocidental onde se encontravam mais de 200 refugiados palestinianos e libaneses, enquanto a infantaria mantinha fogo de artilharia ao longo da «linha verde» que divide a cidade.

Fontes do Governo libanês citadas pela UPI e referidas pela ANOP disseram que Israel deu à organização de Libertação da Palestina (OLP) um prazo até à meia noite de amanhã para iniciar a retirada de Beirute, ameaçando com um assalto final à cidade se tal ultimato não for cumprido.

Os ataques terrestres e aéreos quebraram o décimo «cessar-fogo» não declarado entre Israel e os palestinianos.

O bombardeamento aéreo, um dos mais mortíferos nos dois meses de invasão, ocorreu horas após um forte ataque da Infantaria israelita ao longo da rua principal do sector ocidental da cidade, predominantemente muçulmano.

Antes dessa barragem de fogo de artilharia, as tropas israelitas advertiram a população civil, por meio de altifalantes, para fugir ou procurar refúgio.

De acordo com testemunhas, guerrilheiros palestinianos ripostaram com «rockets», muitos dos quais caíram no jector oriental de Beirute, controlado pelos falangistas cristãos (direita libanesa), que colaboram com o invasor.

Blindados israelitas concentrados junto ao Museu avançaram ligeiramente ao longo da «linha verde» e em direcção a Beirute Ocidental, disparando os seus canhões, mas regressaram mais tarde às suas anteriores posições no sector Oriental.

Fontes palestinianas disseram julgar que a movimentação dos blindados se destinou a dar cobertura a veículos que procuravam recuperar corpos de soldados israelitas mortos durante os combates de quarta-feira passada.

O bombardeamento aéreo teve como alvo principal um edifício de apartamentos com oito andares, que funcionava anteriormente como quartel-general da OLP. O edifício ficou completamente destruído, transformado num monte de destroços com pedras, plásticos e corpos que equipas de salvamento retiravam dos escombros, puxando por braços e pernas.

Correspondentes da UPI afirmaram ser praticamente impossível que pudesse ter escapado algum dos mais de 200 refugiados palestinianos e libaneses que se encontravam no edifício.

Cerca de 20 minutos depois do ataque aéreo, um carro armadilhado explodiu junto ao local, causando quatro mortos e 11 feridos.

Não havia, contudo, indicações em Beirute Ocidental de que algum dirigente palestiniano tenha ficado ferido nos ataques de ontem.

Exortação de Kadhafi

O dirigente líbio, coronel Kadhafi afirmou ontem que «os árabes não têm outra alternativa senão a de enviarem para a Síria dez divisões e 500 aviões», a fim de desencadearem a guerra contra Israel.

O dirigente líbio acrescentou que o seu país está «disposto a fornecer uma divisão e esquadrilhas de combate».

Em declaração prestada à agência noticiosa líbia JANA, captada em Paris, o dirigente da Revolução Líbia disse ainda que a decisão deverá ser tomada «sejam quais forem os cálculos referentes a uma eventual cimeira árabe».

Para o dirigente líbio, é preciso suspender os fornecimentos de petróleo aos Estados Unidos, que apoiam Israel, «e retirar todos os capitais árabes dos seus bancos, controlados pelos sionistas».

Um adolescente com a cara queimada à espera de tratamento nos serviços de urgência de um hospital de Beirute-Oeste. Foi atingido pelos bombardeamentos israelitas (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

As mulheres e as crianças de Beirute

As mulheres e as crianças de Beirute Oeste estão em «estado de choque» por causa dos estrondos e do medo dos bombardeamentos, afirmou uma equipa médica móvel da Cruz Vermelha Libanesa (CVL) que visitou os centros de refugiados e os hospitais situados nas zonas bombardeadas.

As longas permanências nos abrigos, na maioria sem comodidades mínimas, provocam muitos casos de asma e de sufocações. Além disso, o estado sanitário do meio milhão de habitantes de Beirute Oeste, sujeito a um bloqueio alimentar, privado de carburante, de água e de electricidade, piora de dia para dia, segundo um relatório da CVL publicado ontem.

Casos de tifóide foram assinalados, mas a extensão da doença é impossível de determinar com rigor, devido ao não funcionamento adequado dos laboratórios de análises médicas.

A penúria de água potável provoca entre as crianças diarreias crónicas, exigindo, para serem debeladas, soluções de água açucarada, produto também raro por causa do bloqueio aliemntar israelita.

Com a escassez de alimentos frescos, os reservatórios vazios e a água disponível extremamente salgada, a situação das crianças da cidade torna-se «mais trágica de hora para hora», diz a CVL.

O fundo infantil da ONU – UNICEF – tem vindo a distribuir água em vasilhas, mas as suas reservas esgotam-se.

As forças invasoras de Israel bloquearam a energia e os fornecimentos de combustível, água e abastecimentos de socorro, e o plasma sanguíneo e medicamentos que necessitam de refrigeração encontram-se agora ameaçados, acrescenta o relatório da Cruz Vermelha, divulgado pela ONU.

Trabalhistas israelitas manifestaram-se

O dirigente da oposição israelita Shimon Peres instou hoje o seu país a tomar a iniciativa na questão palestiniana e a propor a oferta de alguns territórios árabes ocupados para a criação de um Estado jordano-palestiniano.

Reiterando apelos com vista a uma solução pacífica do conflito, o líder do Partido Trabalhista de Israel considerou, em artigo hoje publicado pelo jornal «The New York Times» que nenhuma guerra pode resolver a questão.

«Na verdade, os dois meses de guerra levaram as pessoas a estar certas de que a questão não pode ser posta de lado» – escreveu Peres.

«Julgo ser esta a altura de Israel iniciar um novo plano para a solução da questão palestiniana de modo a que a sobrevivência de Israel possa ficar garantida» – acrescentou.

Nicarágua corta com Israel

O Governo da Nicarágua rompeu relações diplomáticas com Israel, exprimindo a sua preocupação pela «impassibilidade» da maior parte dos Governos que assistem ao genocídio dos povos palestiniano e libanês, revelaram hoje fontes oficiais de Manágua.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros assinalou que a política do Executivo sandinista permite manter relações com todos os países do mundo, mas «o genocídio praticado por Israel toca a própria essência do Homem».

Atentado contra o «Grupo Rothschild

Uma forte carga explosiva provocou hoje de madrugada importantes danos materiais num estabelecimento bancário do «Grupo Rothschild», o «Discount Bank», situado numa rua central de Paris.

A explosão foi tão violenta que pulverizou os vidros das casas vizinhas num raio de 50 metros.

Os serviços de segurança do banco consideraram que se tratou de um atentado anti-semita, relacionado com os acontecimentos no Líbano, dado que os clientes do banco são, na sua maioria, comerciantes judeus.

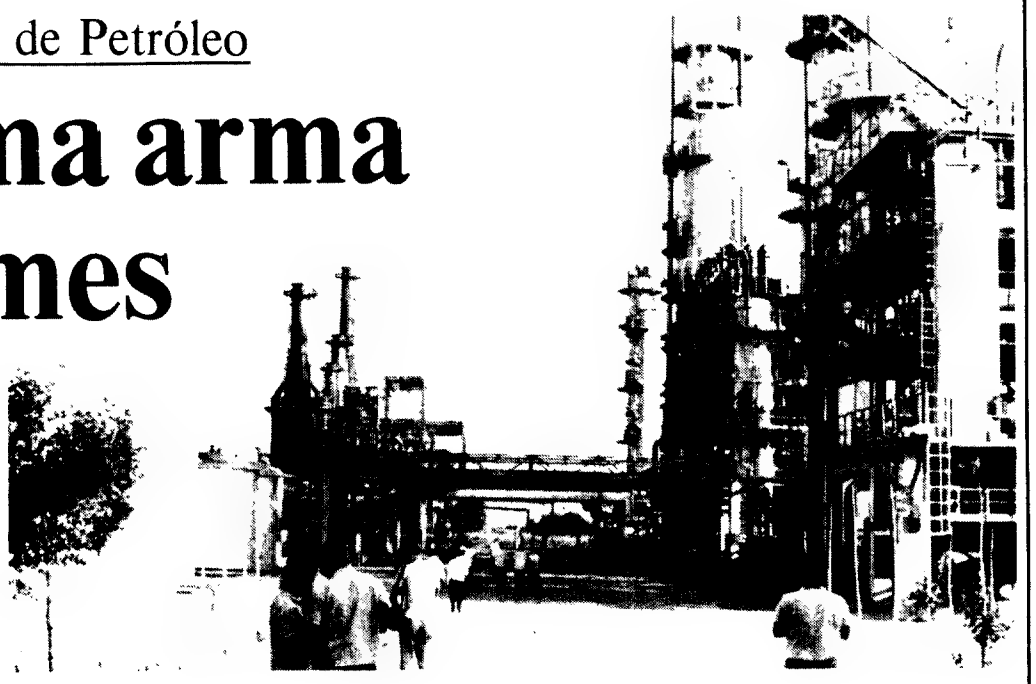
O atentado foi reivindicado pela autodenominada «Acção Directa», que já tinha também reivindicado, no domingo passado, o tiroteio contra o carro de um funcionário da Embaixada de Israel em Paris e, há quatro meses, o ataque à metralhadora contra a missão comercial em Paris do Ministério israelita da Defesa.

exclusivo

Abundância de Petróleo

O petróleo é uma arma de dois gumes

■ Carlos Sanchez Flores ☐ Prensa Latina



A Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP), violentamente atacada no Ocidente por ter desafiado as esmagadoras sociedades de consumo ao aumentar os preços de um produto energético, conseguiu, em Maio, estabelecer o seu primeiro acordo para regular a produção dos seus membros.

Este acordo constituiu a resposta mais sensata a uma campanha organizada pelas grandes transnacionais pertrolíferas norte-americanas e europeias, que, com base numa passageira sobreoferta de ramas no mercado internacional e de ameaças de suspensão das compras a alguns membros da OPEP, tentava forçar a baixa de preços para baixo do nível estabelecido pela organização.

O próprio presidente da Nigéria, Shegu Shagari, denunciou que o seu país, antes e depois da Conferência Extraordinária de Ministros da OPEP, em Viena, onde foi estabelecido o acordo regulado de produção, era um dos mais pressionados pelas ameaças da rescisão dos contratos de compra por parte das companhias, caso não baixasse os seus preços.

As firmas Shell, Gulf, Mobil, Texaco, AGIP e ELF enviaram notas nesse sentido ao governo de Lagos.

Sobre oferta e preços

O acordo para regular a produção – desta vez no sentido de a diminuir – foi firmado pelos ministros da OPEP para defender a quotização básica de petróleo: 34 dólares por barril de 159 litros, ou 42 galões. Este preço estava em perigo de rebaixa devido a uma sobreoferta relativa de ramas nos principais mercados importadores.

Muitos comentadores da imprensa ocidental prognosticaram mesmo que a abundância de produção e as altas existências de reservas, bem como o retraimento da procura, constituiriam uma crise para a OPEP que pressagiava o seu colapso.

O acordo da OPEP firmado em Viena significou um abaixamento da produção conjunta dos seus membros, dos 20 milhões de barris diários nos primeiros meses do ano para apenas 17 milhões e 500 mil barris por dia.

Dos doze dos países que concordaram em reduzir dois milhões de barris, a Arábia Saudita anunciou, no final da reunião, unilateralmente, que reduziria 500 mil barris às suas extracções diárias, ficando o número em 17 milhões e meio de barris já indicados.

Também o presidente da OPEP, Mana Said Oteiba, declarou que a Organização estava disposta a reduzir ainda mais a sua produção se a diminuição decidida nessa ocasião se revelasse insuficiente para deter a tendência para baixar o preço das ramas.

O presidente da entidade petrolífera convidou os países membros da OPEP a abster-se de novas reduções de preços, o que foi interpretado como uma observação dirigida à Grã-Bretanha e à Noruega, que tinham decidido, em princípios de Março, baixar as suas quotizações para pouco menos de 30 dólares o barril.

Desde que a OPEP, em fins de 1973, tomou a sua famosa decisão de quadruplicar o preço das ramas, tal como o tinham feito os membros da Organização dos Países Árabes Exportadores de Petróleo (OPAEP), numerosos analistas assinalaram que o aumento dos preços contribuiria para diminuir o esbanjamento de hidrocarburetos nos Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão, que eram, e continuam a ser, as principais zonas importadoras. O facto contribuiria também para tornar economicamente competitivos os investimentos no desenvolvimento de outras fontes de energia.

De 1973 até aos nossos dias, tornou-se evidente que a abundância de petróleo, minério que, apesar de tudo, continua a ser a fonte de energia mais barata do mundo, é uma perigosa arma de dois gumes, um dos quais é a ameaça da rápida extinção desse fabuloso recurso natural não renovável.

Por outro lado, a sobreoferta de ramas no mercado, dominando no mundo capitalista de uma maneira esmagadora pelas ofertas das grandes corporações petrolíferas privadas, atenta contra a estabilidade dos preços, como aconteceu a partir de meados de 1981.

Deve ficar claro que a chamada sobreoferta de ramas é uma expressão relativa e que se refere exclusivamente aos principais mercados exportadores capitalistas, por que os países importadores do chamado Terceiro Mundo, com muito ou pouco petróleo no mercado, sentiram com todo o rigor o encarecimento deste produto energético, com grave prejuízo para os seus programas de desenvolvimento.

Existência e preços

Quanto à abundância relativa dos meses passados, é um facto indesmentível que alguns membros da OPEP, como a Arábia Saudita e os Emiratos Árabes Unidos, contribuíram para ela, em benefício das reservas das firmas e dos governos dos países capitalistas industrializados, com os quais mantêm fortes alianças político-militares.

Foi em particular a Arábia Saudita, principal produtor e exportador da OPEP, que repudiou categoricamente as iniciativas e recomendações de outros membros da organização petrolífera, no sentido de chegar a um acordo que regule o nível máximo de produção para os 13 países associados dessas entidades.

O reino saudita chegou a produzir cerca de 10 milhões e 300 mil barris diários durante alguns meses de 1978 e nos anos seguintes as suas extracções foram superiores aos nove milhões e 500 mil barris diários, segundo números do relatório anual da OPEP referente a 1980.

Esta catarata de petróleo saudita, que se estendeu até ao primeiro semestre de 1981, permitiu às grandes companhias petrolíferas do grande cartel internacional (EXXON, Shell, Mobil, Gulf, Texaco, Chevron, BP, Arco, Getty e CONOCO, entre outras) encher os seus depósitos de reserva até ao topo.

Mesmo nos Estados Unidos, as gigantescas cavernas de cúpulas salinas já esgotadas foram utilizadas para armazenar as reservas estratégicas do governo.

Desde Setembro de 1980 verteram-se nesses depósitos até 160 mil barris diários e, em Dezembro deste ano, a administração enviou ao Congresso um projecto de lei para o autorizar a aumentar o número diário para 300 mil barris, com uma meta a alcançar de mil milhões de barris, equivalentes a cinco meses de exportações.

Segundo a agência oficial norte-americana ARF, em Fevereiro de 1981, funcionários do governo disseram que a decisão «foi tomada para comprar agora» porque os preços no mercado livre são relativamente razoáveis.

Apesar de essa informação insinuar que as compras seriam feitas directamente pelo Departamento de Energia no mercado livre, em Maio de 1981 o jornal «Washington Star» noticiou que as compras eram feitas pelo Pentágono a 19 firmas privadas.

A opinião oficial norte-americana sobre «comprar agora» que os preços são «razoáveis», era perfilhada precisamente quando os membros da OPEP, depois de seis anos (1974 a 1979) em que mantiveram virtualmente congelado o preço, tinham concordado em elevá-lo de 13,30 para 24 dólares o barril, para compensar a contínua desvalorização do dólar.

Em Março de 1982, um comentário do «New York Times» reconhecia que, «de facto, um preço de 26 dólares por barril equivale a 13 dólares de 1978. Esta erosão do valor do dólar foi o único detonador de todas as subidas de preço acordadas pela OPEP desde 1971, e em todas elas apenas foi recuperado, parcialmente o poder aquisitivo dos rendimentos da venda de petróleo.

O fenómeno atingiu de forma mais severa outros países subdesenvoldisos que exportam outras matérias-primas e que não têm a mesma capacidade de resposta, porque os seus produtos não são tão vitais, mas também porque, nalguns casos, não agiram com a unidade necessária.

Em 1979, a OPEP alcançou uma produção de 30 milhões e 920 mil barris diários, das jazidas dos seus 13 membros (Arábia Saudita, Argélia, Equador, Emiratos Árabes Unidos, Gabão, Irão, Iraque, Indonésia, Kuwait, Líbia, Nigéria, Qatar e Venezuela).

Em 1980, a produção decaiu para 26 milhões e 869 mil barris diários, decidida pelo governo iraniano depois da queda do xá, e a redução conjunta de quatro milhões, que determinou fundamentalmente o conflito militar entre Bagdad e Teerão.

Ainda assim, tornou-se evidente que a produçao conjunta, considerando c crescimento das extracções do México, do Mar do Norte e do Alasca, estava a ser muito superior às exigências do mercado.

A sobreoferta foi precipitada pela actual recessão económica capitalista, que marcou uma contracção na procura de combustível e contribuiu para precipitar a sobreoferta.

Em 1981, a Arábia Saudita, de maneira tardia e unilateral, iniciou abaixamentos de preços escalonados na sua produção, que chegaram aos oito milhões e meio de barris, tendo depois que diminuir mais um milhão.

Em Setembro desse ano, os membros da OPEP, duramente afectados pela onda inflacionária nos principais mercados importadores, que neutralizou a subida adoptada em 1979, chegaram a um rápido acordo para uma nova subida na quotização de até 34 dólares por barril, que é aquela que se propõem defender.

Por falta de uma política de produção a médio e a longo prazo no seio da organização, apenas em dois anos e três meses de extracção total da OPEP, reduziu-se quase 31 milhões de barris diários para só 17 milhões e meio de barris por dia.

Mas, poucas semanas depois de ter sido firmado o acordo regulador da produção e depois das fracassadas campanhas das transnacionais para obrigarem a Nigéria a render-se às pressões e a reduzir os seus preços, diversos porta-vozes de empresas privadas e do mercado livre assinalaram uma tendência para a estabilização sobre a passageira sobreoferta petrolífera e o saudável efeito do acordo regulador da OPEP.

Se este último acordo demonstrou uma vez mais as virtudes da capacidade de acção concertada que conseguiu essa organização petrolífera, a entidade continua ainda sem entrar em acordos sérios que a identifiquem com as lutas do chamado Terceiro Mundo por uma Nova Ordem Económica Internacional, nem tão-pouco deram passos firmes e continuados para reforçar a sua solidariedade em matéria económica e política com os países em desenvolvimento que sempre lhe ofereceram o seu apoio

Produção dos membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo OPEP e dos nove produtores mais importantes.

(em milhões de barris diários)

Países	1979	1980	Percentagem
Arábia Saudita	9,531.46	9,928.79	– 4.17
Iraque	3,477.50	2,650.00	– 23.80
Venezuela	2,356.38	2,153.07	– 8.20
Nigéria	2,302.35	2,052.87	– 10.85
Líbia	2,092.23	1,830.75	– 12.50
Emiratos Árabes Unidos	1,830.63	1,709.28	– 6.63
Kuwait	2,501.03	1,617.42	– 35.33
Indonésia	1,591.00	1,579.74	– 0.71
Irão	3,156.72	1,470.83	– 53.41
Argélia	1,153.91	1,016.63	– 11.90
Qatar	508.35	416 39	– 7.27
Equador	214.15	204.37	– 4.56
Gabão	203.68	174.58	– 14.29
Total da OPEP	30,919.71	26,869.75	– 13.10

Países	1979	1980	Percentagens
URSS	11.702..7	12.009.17	– 2.62
Estados Unidos	8,678.08	8,546.33	– 1.52
China	2,129.17	2,169.17	– 1.88
México	1,459.50	1,934.50	– 32.55
Reino Unido	1,567.67	1.612.75	– 2.88
Canadá	1,518.58	1.429.58	– 5.86
Egipto	505.92	601.08	18.81
Noruega	403.08	523.17	29.79
Omán	295.25	282.83	4.21
Total destes nove	32,118.58	32.891 25	2.41
Total mundial	63,038.30	59.761.00	5 60

Fonte: «Relatório Anual, 1980» da OPEP

Nota: não estão contempladas as produções de outros exportadores menores, como a Roménia, Barhein, Síria, Trinidad-Tobago, Peru e Angola. Também não se contam países cuja produção é insuficiente para cobrir as suas necessidades, como a Argentina, o Brasil, a Colômbia, a Bolívia, o Congo e outros produtores menores.

DESPORTO

Intervenção rápida de João Rocha resolve "tempestade em copo de água"

Allison e Pinto Coelho novamente no Sporting

Allison já esta tarde segue para Portimão, novamente no comando técnico da turma de futebol do Sporting. Isso mesmo era de prever: o regresso do presidente sportinguista João Rocha a Portugal acelerou a solução do complicado imbróligo criado (em Lisboa...) em torno do técnico Malcolm Allison que, como o bom senso fazia acreditar, continua à frente do futebol **verde-branco**, com uma pedra colocada sobre qualquer eventual, estranho ou inexistente caso ocorrido durante o longo estágio da turma de Alvalade na Bulgária. Um problema inventado ou, pelo menos e no melhor dos casos **nunca certificado** por quem quer que tivesse participado na delegação leonina naquele país de Leste.

João Rocha soube, na hora exacta e quando as labaredas desencadeadas por alguns elementos afectos ao clube **verde-branco** prometiam tornar em escândalo uma simples tempestade em copo de água, colocar termo numa situação que era de deconfiança entre figuras gradas do Sporting, e o técnico que, conquistando o título nacional e logrando embolsar para Alvalade também a Taça de Portugal, se tornara admirado e respeitado pela larga falange de sportinguistas, afinal a verdadeira entidade patronal do grémio do Lumiar.

Allison e o dr. Pinto Celho (também este clínico reintegrado no posto que desempenhava desde o início da última temporada, com agrado geral e toda a respeitabilidade pela sua sapiência) estiveram já hoje, ao princípio da tarde, no Aeroporto da Portela a receber, juntamente com o presidente João Rocha, o «capitão» sportinguista Manuel Fernandes,que volta da Jugoslávia onde foi submetido a intervenção cirúrgica pelo mesmo clínico que operou (com todo o sucesso) os benfiquistas João Alves e Pietra. João Rocha, Allison e o dr. Pnto Coelho seguiram, depois, já integrados na comitiva do futebol verde-branco que vai retribuir, amanhã em Portimão, a visita dos pupilos de Artur Jorge a Alvalade, em que a equipa (momentaneamente dirigida pelo adjunto Marinho) perdeu por 0-1, no duelo com os algarvios.

Pinto Coelho: honorabilidade clínica inatacável

Malcolm Allison: competência técnica intocável

Em contacto, esta manhã, com João Rocha, pudemos acrescentar que será natural a emissão, ainda durante o dia de hoje, de um comunicado sportinguista sobre a situação. Recorda-se que, ontem, após o fracasso verde-branco na apresentação ante portimonenses, muitas centenas de adeptos fizeram questão de, perante a porta 10-A do Estádio de Alvalade, gritarem em coro o nome de Allison, reclamando o seu imediato retorno ao posto que desempenhou durante toda uma temporada que fica nos anais do símbolo **verde-branco** como das mais belas de sempre, invicta a nível local e prestigiada também extrafronteiras.

Escutou-se ontem, depois do péssimo ensaio geral ante os alunos de Artur Jorge, frases como esta «Se Malcolm Alison for despedido, queremos saber quem o empurrou para a rua!» E, a verdde é que o dirigente Jaime Lopes (responsável-mor pelo Departamento de Futebol do Sporting, que comandou a delegação á Bulgária) tal como o único jornalista que esteve nessa digressão (o nosso prezado camarada Alfredo Farinha, de «A Bola») ou não levantaram qualquer questão contra Allison e Pinto Coelho (caso de Jaime Lopes) ou, em tom veemente e claro (Alfredo Farinha) foi defendida a personalidade de dois responsáveis que eram colocados em equação por elementos directivos do Sporting na ausência (é evidente) de João Rocha que, a ter estado em Portugal no conturbado período do **espalhar de boataria,** logo teria deitado água na fervura, e encaminhado as coisas para a reconciliação e para o trabalho. Afinal tudo o que os soportinguistas (verdadeiros) desejam da turma campeã nacional na hora em que prepara armas e bagangens para a defesa dos saborosos prémios que soube conquistar na época rosada que fica nos anais da colectividade. Uma temporada que teve a assinatura (inapagável) de Malcolm Allison.

Neves de Sousa

Benfica-Cristal na final de Toronto

Tal como ontem noticiámos, o Benfica venceu (1-0) a turma grega do Aris de Salónica ganhando o direito a defrontar amanhã o vencedor da partida Toronto-Sporting de Cristal, que foram os peruanos do Cristal, após 0-0 e cobrança de grandes penalidades.

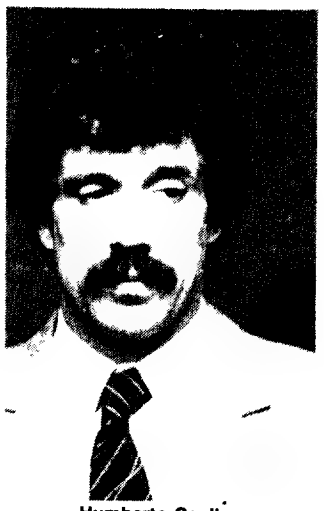
Rectificando as primeiras informações telegráficas, o tento **vermelho** pertenceu a Filipovic, que concluiu uma excelente jogada comandada por Alves e Chalana.

A turma da Luz alinhou assim: Bento; Veloso, Humberto, Bastos Lopes e Pietra; Shéu; Carlos Manuel, Alves (Diamentino) e Chalana; Nené e Filipovoc (Padinha).

Curiosidade: amanhã será um português (Emídio Matos) o árbitro do jogo Benfica-Cristal.

Humberto Coelho: bela distinção

O «capitão» benfiquista Humberto Coelho foi pela 2.ª vez escolhido para integrar a selecção europeia de futebol: hoje, em Nova Iorque, num encontro de exibição com o «Resto do Mundo», ele participa no festival para angariação de receita destinada à UNICEF.



Humberto Coelho

Jogos particulares

FC Porto e Boavista vão defrontar-se esta noite (21 e 30), nas Antas, em encontro de preparação com vista à nova temporada. Outros desafios: Sporting de Braga-Estoril (18 e 30), Leixões-Leça (18 e 30), Vitória de Guimarães-Penafiel (17 horas), Sacavenense-Alcobaça (17 horas), Vitória de Setúbal-Lusitano de Évora (21 e 30) e Cova da Piedade-Farense (17 horas).

Disputa-se, entretanto, a primeira jornada do Torneio de Amizade de São João da Madeira, que inclui: os seguintes encontros: Sanjoanense-Rio Ave (16 horas) e Sporting de Espinho-Salgueiros (18 horas).

Do Restelo para Coimbra

Depois de um dirigente (Fernando Ferreira) calha a vez de um jogador; agora é o defesa Luís Horta que deixa o Restelo e firma contrato com o Académico de Coimbra.

Ingleses em Valadares

O West Bromwich, (1.ª divisão inglesa) estará no Norte do País, no dia 21, para defrontar o Clube de Futebol de Valadares, em jogo que terá lugar, pelas 17 horas, no campo António dos Reis. A deslocação da equipa do West Bromwich deve-se a convite de um comerciante de Valadares, que viveu durante alguns anos em Inglaterra. A oportunidade surgiu agora, dado que a equipa inglesa fará um estágio no Algarve.

Mundial júnior

A Argélia venceu a Gâmbia por 2-1 no jogo da 2.ª volta disputado no quadro das eliminatórias do campeonato do mundo de juniores de futebol, cuja fase final terá lugar em 1983, no México. No jogo anterior, as duas equipas empataram a zero golos.

ponta esquerda

Santos quase "diabólico"

Estranho imbróglio: o defesa Santos rescindiu o contrato com o Vitória de Guimarães e logo começou a embolsar boa «massa». Nada menos de 400 contos do Rio Ave e 600 «Donas Marias» do Ginásio de Alcobaça. Resta adivinhar quem vai ficar no pau da roupa...

Jugoslavos não podem sair

A recusa da Federação de Futebol da Jugoslávia de autorizar a transferência de jogadores que tinhm já assinado um contrato com clubes estrangeiros causou em Belgrado grande surpresa.

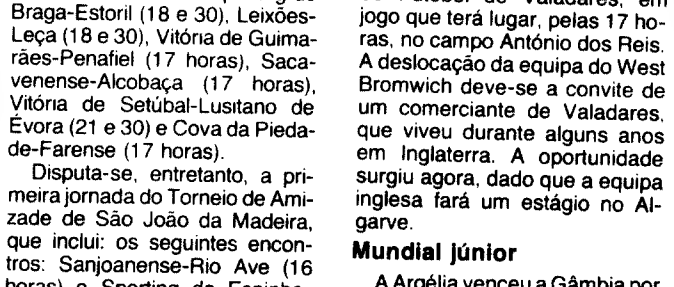
Os pedidos de transferência de Saft Susic, Vladimir Petrovic, Dusan Svic, Zoran Lukic, e Dazaved Secherbegovi (todos com menos de 28 anos), que desejavam jogar em clubes estrangeiros foram recusados por nove votos contra sete.

Segundo a agência Tanjug, a questão da transferência destes jogadores deu lugar a «vivas discussões». Antes do Mundial, a Federação deixou entender que não se oporia à sua saída, designadamente de Susic e Petrovic, depois de seleccionados na equipa nacional que devia alinhar na primeira volta da competição. Agora, dá o dito por não dito.

Profissionais viram amadores

Vaz e Rebelo, que na época passada representaram o Amora, resolveram deixar o futebol profissional e passar da 1.ª Divisão Nacional para a 3.ª Divisão Distrital de Setúbal, aceitando o convite do União Comércio e Indústria, cujas cores defenderão na próxima época.

Amaral: novo teste portista



Boavista: presença nas Antas

Algarvios dominaram quase sempre a situação

Em Alvalade: 0-1

Portimonense derrota "leões"

Decepção para os lisboetas: a equipa de futebol do Sporting, ontem à noite, derrotada pelo Portimonense (0-1) em jogo de apresentação aos adeptos «leoninos» disputado no Estádio de Alvalade. O único golo do encontro (a que assistiram cerca de 15 mil pessoas) foi marcado pelo brasileiro Nelson, aos 51 minutos.

O Sporting, detentor do título de campeão nacional e da Taça de Portugal, disputou o seu quinto encontro da época, não tendo conseguido ainda qualquer triunfo: quatro derrotas e um empate.

Jogado em bom ritmo durante a maior parte do tempo, o encontro não despertou grande interesse, a começar pela ausência de algumas pedras que se consideram fundamentais na manobra dos campeões nacionais. Durante o período inicial, assistiu-se (ainda assim) a alguns bons lances de futebol criados pelo Sporting, onde Lito, Milan e Oliveira desperdiçaram quatro ocasiões flagrantes de golo contra uma do Portimonente, por Norton de Matos.

No 2.º tempo o nível exibicional dos locais diminuiu e o Portimonense acercou-se mais algumas vezes da área dos «leões», acabando por obter o golo do triunfo num lance individual de Nelson.

O Sporting ainda pressionou o último reduto algarvio em busca do empate, mas o «team» algarvio defendeu-se bem frente a uma equipa que mostrou bastante falta de ligação entre os vários sectores.

Os adeptos «leoninos», manifestaram certa curiosidade pela actuação de alguns dos novos jogadores da equipa, nomeadamente de Festas e do jugoslavo Bukovac, este o melhor homem no terreno. Outro jugoslavo, ainda à experiência (Milan) teve apontamentos interessantes e foi uma autêntica figura do jogo. Kikas esteve certo durante o tempo em que alinhou, enquanto Uchoa não despertou particular interesse e o ex-júnior Venâncio (em dois ou três lances) demonstrou justificar a esperança que Allison nele deposita.

Na equipa algarvia é de salientar o bom comportamento do seu sector recuado, com relevo para Damas que, em duas ou três intervenções de categoria, negou o golo ao adversário. O meio-campo trocou bem a bola e procurou lançar amiudadas vezes o contra-ataque, notando-se ainda a boa condição física da maioria dos jogadores da equipa comandada por Artur Jorge.

Sob arbitragem de Vitor Correia (Lisboa) as equipas alinharam:

Sporting: Melo; Ademar, Kikas (Venâncio, 68), Bastos e Barão (Uchoa, 45); Virgílio (Xavier, 45), Festas e Oliveira; Lito, Milan e Bukovac.

Portimonense: Damas; Barros, Amílcar, Alinho e Quaresma (Patan, 83); Paulo Rocha, Nelson, Murça (Dario, 45) e Tião (Fernando Martins, 45); Águas (Rodrigues Dias, 62) e Norton de Matos.

Cartão amarelo para Amílcar, Virgílio e Tião.

DESPORTO

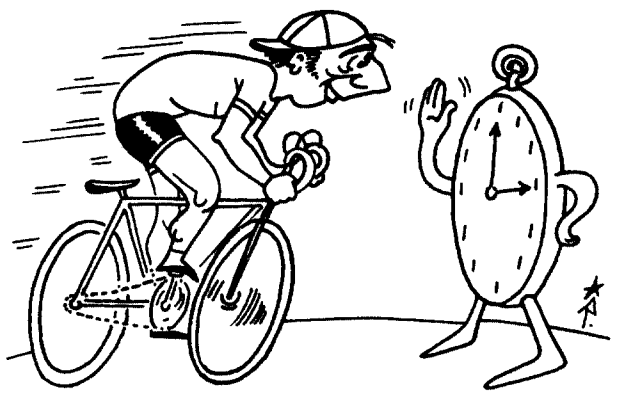
Volta "pedala" já hoje

As primeiras «pedaladas» extra-estrada da Volta a Portugal em Bicicleta são dadas hoje:

Das 17 às 20 horas, entrega de documentos oficiais, placas e dorsais (os dorsais dos corredores são entregues mediante a apresentação das licenças), visitas dos médicos oficiais às equipas e afinação da recepção de «Rádio--Volta», junto ao Estádio José de Alvalade.

Amanhã: das 10 às 12 horas, continuação da afinação da recepção de «Rádio--Volta», no mesmo local. Às 10 horas: reunião com os directores desportivos; às 11 horas – reunião com os órgãos de Comunicação Social; às 12 horas: reunião com os juízes e cronometristas. A cada uma das reuniões só será permitida a presença dos intervenientes indicados. Os escritórios da Volta funcionam no Estádio José de Alvalade.

Ainda amanhã, como é do conhecimento geral, processa-se o prólogo, corrido no lisboeta Campo Grande, em contra-relógio por equipas na distância de 5,6 quilómetros e início pelas 15 horas.



Começar logo contra o relógio

Mundiais de natação

Domínio norte-americano e Salnikov como vedeta

O campeão e recordista mundial Vladimir Salnikov (URSS) opôs-se com facilidade aos seus principais adversários nas eliminatórias dos 1500 metros livres dos mundiais de natação, em Guayaquil (Equador). Salnikov fez uma prova praticamente à parte e, apesar de o tempo cronometrado (15. 14, 51) ter ficado um pouco distante da sua melhor marca, chegou com confortável avanço (oito segundos) sobre o 2.º classificado, o seu compatriota Svlatoslav Semenov.

A outros adversários (como o equatoriano Diego Quiroga e o francês Franck Iacono), Salnikov conquistou uma pista, além de ter chegado com duas pistas sobre o britânico Paul Easter e três sobre o colombiano Roberto Becerra.

Esta prova, cuja final se realiza hoje como encerramento dos campeonatos, parece ter assim praticamente garantido o detentor da medalha de ouro, que ninguém vê possa ser outro que não Salnikov.

Títulos

Medalhas nos 200 metros mariposa (homens); Ouro – Michael Gross (RFA) 1.58,85 (recorde da Europa); Prata: Serguei Fessenko (URSS) 1.59,91; Bronze: Craig Veardsley (EUA) 2.00,08. O antigo máximo pertencia já a Gross desde 3 de Julho de 1982, com 1.59.00

O alemão democrático Dirk Richter bateu o máximo da Europa dos 100 metros costas em 55.95. O antigo recorde já lhe pertencia. A seguir ficaram: Rick Carey (EUA) 56.04; Vladmir Shemetov (URSS) 56.42.

Prova de 800 metros livres (senhoras): 1.ª Kimberly Linehan (EUA) 8. 27, 48; 2.ª Jackie Willmott (GB) 8 32, 61; 3.ª Carmela Schimidt (RDA) 8.33, 67; 4.ª Petra Schmeider (RDA) 8. 36,27.

Medalhas distribuídas nos 200X4 estilos (senhoras): Medalha de ouro: Petra Schneider (RDA) 2.11,79; medalha de prata: Ute Geweniger (RDA) 2. 13, 38; Medalha de bronze Tracy Caulkins (EUA) 2. 15, 91.

Medalhas

O quadro das medalhas do campeonato do mundo de natação, após nove dias de competição, é o seguinte, num total de quatro modalidades (natação, mergulho, waterpolo e natação sincronizada):

Países	Ouro	Prata	Bronze	Total
EUA	11	9	9	29
RDA	10	9	4	23
Canadá	3	3	1	7
URSS	2	6	4	12
RFA	2	1	1	4
Holanda	1	1	1	3
Brasil		1		1
G Bretanha		1		1
Japão		3		3
Suécia		3		3
China		2		2

Duas medalhas de prata foram atribuídas nos 100 metros bruços/senhoras e nenhuma de bronze.

Water-polo

As equipas da URSS (actual campeã olímpica) e da Hungria disputarão hoje a final do torneio de water-polo dos campeonatos do mundo de natação, depois de serem qualificadas para as meias-finais, face às vitórias obtidas ante a Holanda e a RFA, respectivamente. Estas duas últimas jogam para a disputa da medalha de bronze.

PORTUGAL: o pior

João Santos ficou em último lugar na 1.ª eliminatória dos 200 metros mariposa masculinos. João Santos gastou o tempo de dois minutos, 11,99 segundos, que constituiu a pior marca dos 32 nadadores que participaram nas cinco eliminatórias.

Placard

Manuel Faria: homenagem

Esta tarde, a partir das 17 horas, as pistas do Estádio José Alvalade voltam a servir o atletismo em competição oficial, pela segunda vez na temporada. A Associação de Lisboa, ao instituir a Taça Manuel Faria, presta homenagem a um dos mais prestigiosos atletas, duas vezes vencedor da famosa Corrida de São Silvestre na cidade brasileira de São Paulo.

O programa inclui as seguintes provas masculinas: 100, 200, 400, 1500 e 3000 metros; saltos triplo, em comprimento e em altura, e lançamento de disco. A competição feminina consta de cinco provas: 100, 200, 400, 1500 metros e lançamento de dardo.

Desporto debatido

Na sequência de um trabalho de coordenação e de levantamento de dados que vem sendo feito em todos os distritos do País, reuniram-se, ontem, na DGD, os presidentes da Junta Central das Casas do Povo do Inatel e o director-geral dos Desportos, respectivamente drs. Alcides Gouveia, Rui Seabra e Lopes Marques. Do encontro,

Continua na pág. 18

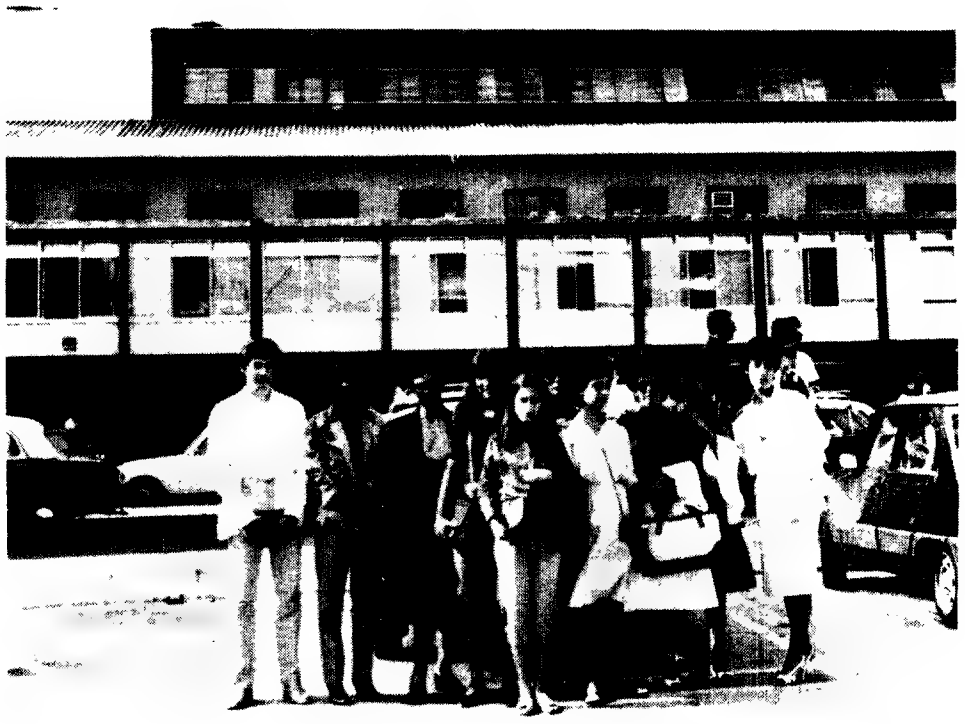
Invisual nas alturas

Um cego espanhol (de 53 anos) Pedro Dias Solera alcançou, nestes último dias, com vários outros alpinistas, o Pico de Aneto (3404 metros – Pirenéus Espanhóis) considerado como o cume mais alto da península. Diaz Solera, que perdeu a vista com 13 anos, demorou quinze horas a realizar esta subida.

VIAGEM A LONDRES

CON"CURSO" DIDACTRON

O método para aprender inglês



Partiram no dia 5 do corrente mês de Agosto, para uma estadia de 8 dias em Londres, os professores e alunos premiados nos concursos promovidos pelo CENTRO DE PROMOÇÃO CULTURAL em colaboração com o CENTRO DE ESTUDOS POR CORRESPONDÊNCIA, nas escolas secundárias de BENFICA e D. PEDRO V.

Aos viajantes, o desejo de uma óptima viagem.

Aos estudantes de inglês um incentivo ao estudo e um alerta para os concursos a realizar no próximo ano escolar.

Aconteceu a um dos sete premiados

GANHOU AUTOMÓVEL SEM JOGAR TOTOBOLA

Os sete premiados junto das suas novas «máquinas». Acompanham-nos na imagem a esposa de um deles e o filho do amigo de um outro. A foto foi obtida durante a entrega dos carros nas instalações da Opel em Cabo Ruivo

Ganhar sem concorrer é difícil, mas não impossível. Que o diga o bancário Alberto Silva, de Miraflores, que acaba de receber um dos sete automóveis OPEL KADETT, 1.2 SC sem ter pessoalmente participado em nenhum dos últimos concursos do Totobola que habilitavam ao Grande Sorteio de Final de Época. Quando, ao chegar ao emprego, os colegas o felicitaram pelo «carro novo», ele, a princípio, nem percebeu do que é que estavam a falar. Explicaram-lhe e foi então que lhe ocorreu que talvez o pai tivesse, como de costume, entregado um boletim com o seu nome. Fora o que se tinha passado. Vai vender o carro que já possuía e certamente tornar-se mais assíduo nas apostas do Totobola, apesar de saber que o pai continuará a jogar também em seu nome.

Mas este caso foi uma excepção. Os outros seis premiados são concorrentes que jogam todas as semanas e que até já conseguiram alguns pequenos prémios (sobretudo «12»). Sucede assim com António Falcão, outro bancário de Miraflores, que também já tinha carro mas que vai ficar com o novo: «É que este é mesmo um carro». Igualmente de Miraflores, mas engenheiro civil, é João Menano, que vê no Totobola «um investimento como qualquer outro». Por isso joga sempre e com bastante mais de dez apostas. Desta vez, tinha cinco boletins entregues na agência que foi seleccionada em Algés. Feitas as contas chegou à conclusão de que estava com 7 por cento de probabilidades de ganhar. E ganhou. Ainda para a zona de Miraflores foi um quarto automóvel. Tocou ao talhante Manuel Abílio Figueiredo que, apesar de ter carta de condução há dez anos, nunca possuíra carro.

Quem nem sequer tinha carta era Eduardo Capela, da Marinha Grande, que trabalha numa fábrica de plásticos e que viajava de motorizada. Diz que teve um pressentimento que o levou a entregar o boletim do totobola numa agência em que não é hábito fazê-lo. Se tiver iguais palpites no capítulo desportivo, está de parabéns o clube da terra onde joga hóquei em patins. Também da Marinha Grande é António Pedro, técnico de montagens (máquinas industriais), mas este concorrente já tinha automóvel: vai ficar com os dois.

Para o sétimo premiado, Francisco da Costa Mestre, natural de Mértola e residente em Setúbal, o automóvel vem mesmo no momento exacto. Precisava de mudar de carro, mas não tinha possibilidades de o fazer proximamente dado que está desempregado. É trabalhador da indústria hoteleira e um apostador convicto do Totobola, apesar de nunca ter tido um prémio que se visse. Mas não perdeu a esperança e aguarda, ansioso, a próxima temporada.

DESPORTO

ponta esquerda

Espanha: futebolistas ameaçam greve

Os futebolistas espanhóis ameaçam fazer greve logo no início do campeonato no mês que vem, se os clubes não pagarem as suas dívidas aos jogadores. As somas devidas por 47 clubes espanhóis, na sua maioria de 2.ª Divisão, elevam-se a 208 milhões de pesetas.

A Associação dos Joagadores de Futebol Espanhóis vai reunir-se em plenário no dia 23 do corrente, para decidir quais as medidas a tomar se nessa altura os clubes não tiverem ainda pago as suas dívidas. Por outro lado, a Federação Espanhola de Futebol fixou para o próximo dia 15 a data limite para os clubes regularizarem a sua situação sob pena de descerem de divisão.

EUA querem mundial de futebol

O vice-presidente da Federação Internacional de Futebol (Harry Cavan) afirmou que os Estados Unidos seriam um candidato «muito saudável» para organizar o campeonato mundial de futebol de 1986 no caso da Colômbia não ter condições para o efectuar. Os problemas económicos deste país da América Latina e o aumento para 24 do número de finalistas no «mundial» (o que exige maior esforço do país organizador) veio dar lugar a especulações sobre a possibilidade da Colômbia renunciar à organização do «mundial», podendo a FIFA transferir a sua escolha para o Brasil ou para os Estados Unidos.

Cavan encontra-se em Nova York para assistir ao jogo de hoje entre selecções da Europa e «resto do mundo» em benefício da UNICEF

Miljanic está livre

A Federação jugoslava de Futebol aceitou a demissão apresentada por Miljan Miljanic do cargo de técnico de futebol da selecção nacional. Devido ao comportamento do seleccionado jugoslavo no Mundial de Espanha, a Comissão Disciplinar da Federação foi encarregada de estudar as causas do insucesso. O objectivo era encontrar os culpados e contra eles iniciar o respectivo procedimento.

No entanto, ainda antes dessas conclusões, Miljanic apresentou o seu pedido de demissão, agora aceite pela Federação jugoslava, que se debruça já sobre o possível sucessor do homem que durante várias temporadas esteve do Real Madrid.

GP em Hockenheim

Niki Lauda espatifou um "McLaren"

• *Jochem Mass: ídolo da casa não corre*

Os carros com motor turbo dominaram os treinos para o «Grande Prémio» de Alemanha Federal de Fórmula Um, que se realizará amanhã no circuito de Hockenheim.

Os seis primeiros postos dos treinos iniciais foram para três marcas (Ferrari, Renault e Brabham) cujos carros usam, todos eles, motores de propulsão turbo. Estes motores demonstraram, nos treinos de ontem, desfrutarem de uma grande vantagem sobre os veículos de motor convencional.

Também é de destacar que entre os seis primeiros classificados quatro são de nacionalidade francesa e, além disso, parecem ser os que mais possibilidades têm de vencer o 44.º «Grande Prémio da RFA» (décimo-segundo de Fórmula Um).

Na hora dos azares, há que mencionar o acidente sofrido pelo ex-campeão mundial Niki Lauda que, quando pretendia ultrapassar Rupert Keegan (substituto de Jochem Mass), saiu da curva e embateu contra a protecção lateral, ficando o seu veículo «McLaren» gravemente danificado. Quanto ao piloto, não sofreu qualquer lesão séria.

Como melhor classificado, o francês Didier Pironi, com um Ferrari 126/C2, conseguiu o tempo de um minuto, 47,947 segundos, sendo o único piloto que conseguiu baixar o recorde oficial do circuito estabelecido por Alan Jones (Austrália) com 1.48,94. Pironi também foi, apesar de tudo, acompanhado por algum azar, e quando ia a entrar nas «boxes», depois de efectuar os treinos, o seu veículo saiu da pista e o piloto teve de regressar a pé até à oficina da sua marca.

«Nem eu nem o carro sofremos alguma coisa» – afirmou Pironi após o acidente. «Unicamente haverá que trocar as rodas, mas não há o perigo de poder estar ausente da corrida».

Ao invés, o jovem alemão Jochem Mass, que tem sido perseguido pelo infortúnio nas últimas competições, não poderá disputar o «Grande Prémio» do seu país, perante os seus compatriotas. Mass iniciou ontem os treinos, mas teve de abandonar após um par de voltas atacado por fortes dores na coluna e nas costelas, consequência do seu último acidente no «Grande Prémio de França». O britânico Rupert Keegan (com quem Niki Lauda esteve quase a chocar de uma forma que poderia ser trágica) será o substituto de Mass no carro de «March».

«Grelha»

Resultados da primeira sessão oficial de treinos deste «Grande Prémio» da Alemanha de Fórmula Um, no circuito de Hockenheim: 1 – Dider Pironi (França) Ferrari (226 km/h) 1.47,947 minutos; 2 – Alain Prost (França) Renault 1.48,890; 3 – René Arnoux (França) Renault 1.49,256; 4 – Nelson Piquet (Brasil) Brabham 1.49,415; 5 – Patrick Tambay (França) Ferrari, 1.49,570; 6 – Ricardo Patrese (Itália) Brabham 1.49,76; 7 – Michel Alboreto (Itália) Tyrrel, 1.52,625; 8 – Niki Lauda (Áustria) McLaren 1.52,683; 9 – Andrea De Cesaris (Itália) Alfa Romeo 1.52,892; 10 – Keke Rosberg (Finlândia) Williams 1.52,892.

11.º – John Watson (Grã-Bretanha) McLaren 1.53,07/100; 12.º Bruno Giacomelli (Itália), Alfa Romeo, 1.53,88; 13.º – Eddie Cheever (Estados Unidos) Talbot, 1.54.21; 14.º – Elio De Angelis (Itália) Lotus 1.54,47; 15.º – Derek Warwick (Grã-Bretanha) Toleman, 1.54,59; 16.º – Jacques Lafitte (França), Talbot, 1.54,98; 17.º – Manfred Winkelhock (Alem. Federal) ATS, 1.55,22; 18.º – Brian Henton (Grã-Bretanha) Tyrrell, 1.55,47; 19.º – Nigel Mansell (Grã-Bretanha) Lotus, 1.55,86; 20.º – Derek Daly (Grã-Bretanha) Williams, 1.55,87; 21.º Jean-Pierre Jarier (França) Osella, 1.56,25; 22.º – Roberto Guerrero (Colômbia), Ensign, 1.56,48; 23.º – Eliseo Salazar (Chile) ATS, 1.56,53; 24.º – Mauro Baldo (Itália) Arrows, 1.56,68; 25.º – Raul Boesel (Brasil) March, 1.57,24; 26.º – Chico Serra (Brasil) Fittipaldi, 1.57,33; 27.º – Mar Surer (Suíça), Arrows 1.57,40; 28 – Tommy Bryner (Grã-Bretanha) Theodore, 1.59,00; 29.º – Rupert Keegan (Grã-Bretanha) March, 1.59,95.

Fórmula dois

O italiano Corrado Fabi, ao volante de um March-BMW, realizou o melhor tempo nos treinos para o «Grande Prémio de Itália» de fórmula dois, a contar para o campeonato da Europa. Fabi percorreu o circuito de Misano em um minuto, nove segundos e 22 centésimos, à média horária de 181,404 quilómetros. Em segundo lugar ficou o francês Pascal Fabre e em terceiro outro italiano, Beppe Gabiani.

O campeonato da Europa é comandado pelo venezuelano Johny Cecotto, também em «March-BMW», que ontem, na sessão de treinos, não foi além da 6.ª posição.

Esta manhã:

Pironi: fracturas múltiplas

Ocorreu esta manha nos treinos do Grande Prémio da RFA no circuito de Hockenheim, um acidente em que se envolveram os carros de Didier Pironi e Alain Prost. Alain Prost (Renault) não ficou ferido embora o seu carro tenha sofrido bastantes danos. No entanto Didier Pironi ficou em mau estado. Pironi ficou com as pernas entaladas tendo sido retirado do seu Ferrari vinte minutos depois do acidente e conduzido ao hospital.

Alain Prost parece bastante afectado pelo acidente. Segundo o director da Renault (Gerard Larousse), Alain Prost preparava-se para ultrapassar Derek Daly quando Pironi se aproximou do Renault sem o ver. **O Ferrari de Pironi embateu na roda de trás de Prost e «descolou»**, disse Gerard Larousse.

Didier Pironi sofreu fracturas múltiplas: tem as duas pernas partidas e o braço esquerdo também fracturado. A temporada do actual comandante da classificação do Campeonato do Mundo de Condutores parece ter terminado.

Os treinos decorriam com chuva persistente.

Rali «Vinho da Madeira»

A partir desta manhã os «melhores» volantes da Europa, estão em competição nas estradas da ilha da Madeira, integrados em oito dezenas de condutores representando 9 países. Além de Portugal: Alemanha Federal, Espanha, Bélgica, França, Inglaterra, Itália, Holanda, Luxemburgo e Suécia.

À partida, são favoritos os actuais comandantes do europeu de «Rallis». Zanussi, Tony Fassina, e Mcra que participam nesta prova organizada pelo Clube Sports da Madeira, que conta para o campeonato europeu da modalidade.

A dupla italiana Madelli e Tiziana Borghi está causando grande sensação no Funchal, não apenas pelo excelente 2.º lugar obtido por Mandelli na «Volta» do ano passado, mas especialmente por uma excelente foto da equipa em «topless», na piscina dum hotel madeirense, publicada na última edição do «Eco do Funchal».

Esqui: loucura sobre neve

A primeira tentativa de registar a velocidade máxima na descida de montanhas em esquis foi empreendida em 1930 na estância balnear suíça de Saint Moritz: o austríaco Luigi Lantschner atingiu os 105,675 quilómetros/hora a descer as montanhas!

Desde então, todos os anos ali acorrem especialistas na modalidade, não só europeus como americanos e japoneses, a fim de demonstrarem as suas capacidades. Os veteranos também participam e têm alcançado marcas espectaculares, podendo citar-se os exemplos do finlandês Kalevi Hakkinen e do austríaco Franz Veber (ambos 53 anos) que registaram 177,660 e 177,690 quilómetros/hora, respectivamente. Mas é entre os jovens, naturalmente, que as velocidades assumem foros do quase fantástico. Em 1979, em Cervinia (Itália) o norte-americano Steve Makkinney ultrapassou a «barreira» dos 200 quilómetros/hora, realizando 200,003. Sublinhe-se (por curiosidade) que Steve é irmão da vencedora da Taça do Mundo em «slalom» gigante de 1980, Tamara Makkinney. Poucas horas volvidas sobre a proeza de Steve chegaria a notícia de que em Marmolada (também em Itália) o suíço Fredy Caser tinha feito 201,001 quilómetros/hora.

Isto é uma verdadeira loucura, pois os desportistas, arriscam permanentemente as suas vidas – diria o secretário-geral da Federação Internacional de Esqui, Gianfranco Kasper, indignado com esta corrida em busca de recordes.

O veterano Kalevi Hakkinnen expressou a seguinte opinião, a propósito das corridas de velocidade: **Quando a velocidade ultrapassa os 160 quilómetros/hora os esquis quase não tocam a neve, pelo que é quase impossível orientá-los. Só o corpo do desportista assegura a estabilidade na descida e, portanto, um movimento incorrecto pode ser fatal** – concluiria

Placard

Continuação da pág. 17

que apontou para uma acção conjugada dos três organismos no plano do desenvolvimento desportivo a nível nacional, resultou a aprovação dos programas já delineados a nível de cada distrito, bem como a institucionalização de um grupo coordenador, permanente, e a formalização de um protocolo de cooperação entre as três instituições, que ao conjugarem pela primeira vez os âmbitos da sua actividade, deixam antever, pela rede de enquadramento que garantem, um importante passo no alargamento da prática desportiva.

HOJE E AMANHÃ

ESTAMOS ENCERRADOS PARA ORGANIZAÇÃO DOS NOSSOS SALDOS.

reabrimos na 2ª feira com 1 MILHÃO de escudos em PRÉMIOS

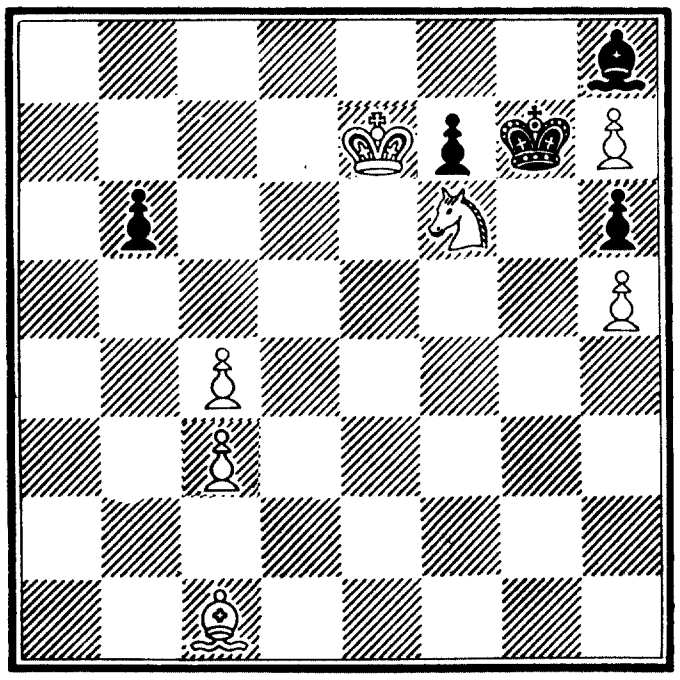
Vestidos c/calças p/senhora – muito bonitos	~~398$00~~	298$00
Saias p/senhora – todos os tamanhos – enorme sortido	~~298$00~~	248$00
Biquinis malha fantasia trilobal	~~39$50~~	29$50
Biquinis de banho – incrível	~~198$00~~	98$00
T-Shirts senhora c/fantasias – incrível	~~98$00~~	59$50
Camisas de noite – Belas cambraias	~~298$00~~	248$00
Calças em Frixienes p/homem	~~698$00~~	495$00
Calças em tecido gabardine p/homem	~~598$00~~	495$00
Blusões tecido gabardine p/homem – confecção de nível	~~1 498$00~~	980$00
Camisas p/homem – enorme sortido	~~398$00~~	295$00
Camisetes p/homem – malha piqué	~~298$00~~	198$00
Chinelos de borracha p/campo e praia	~~69$50~~	49$50
Biquinis malha rendada p/criança	~~15$00~~	12$50
Calções p/criança – preço louco	~~128$00~~	78$00
Calças de ganga c/ e s/peitilho e c/bordados p/criança	~~178$00~~	98$00
Shantung tipo Musseline c/3,00 Lg. – o melhor	~~348$00~~	228$00
Rendas decoração c/3,00 Lg. – Lindos desenhos	~~198$00~~	158$00
Popelines – Milhares de metros	~~69$50~~	49$50
Esteiras grandes p/campo e praia	~~145$00~~	98$00
Colchões p/campo e praia	~~798$00~~	598$00

STRINUS

em todas as lojas dos armazéns CONDE BARÃO

Problemas de Xadrez

Os PP brancos da coluna h estão bloqueados e, assim, as brancas ficam com 5 peças livres e curiosamente cada uma delas faz um único lance.



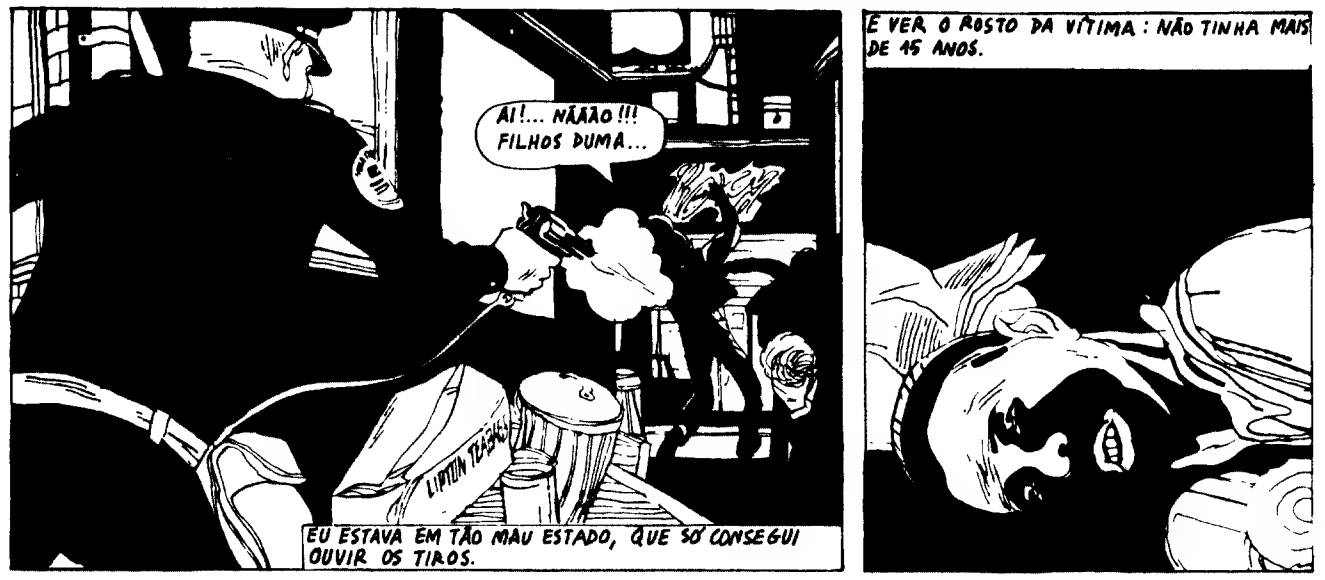
Giegold
«Stern» 1977
(5 lances)

SOLUÇÃO:
1.Bb2, bb 2.b5, bb 3.b4, bb 4.Bb8, Rb8 5.Cd7++

Alack Sinner

Banda Desenhada de Muñoz e Sampayo

18



C OPYRIGHT Muñoz e Sampayo/Quipos/ADS

continua

NOTARIADO PORTUGUÊS QUARTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Rua Nova do Almada, n.º 8-2.º Dt.º

CERTIFICO: Que por escritura de 28 de Julho de 1982, lavrada de folhas 70 a folhas 71 v.º do livro n.º 129-D, de escrituras diversas deste cartório, foi constituída uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, regida nos termos do pacto constante dos artigos seguintes:

Artigo Primeiro — A sociedade adopta a denominação de -SOUGIBEL — EMPREITEIROS, LIMITADA-, tem a sua sede e domicílio em Carnaxide, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, na célula quinze, Bloco C, lote três, segundo andar, esquerdo, e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

Artigo Segundo — O objecto da sociedade consiste no exercício da indústria de construção civil, directamente ou por empreitadas, e no de qualquer outro ramo de actividade, industrial ou comercial, em que os sócios acordem.

Artigo Terceiro — O capital social é de quinhentos mil escudos, está integralmente realizado, em dinheiro, e corresponde à soma de duas quotas, iguais, de duzentos e cinquenta mil escudos, pertencentes, uma a cada um dos sócios, José Manuel de Sousa Gil e Fernando Pereira Gil.

Artigo Quarto — A cessão de quotas, entre os sócios, no todo ou em parte, é livremente permitida, para o que ficam desde já autorizadas as necessárias divisões; na cessão a favor de estranhos, gozam, a sociedade, em primeiro lugar, e os sócios, em segundo, do direito de preferência.

Artigo Quinto — A administração da sociedade incumbe aos sócios, que ficam nomeados gerentes, dispensados de caução, e com ou sem remuneração, conforme vier a ser deliberado em assembleia geral e constar de acta.

Parágrafo Primeiro — A sociedade obriga-se com a assinatura de qualquer dos sócios-gerentes, ou de delegado seu, com poderes bastantes, em todos os casos que envolvam para a sociedade responsabilidades até ao montante de um milhão de escudos.

Parágrafo Segundo — Nos restantes casos, a sociedade só se obriga mediante a intervenção conjunta dos dois sócios-gerentes.

Parágrafo Terceiro — A sociedade pode constituir mandatários, nomeadamente nos termos e para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial, e pode, também, qualquer dos sócios-gerentes delegar os seus poderes de administração, no todo ou em parte, em quem entender, mediante procuração.

Paragrafo Quarto — A nenhum dos gerentes, delegados e mandatários é permitido obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e em outros actos estranhos aos negócios sociais.

Artigo Sexto — A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer sócio, continuando com os sobrevivos ou capazes e os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito, devendo aqueles, porém, nomear, de entre si, um que a todos represente, enquanto a quota permanecer indivisa.

Artigo Sétimo — Com ressalva dos casos para que a lei exija formalidades especiais, as assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

Está conforme com o original.
Lisboa, trita de Julho de mil novecentos e oitenta e dois.

O escriturário superior
(assinatura ilegível)

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

DIRECÇÃO DISTRIBUIÇÃO SUL

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta empresa no próximo domingo, 8 de Agosto será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

Concelho de Almada: Almada (Renovação) das 7 h. às 12 h.
Cova da Piedade: (Altinho de Ciganos) das 7 h às 12 h.
Sobreda da Caparica: (Qt.ª de Baixo) das 8 h 30 m às 16 h.
Conselho de Seixal: Pinhal dos Frades das 7 h às 15 h.

Almada, 3 de Agosto de 1982

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública
Direcção de Distribuição Sul-ALMCM
José P. R. Nascimento

Troca ou vende

RPA Huambo

Prédio com lojas, 4 habitações, quintal e anexos.
Apartado 198 — 3080 Figueira da Foz

CML "não deite papeis no chão"

DÉCIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A CARGO DO NOTÁRIO

LIC. MOISÉS DOS SANTOS MARTINS

CERTIFICO, que por escritura de 5 de Julho de 1982, lavrada de folhas 99 verso, a folhas 100 verso, do livro 133 — F, e folhas 1, do livros 134 — F, de -escrituras diversas-, deste cartório, Maria Catarina Barroso Rebola de Jesus Casaleiro, saiu da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que gira sob a firma -MARTINHO & CASALEIRO, LIMITADA-, com sede em Lisboa na Rua Cláudio Nunes, número 81 — B, renunciando à gerência, mas autorizando que o seu apelido -CASALEIRO-, continuasse a figurar na firma social.

Lisboa, vinte e nove de Julho de mil novecentos e oitenta e dois.

O Ajudante,
Assinatura ilegível

aguiar

Rua do Carmo, 17-19 — Rua Augusta, 86-96

SALDOS

PRONTO-A-VESTIR PARA HOMEM
E SENHORAS DAS MELHORES MARCAS
NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Lanifícios ★ Sedas ★ Algodões ★ Malhas ★ Camisaria

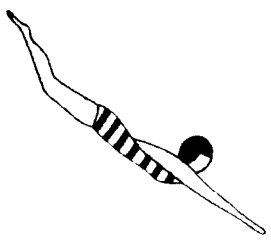
PREÇOS EXCEPCIONAIS

A GAIVOTA de TCHEKOV
TEATRO DO MUNDO TODAS AS NOITES 21.30
teatro do bairro alto
RUA TENENTE RAUL CASCAIS, 1-A (A S. MAMEDE) — TELS. 661515-669205
FOLGA 4ª FEIRA SUB. SEC

O FILME DAS ★★★★
EXCEPCIONAL!
★★★★ VAZ PEREIRA (Capital)
★★★★ LAURO ANTÓNIO (D.Noticias)
★★★★ TITO LÍVIO (D.Popular)
★★★★ VITORIANO ROSA (C.Manhã)
JONAS QUE TERÁ 25 ANOS NO ANO 2000
FILME DE QUALIDADE
um filme de ALAIN TANNER

quarteto HOJE ÀS 15H

BIG-BEN BOUTIQUES
POR MOTIVOS DAS GRANDES OBRAS NA AVENIDA RESSANO GARCIA, ENCONTRAMO-NOS EM PROMOÇÃO
Av. Ressano Garcia, 34 D - Telef. 535720
Rua do Carmo, n.º 51 5.º C
Centro Comercial Alvalade
Loja 6 - Telef. 804927
Centro Comercial Pao de Acucar
Loja 1 - Av. 5 de Outubro
Centro Comercial Pao de Acucar
Loja 8 em Cascais - Telef. 2841519


NÃO dê saltos em locais que desconhece

Até onde irá chegar a contestação?

VILAR DE MOUROS, 7 (do nosso enviado especial Luís Humberto Marcos) – Embora seja só amanhã o encerramento oficial deste grande festival da música, do convívio e solidariedade, a última grande noite do programa é hoje. O «G.N.R.», o «Rip Rig and Panic», uma mistura de jazz e rock, a banda de Tom Robinson, nome famoso do movimento «rock contra o racismo», e ainda o grupo «A Certain Ratio», que não pôde actuar ontem por ter ficado retido na fronteira o seu «back line», constituem um cartaz atraente.

Para amanhã, encerramento, está marcada uma monumental serenata, uma homenagem ao fado e fogo de artifício, para além da actuação do grupo de António Travadinha, outra vez.

Mas para além da música que acaba amanhã, há outra coisa extremamente importante neste festival que irá prolongar-se para além de domingo. São as amizades aqui floridas, é o reforço da independência dos jovens e é, também, a necessidade de participar em experiências deste género como forma de romper com toda uma série de padrões e tabus sem sentido.

Em termos de organização talvez se possa dizer que a partir de amanhã terá de começar o festival de 1984. Muitas coisas terão de ser corrigidas de forma a dar a dimensão criativamente alargada do espaço de liberdade que Vilar de Mouros terá de ser na nossa democracia, ao nível das atitudes e dos comportamentos.

Ontem: destaque para «Durutti Column»

Nos espectáculos de ontem, embora tenham assistido muitos milhares de pessoas, a plateia não atingiu a dimensão de outros dias, mesmo nas sessões da noite, em que estiveram mais adultos quer da aldeia de Vilar de Mouros quer das aldeias vizinhas. E isto porque mais de metade do programa foi preenchido com folclore, nada menos do que seis grupos: Rancho Folclórico da Areosa, (Viana do Castelo), «Le Roudelet F.C. Gombert» (de Marselha), Rancho de Torres Novas, Grupo «Duas Pontes» (Espanha), Rancho do Mar Alto (Nazaré) e o Grupo «Rassa» (da Lituânia), cuja vinda aqui não custou um tostão aos organizadores.

A segunda parte do programa foi sobretudo para os fãs do rock: «Renaissance» e «Durutti Column», este a iniciar a sua actuação já depois das três da madrugada. E se algumas pessoas já se tinham ido embora, muitas outras entraram, tanto mais que os portões do recinto do festival se abriram para quantos que aguardavam há horas este momento. Os bilhetes eram a 150$00, mas há muitos jovens que já não têm «cheta», ao lado de outros que teimam em entrar em tudo sem pagar. Refira-se, aliás, que a GNR teve de intervir ontem algumas vezes para conter e dispersar alguns grupos de jovens que bem cedo tentaram forçar a entrada.

Segundo um elemento da organização, a receita do dia de ontem ficou muito aquém das despesas feitas com os grupos que actuaram.

A grande actuação da noite coube aos «Durutti Column», agrupamento inglês de grande qualidade e projecção no movimento rock.

Como integrar a 'contestação'?

«A juventude divide-se em diversas tendências, mas aqui encontra-se num ponto». O espectáculo ainda não tinha começado, estou com um grupo de jovens de Lisboa, o Carlos, o Paulo e a Fátima, estudantes. O ponto em que a juventude se encontra em Vilar de Mouros é, segundo o grupo, a convivência.

«O facto de estarmos aqui em grupo, vindos de vários pontos do País é bastante importante» – afirma um dos jovens. «Apesar de não haver a referência da contestação que assumiu o Festival de 1971, verifica-se aqui uma certa forma de contestação» – aponta outro. «O que eu não sei é até que ponto esta contestação é integrada socialmente» – aspecto interessante também focado.

Com efeito, interessaria saber em que termos é que a contestação ao poder das normas instituídas viciadamente que está presente aqui, vai, no dia a dia destes jovens, a partir de segunda-feira, manifestar-se e fazer parte da sua conduta. E em termos sociais como será? Como reagirão as instituições e as outras pessoas, individualmente?

«Sabe-se que isto é perfeitamente controlado e limitado» – afirma o Paulo Godinho. Reconhecendo embora as fronteiras de Vilar de Mouros, não me parece admitir que tudo se circunscreva a este espaço minhoto. Haverá prolongamentos.

Ver o Sol

Anda sempre com um cão, ao colo ou pela trela. Alguns farrapos sobre o corpo, um cobertor pendurado por um fio nas costas, cabelo comprido apanhado atrás por uma fita. É uma das figuras mais bizarras deste festival. Vejo-o ali encostado a uma árvore, afagando o cão. Stefan é o seu nome. Fala inglês e diz que é alemão, mas nunca mais quer regressar ao seu país (RFA). «A Polícia é muito dura para os pobres» – diz.

Stefan vive no Algarve há cerca de três anos. É daqueles que 'não têm idade'. «Sei que sou e que estou aqui, mas não sei quantos anos tenho» – encolhe os ombros. Dou-lhe uns 25 anos.

Estas figuras estranhas, bizarras, têm sempre algo que me atrai: a forma de sentirem a vida, os seus profundos segredos.

Normalmente são também bastante intimistas e fechados. Comunicam mais pela forma de ser e estar do que pela palavra. Mesmo assim, Stefan lá me foi dizendo que cozinha ele mesmo os seus alimentos, arrancados da horta que tem no Algarve.

– E o que é a vida para ti, Stefan?

– Passear e ver o Sol todas as manhãs.

António Travadinha ao "DL"

Toco pela fala do violino

«Eu toco pelo ouvido e por aquilo que o instrumento fala». É assim António Travadinha, o melhor violino de Cabo Verde. Actuou anteontem em Vilar de Mouros e amanhã, domingo, estará de volta ao grande palco deste festival.

O balanço da música africana é, em António Travadinha, a vibração das cordas do seu violino. Um balanço simples, feito de temas singelos, genuínos e transparentes, quiçá paleolíticos.

Esta é a segunda vez que Travadinha vem a Portugal e também a segunda que sai de Cabo Verde. Músico nato, não vive no entanto da música. Travadinha foi pedreiro. Agora é contínuo. Vai para seis anos que trabalha na Empresa Púbica de Abastecimento (EPAM), na ilha de S. Vicente. Até então foi pedreiro: «Andava a trabalhar com a enxada, com pás e marretas pelas estradas, para 'gregear' o pão para os meus filhos».

Estamos num dos improvisados restaurantes de Vilar de Mouros, juntamente com outros elementos do grupo de Travadinha. O 'violino' cabo-verdiano confessa que agora vive melhor do que quando era pedreiro, mas a música continua em segundo plano, em termos de ajuda à sobrevivência.

Travadinha nasceu com a música dentro dele. «Veio assim da natureza» – diz dele um dos elementos que o acompanha, Teodoro Lopes. Travadinha não ignora todavia a influência do pai que tinha lá em casa todos os instrumentos tradicionais de Cabo Verde. «Aos nove anos comecei a tocar com ele». E nunca mais parou.

António Travadinha está com 44 anos, tem onze filhos (normal no seu país) e orgulha-se de dois deles: o João Evangelista, de 18 anos, que já toca bem violino, e o Silvestre Lopes, de seis, que «tem tendência para vocalista».

Apesar dos reduzidos apoios que estão a ser dados pelo Estado do seu jovem país à música tradicional, Travadinha acha que o interesse por esta está a crescer. Fala das «mornas» e «coladeiras», da «mazurca», do «samba» e da «polca».

Um ensaio bastou

Com António Travadinha vieram de Cabo Verde mais dois elementos: o Teodoro que atrás referi e o Tey (Antero Santos). Aos três juntaram-se outros dois músicos que residem em Lisboa: Armando Tito e Agostinho Mulato. Fizeram um, apenas um, ensaio, e subiram até Vilar de Mouros. Foi a primeira vez que os cinco actuaram em conjunto, sob o virtuosismo do violino. Aliás, nem os três que vivem em Cabo Verde têm actuado conjuntamente.

Neste momento assiste-se em Cabo Verde a uma 'descoberta' da música tradicional. É Antero Santos quem o diz. A música Cabo-verdiana mais conhecida é a do Barlavento, mas agora está a assistir-se à 'descoberta' da música do Sotavento: Funaná, Batuque e Tabanca. «O funaná não tem a projecção das mornas ou das coladeiras, mas vai acabar por chegar lá». Esta é a convicção de Antero Santos que há poucos dias gravou três discos em Lisboa.

A palavra, de novo, para Travadinha: «Desde que nasci que a música ferve cá dentro».

Inquérito à juventude

Continuamos hoje a publicar depoimentos recolhidos em Vilar de Mouros sobre os problemas dos jovens. Não se pretende com este inquérito fazer uma abordagem exaustiva de tais problemas.

Trata-se apenas de aflorar, sob a óptica de cada um dos inquiridos, alguns desses problemas. É óbvio que a abordagem dos problemas com que se debate a juventude portuguesa hoje envolve vários conteúdos, consoante as classes e os meios socioculturais.

Problemas: para quem e porquê?

Nem sempre se encontram, aqui, os jovens disponíveis e com vontade de participarem num inquérito deste tipo. Sentem-se algumas resistências e aparentes dificuldades.

Há também quem prefira apontar grandes temas de problemas e interrogar-se sobre eles. É o que acontece com Teresa, estudante de Lisboa (1.º ano do curso de Comunicação Social), que apresenta como grandes temas a droga, a sexualidade, o problema do ensino, o primeiro emprego, as relações interpessoais: pais-filhos, professores-alunos, jovens-jovens e outras.

Para abordar estes temas, diz Teresa, seria interessante, «mais do que enuncia-los e dar razões e respostas sem fundamento, procurar saber para quem e porquê são problemas». Por isso, embora considere que a droga «é um problema da juventude», prefere perguntar: «E por detrás, quem ganhará, quem estará interessado em informar, em esclarecer o que de facto se passa?». Quanto ao ensino: «Quem vai estudar e porquê? Será que o ensino tem como função para além da transmissão dos conhecimentos, também a função de transmitir a ideologia dominante, com o fim de assegurar o seu poder nas gerações futuras?».

Relativamente ao primeiro emprego, «integrado numa crise geral de desemprego em que nem só os jovens são afectados, Teresa aponta o facto de, na maior parte das vezes, os jovens só conseguirem emprego com cunhas. De qualquer forma afirma esta deponente que falar dos problemas da juventude «não é isolar os deste grupo etário dos dos outros grupos etários».

Não pensar como os adultos

Outro depoimento: de Paulo Santos, empregado metalúrgico, Maia. «Não tenho bases para falar sobre isso, é um problema muito complexo» – uma espécie de escusa que afinal não chegou a ser. Paulo Santos acabou por referir aqueles que, em sua opinião, são alguns dos problemas dos jovens. «É bastante difícil arranjar emprego». «São grandes as dificuldades para quem quer estudar – e a barreira de gerações é grande porque os adultos querem que os jovens sejam a juventude que eles foram e não pode ser». Acrescenta Paulo Santos: «O meu pai diz-me muitas vezes que eu não estou a pensar como um adulto, mas eu nunca vou pensar como um adulto, tal como eles, os adultos, querem que eu pense».

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Serão à vela

Fui à vela, fui à vela
naveguei no alto mar
e fiz cócegas na estrela
que estava pra me guiar
oh, que gostoso era vê-la
no pisca-pisca do anseio
de uma gostosa alegria
com o piri-chato do Feyo
e o parlanço da Garcia
portanto no fim do dia,
fui à vela, fui à vela,
mais a Joyce, altiva e bela
logo hillstreetei um sarilho
pois quando me viu com ela
ficou danado o Furillo,
pelo que eu, sem mais aquela
voltei à «Telenovela»
produto nacional
género batalha campal
«toca a dar, que não faz mal».
jipe, cão, espingardal
contra o povo de Vizela,
já eu me fazia à vela
no electrónico mamute
ouvi gritos em Beirute
e os medos em tropel
e se alguém não se domina
ouvindo certo arranzel
na TV, grande mofina,
pensa que é a Palestina
que está a invadir Israel,
e eu à vela, e eu à vela,
metido na minha cela
fradesca, de tombo em tombo,
eu neste macabro idílio
em que de mim próprio zombo
massacrado ao domicílio,
a ver, gracioso, o Basílio
rir dá vazia e do lombo,
e outra vez, rei da balela
ver Soares bate-bate
que à direita se israela
e à esquerda chora Arafat
mas eu por mim fui à vela
de Londres até Lisboa,
fui gingando numa boa
o pobre oceano à toa
ora doido, ora quietinho
corpo de mulher, mansinho
ou bravo da popa à proa,
tanto que eu, preso ao fetiche,
deitado no meu beliche
de aventura e de beleza
vi minha prima Teresa
que, em sonhos, me quis pra rei:
gostoso de estar com ela
na «Lisbon Sail», ó Teresa,
de manhã, quando acordei
inda tinha a vela
acesa,
e assim fui à vela, à vela
longe dos cinco sentidos
e trouxe para o Tollan
mensagem do Reagan
que lhe chama «irmão», coitado,
por também estar encalhado
nos tormentos do seu fado
que nenhuma esperança anima
vejam só: a provocar,
fez ensaio nuclear
pra «festejar» Hiroxima,
vais-te à vela, vais-te à vela,
Reagan, com o crime em cima,
ora enquanto andei à vela
oceanos por achar
chorei mar, salguei o mar
pessoalmente falando
e tanto assim velejando
meditando e padecendo
e sofrendo e chorando
e rezando e esmorecendo
por sobre a líquida estrada
de noite e de madrugada
sem promessas e sem nada
que me dessem por feliz,
vim ter à sardinha assada
nos braços de Abecasis
mas que importa?, à vela, à vela!,
amigos, está na hora,
esta RTP de agora
não queremos vê-la, a ela,
sem amparo e sem cautela
cair na miséria, imensa
da Elisa e do Proença,
toca a erguer nossa vela
para vencer a procela
que da televisão faz
uma inimiga da paz
que mente, mente e remente
que é do fascismo semente
que tem no ventre danado
as sementes do passado,
eh, vela acima e coragem,
larga a vela à grande aragem
que sopra pela manhã
gritemos ao Amaral
ao Begin, ao Reagan
à engrenagem proençal
que, dia a dia se vê,
ao CDS se atrela:
«Tirem as mãos da TV!»
Se não queremos «ir à vela»...

Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje

1 RTP

Sue Ellen encontra Clint de novo

14.45 **Desfile de Veleiros** – Aporvela. Transmissão directa.
17.15 **Sábado Desportivo**
19.30 **«Sport Billy»** – 5.º episódio.
19.55 **Tur/82**
20.25 **O Tempo**
20.30 **Telejornal**
21.00 **Som de...** – Silvestre Fonseca.
21.30 **«Pedro e Paulina»**
22.00 **«Dallas»**
22.45 **«A Casa do Terror»**

Ella Raines protagonista do filme «Um Senador Indiscreto»

2 RTP

19.02 **Folclore**
19.30 **Espaço Verde**
20.00 **Espírito da Ásia**
21.00 **«Um Senador Indiscreto»**
22.30 **Documentarismo Português**

Amanhã

1 RTP

10.47 70X7, **11.10** Eucaristia Dominical, **12.00** Tempo dos Mais Novos, **21.50** «O Trovão» – 2.º episódio, **13.20** Sumário, **13.35** TV Rural, **13.50** Eurovisão – Automobilismo, **14.45** Berros e Bocas, **18.00** Campeonato Nacional de Natação; **19.00** «Fama» – 4.º episódio, **20.00** Sol e Sombra; **20.25** O Tempo, **20.30** Telejornal; **21.00** Cartaz TV, **21.30** Roberto Carlos, **22.30** Grande Encontro

2 RTP

16.00 Volta a Portugal em Bicicleta, **17.00** «Supermulher» **18.00** Roques da Casa, **20.00** «Escravos do Vício» **22.00** «História de Chicago» - 4.º episódio

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP
«Dallas» (22.00)

2 RTP
«Um Senador Indiscreto» (21.00)

...e sugere para hoje...

22.00 – «DALAS»

Dristin Shepard aparece e tem novos planos.
Sue Ellen encontra de novo Dusty. Como já era de esperar, Lucy separa-se de Mich.
Cliff Barnes, com a ajuda de Westar, tenta arranjar provas contra J. R. e encontra-se, finalmente, com a mãe...
Argumento de Arthur Bernard Lewis.
Realização de Micheal Preece.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

Caminhos de Ferro Portugueses

SUCATAS

Está aberto concurso público até 26/8/82, para adjudicação para desmantelamento de:

5 CARRUAGENS
3 FURGÕES
6 VAGÕES

Estacionados em estações da linha de Guimarães.

Todas as informações complementares bem como o caderno de concurso, podem ser obtidas no Departamento de Aprovisionamentos da CP, Rua de Santa Apolónia, 65 — 1196 LISBOA CODEX, telefones 86 97 60 a 68 ext. 229.

2 RODAS
2 vezes
mais atenção!

Em cada 18 acidentes com veículos de 2 rodas, morre uma pessoa
Por ano morrem cerca de 500 pessoas vítimas desses acidentes.

circular e viver.

HÁ BEBER E HÁ VIVER

— Beber diminui os refelexos!
Evite o perigo não bebendo quando conduz.

Serviços Municipalizados

Câmara Municipal de Loures

COMUNICADO À POPULAÇÃO

44.ª Volta a Portugal em bicicleta

Vai este ano realizar-se a 44.ª Volta a Portugal em Bicicleta em que, na sua primeira etapa, Lisboa/Loures, percorrerá diversas povoações do Concelho, numa extensão de 117 km, o que consideramos como uma homenagem à população do Concelho, à tradição da modalidade na nossa terra e ainda como reconhecimento do interesse que a Câmara Municipal de Loures dispensa às manifestações desportivas.

Está também presente no espírito da população que o apoio que a Câmara tem dispensado às Colectividades de Desporto, Cultura e Recreio, tem sido neste campo uma realidade constante.

Por todo o Concelho, ao longo dos anos, decorrem as mais diversas actividades desportivas e culturais, com particular destaque para as realizações das «Comemorações de Abril de 1982» e das «Festas do Concelho».

É ainda conhecido que a Câmara Municipal de Loures, apesar de este ano ter sido desfalcada em 822 mil contos, pela não aplicação integral da Lei das Finanças Locais, tem dado considerável apoio às Colectividades, através de subsídios e equipamentos. Só em 1982, foi atribuído um subsídio de mais de 15.000 contos às Colectividades do Concelho.

Por outro lado, consideramos que o apoio da Câmara Municipal de Loures à 44.ª Volta a Portugal constitui uma justa homenagem a esta popular modalidade desportiva e um incentivo à sua prática.

Estamos, pois, certos que o final da 1.ª etapa com a meta instalada em Loures, junto à Câmara Municipal, irá constituir um excelente espectáculo desportivo e que a população do Concelho irá estar presente nesta magnífica Jornada de Confraternização e Festa.

O Presidente da Câmara

Loures, 3 de Julho de 1982

Todas as noites
de Quarta a Sábado
às 22 horas
no Roller Bar
R. Ricardo Epírio Santo
6A 1200 LISBOA
Tel: 60 27 18

roteiro cultural

Jogos populares transmontanos

O Centro Cultural de Vila Real vai realizar amanhã, em Vila Pouca de Aguiar, os Terceiros Jogos Populares Transmontanos.

Os vencedores dos Jogos receberão, à semelhança do que aconteceu nas edições anteriores, uma taça em granito, com cerca de 350 quilos, contendo gravuras alusiva aos jogos.

Ao fim do dia e depois de disputadas dezenas de variedades de jogos (levantamento de pedra, despique de Zés-Pereiras, desgarradas, corridas de burros, de sacos e de cântaros) ocorrerá uma «chega de bois».

Vista Geral da exposição de pintura na Bienal de Cerveira

Teatro

«A Gaivota», de Tchekov, com encenação de Rogério de Carvalho, que o Teatro do Mundo tem estado a apresentar no espaço da Cornucópia, termina hoje a sua carreira, desconhecendo-se ainda se será possível repor «A Gaivota», dado que o Grupo não dispõe de instalações próprias.

Música

Alexandra Stelchenko, Cantora soviética que veio a Portugal participar na Festa da Paz e da Cultura que está a decorrer em Vila Real de Santo António, actua hoje, às 21,30 em Monte Gordo, e amanhã, à mesma hora, em Vila Real. A cantora soviética conquistou uma medalha de ouro pela sua interpretaçao de canções populares no IX Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, em Sófia.

O 2.º Festival de Música do Convento dos Capuchos, no Monte da Caparica, prossegue hoje, às 21,30, com um recital de piano por Jorge Moyano, que interpretará obras de Schumann e Brahms.

O programa 2 da RDP transmite hoje, às 17,30, um concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto da RDP, sob a direcção do maestro Costa Santos, de colaboração com o Conservatório de Música do Porto e realizado no Auditório Nacional Carlos Alberto. Obras de Brahms, Haydn, Fauré, Weber, Mozart, Haendel, A. Marcello e Beethoven. Hoje também, às 23,30, será transmitida a «Pequena Missa Solene», de Rossini, e amanhã, às 17 horas, vai para o ar um concerto pela Orquestra Filarmónica de Praga, com obras de Brahms e Dvorak.

Exposições

Pintura norte-americana. Quarenta trabalhos de artistas plásticos norte-americanos então patentes ao público na Galeria de Exposições Temporárias do Museu Gulbenkian. Organizada pela Embaixada dos Estados Unidos e pela Fundação Gulbenkian, a exposição, denominada «Pintura americana dos anos 80», integra obras de alguns dos mais destacados nomes das artes plásticas daquele país. Entre outros, estão representados na exposição os artistas Dennis Ashbaugh, Frances Barth, Luisa Chase, Elaine Cohen e Howard Buchwald.

A III Exposição dos Artistas Caldenses é inaugurada esta tarde no Museu José Malhoa das Caldas da Rainha. Figuram no certame obras de António Duarte, João Fragoso e António Vidigal e de alguns dos seus discípulos de Caldas ou que a esta cidade estão ligados: Corcas, João Honório, Margarida Lino, Eduardo Loureiro e António Mendes.

Na III Bienal de Vila Nova de Cerveira, As artes visuais de comunicação têm sido uma das notas fortes do festival. Carlos Barroco (português) e Paul St. Jean (canadiano) transformaram a galeria de arte (workshop), num espaço de intervenção aberto às experiências plásticas mais diversas, como reacção a uma cultura imposta pelo grande consumo e têm cumprido a sua função de «medium» de transmissão da cultura viva da época. «Alter-âncias», «performance» de Ção Pestana (madeirense) tem sido um dos momentos mais altos desta Bienal. A artista, médica e bióloga, utiliza a sua formação para articular a arte com a ciência. Os vectores do seu trabalho são, entre outras problemáticas, o seu corpo como suporte, a posição ambígua da mulher que quer na sociedade agro-predadora, quer na sociedade industrial. Para o espectáculo ela utiliza sangue obtido num matadoro com produto anticoagulante, arame farpado e gases. A carne encontra-se no todo como elemento simbólico de regeneração. A música é feita especialmente para a acção pelo compositor Brizzi (italiano). Para este fim de semana, espera-se a actuação de um grupo de espanhóis de Madrid, a performance de um japonês, Mineo Ayamaguchi, que usa, como base do seu espectáculo, movimentos simples do corpo ou de um objecto. Por Maria Marcelina, vai ser apresentada uma peça infantil cujos actores são apenas crianças e a que se deu o nome de Bifrostes.

SERGIO SAMPAIO
SALDA
TODOS OS ARTIGOS DE FIM DE ESTAÇAO
PARA HOMEM E SENHORA
BOUTIQUE - AV. DA REPUBLICA 9-A • LISBOA

NÃO tome banho
sem ter feito
a digestão

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇOES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)		
ALEMANHA FED (marco)	56$90	61$90
AUSTRIA (xelim)	33$95	35$05
BELGICA (franco)	4$75	4$95
BRASIL (cruzeiro)	1$615	1$815
CANADA (dolar - notas de 1 e 2)	$181	$431
notas de 5 a 1000)	67$20	69$20
DINAMARCA (coroa)	67$27	69$70
ESPANHA (peseta)	9$75	10$15
EUA (dolar - notas de 1 e 2)	$711	$811
(notas de 5 a 1000)	84$05	86$05
FINLANDIA (marka)	84$55	86$55
FRANÇA (franco)	17$70	18$30
HOLANDA (florim	12$20	12$90
INGLATERRA (libra)	30$75	31$75
IRLANDA (libra	145$50	149$50
ITALIA (lira)	117$15	121$15
JAPAO (ien	$055	$065
NORUEGA (coroa)	$296	$331
SUECIA (coroa)	12$60	13$10
SUIÇA (franco)	13$70	14$30
VENEZUELA (bolivar)	39$85	40$95
	17$40	18$40

Observações
1 - No respeitante a moedas, estas cotaçoes devem ser consideradas a titulo meramente informativo
2 - Todas as operaçoes de venda estao sujeitas ao imposto de 3 por mil

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

«ANTENA UM»

16.00 Banda Mgnética, **17.20** Informativo de Tânsito; **18.20** Informativo de Trânsito; **19.00** Síntese Informativa; **19.15** Música sem Fronteiras; **19.20** Informativo de Trânsito
20.00 Programa da Noite – Teatro Radiofónico – «Os Bonecreiros vão de terra em terra», de Mário Dionísio; **21.00** Lisboa, País, Cidade; **23.00** Actualidade; **23.15** Em destaque no Último Jornal; **23.15** Em destaque no Último Jornal; **23.30** Último Jornal

Programa 2

16.00 Solos de Cavo de Bach:

16.30 Quarteto n.º 6 em SI BEMOL MAIOR op. 18. 6, de Beethoven; **17.00** Concerto n.º 2 em SOL MENOR op. 63. Direcção de Alce Galliera; **17.30** Transmissão de um concerto pela orquestra sinfónica do Porto, RDP, sob a direcção do maestro Costa Santos, de colaboração com o conservatório de música do Porto e realizado no audutório Nacional Carlos Alberto; **20.10** Música de Câmara: – Trio em Mi Maior, de Carl Philipe Emanuel Bach, – Octeto para instrumentos de sopro, de Stravinsky; **20.40** Concerto em La Maior PV 222, de Vivaldi; **21.00** Sinfonia n.º em FÁ MAIOR, op 90, de Brahms; **21.35** O Violoncelista Mstislav Rostropovich interpreta Rachmaninoff e Haydn: **22.10** A pianista Tania Achot interpreta Chopin; **22.40** «Canções de um viandante», de Mahler; **23.00** Partita n.º 2 em RÉ MENOR BWV 1004, para violino solo, de Bach; **23.30** Intercâmbio musical (gravações cedidas pela Rádio Israel) **01.00** Noticiários de hora a hora

Rádio Comercial – Onda Média-283, 290 e 397 m)

15.03 Musicando; 18.03 Problemática da caça/82 (simultâneo OM/FM) **19.03** Quatro tempos; **20.03** Quando o telefone toca (1.ª edição); **20.30** Quando o telefone toca (2.ª edição); **21.03** Quando o telefone toca (3.ª edição); 21.30 Tempo de desporto; **23.08** 24.ª hora

RC-F.M.Estéreo (97.4 MHZ)

15.03 Musicando, **18.03** Problemática da caça/82 (simultâneo OM/FM); **19.03** Música ao vivo; **21.03** Blues Index Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Sintonia fim de semana; **18.00** Magazine Regional; **18.30** Diálogo e vida, **19.00** Títulos de Informação; **19.03** Saltitão (Espaço Infantil); **19.30** Jornal da Noite; **20.00** Paju, **21.00** Quando o telefone toca; **21.30** Transmissão directa do Terço do Santuário de Fátima; **22.30** Bola Branca (2.ª edição)

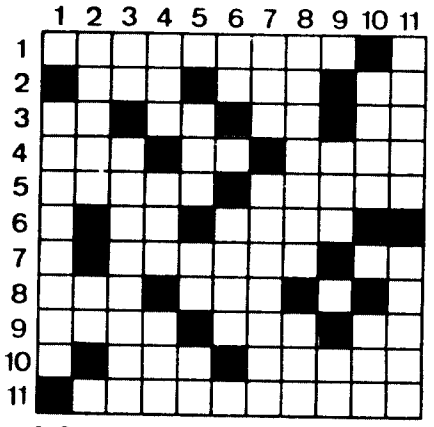
Tiragem media diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 496

HORIZONTAIS:

1 Alugara.
2 Aurora; Boato; O mesmo que uma (ant e pop).
3 Nota musical; Livro de versos de António Nobre, Laço (inv); Níquel (s.q).
4 Nome de mulher; Césio (s.q); Grande porção.
5 Tornava a ler; Curas.
6 Prefixo de negação; Promessa.
7 Cidade do México; Ósmio (s.q).
8 Hora canónica correspondente às quinze horas; Rio da Suiça.
9 Pancada de relógio; Ilha da Polinésia, a mais importante do arquipélago de Sanduiche; Prasiodímio (s.q).
10 Antepassado; Distrito da ex-Índia Portuguesa
11 Assustou.



VERTICAIS:

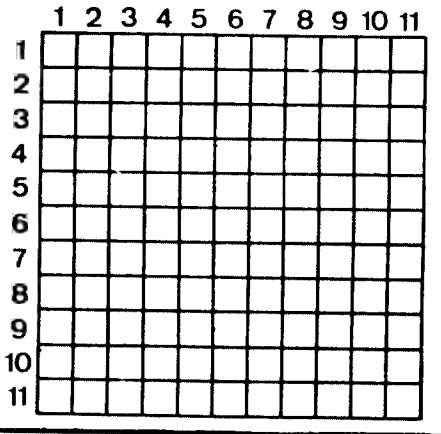
1 Artigo definido; Nome de peixe.
2 Impere; O sono das crianças
3 Letra grega; Desenrugaram.
4 Deusa da Aurora, esposa de Titono; Magnete natural; Rio de Portugal.
5 Peso turco, cerca de um quilo, Miriare; Compaixão (inv).
6 Preposição; Nome de letra, Nome de homem.
7 Ferro temperado; Cotiado
8 Inspeccionara; Embarcação grande (inv)
9 Árara; Duas consoantes desiguais
10 Besunta; Artigo definido; Sustento.
11 Tombavas; Curou.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9356

HORIZONTAIS:

1 Ave brasileira, semelhante ao zablé; Povo de África entre a costa de Zanzibar, e o lago Vitória.
2 Carta de jogar; Animal doméstico; Classe de tropa.
3 O vencimento diário de um soldado; Transferi para outro dia.
4 Dai aviso de alguma coisa em voz alta; Numeral cardinal.
5 Fava de um centímetro de diâmetro usada em quantidade diminuta para excitar o apetite; Cidade da Ucrânia; Cento e um em romano
6 Zomba; Coelho pequeno.
7 Do feitio de ovos; Nota musical; Sufixo que designa estado.
8 Restos mortais; Níquel (s.q).
9 Sufixo que designa pequenez; Entusiasmo.
10 Enfiada; Devorai.
11 Patrão; Danço.



VERTICAIS:

1 Nome de mês; Rei de Mércia, de 757 a 796.
2 Carta de jogar; Ralo de confessionário; Prefixo de negação.
3 Cidade de França; Lugar de refúgio.
4 Acreditei; Encalço.
5 Cidade da Índia, na costa do Malabar; Ecoa.
6 Preposição e artigo; Bigorna de ourives; Basta!
7 Cidade de França; Acreditei.
8 Moeda indiana; Pinheiral.
9 Esquiva; Personagem do «Otelo» de Shakespeare.
10 Magnete natural; Enguia; Ruim.
11 Óleo de sardinha. (Prov. minh); Enfeitais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 495

HORIZONTAIS:
1 A; VIDA, É; UM
2 Cairo; Mapas
3 Missa.
4 Peia, Ai; Não.
5 Aromais; Cru
6 Nós, Ba; Eu
7 Osos; Safi
8 Ad; Pisai
9 Amaçar; Ga
10 Minado; Dó
11 Amaia; Isolo.

VERTICAIS:
1 Ac; PANORAMA.
2 Eros; Mim
3 Vimioso; Ana.
4 Iriam; Sacai.
5 DOS; Ab; Dada.
6 Saias; Ro
7 MAIS; Pá
8 Ea, FINOS.
9 PINCÉIS; DO.
10 Ua; Aru; Ag
11 Ms; Ou; DIABO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9355

HORIZONTAIS
1 Nome; Nomo
2 Ra; Tino; Ko
3 Uva; La; Ro
4 Simão, Mito.
5 Sal; Teimo.
6 Ati; Orágo.
7 Cá; Lia; Vi.
8 Orçaria; Lio.
9 Ri; Gás; Chá.
10 Dano; Tire.
11 Assa; Eno; Pg.

VERTICAIS
1 Krus; Acorda.
2 Avistarias.
3 Amai; NS.
4 Ut; Ai; Lagoa.
5 Milo; Oira.
6 Ena! Traiste
7 Ea; In
8 Amigo; Cró.
9 OK; Imo; Lhe
10 Morto; Via.
11 Oó; Pio; Ag

Proverbio: A vida é um panorama dos mais finos pincéis do diabo

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24
– N. ac. men. 18 a.
UM HOMEM E UMA MULHER

SALA B

Às 14 45, 17, 19, 21.30 e 23 45
– N. ac. men 13 a.
DR. NO, AGENTE SECRETO 007

ALVALADE 897480
Av de Roma

Às 14, 16 30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O FILHO DO DRAGÃO

APOLO 763319
Av Julio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15 30, 17 30, 19 30, 21 30 e 23 30 – Int men 13 a
CORTINA DE FUMO

AVIS 547163
Av Duque de Avila, 45

Às 15 30, 18 30 e 21 30
OS MALUCOS EM HONG-KONG
– N. ac. men. 13 a.

BERNA 778098
Av Marquês de Tomar

As 14 16 30 19 e 21 30
N ac men 18 a
O PORTEIRO DA NOITE

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

As 14 16 30 19 e 21 30
Para Todos
Festival Walt Disney
O GATO QUE VEIO DO ESPAÇO

CASTIL 530194
Rua Castilho

Às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac men 13 a
OS REPETENTES EM FÉRIAS
3.ª Semana

CINE 222 579460
Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.15, 18 e 21.30
– Int. men 13 a.
ESPLENDOR NA RELVA

CINEBOLSO 573407
R Actor Taborda, 27-B
Às 12 30, 14.30, 16 45, 19 e 21 30
– Int. men 18 a.
SEXO MECÂNICO
Pornográfico – Hardcore
Às 24 – Int. men. 13 a.
DELITO DE AMOR
c/ Giuliano Gemma e Stefania Sandrelli

CINE BLOCO 556824
Gaveto Av 5 de Out e Pinh. Chagas

Às 14 30, 16 45, 19 e 21 30
– N ac. men. 13 a
THE JAZZ SINGER
Às 24
TORSO

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15

Às 14, 16 30 e 21 30
– N ac. men 13 a
OS SALTEADORES DO TEMPO

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a
O código de honra era a sua bandeira!
O CLARIM DA REVOLTA
(TAPS)
c/ George C Scott e Timothy Hutton

EDEN 320768
P. dos Restauradores 21
As 14 16 30, 19 e 21 30
Int men 13 a
O FILHO DO DRAGÃO
c/ Bruce Lee
Colorido
As 24 - N ac men 18 a.
A GRANDE DESFORRA

ESTÚDIO 555134
Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15 30, 18 30 e 21 30
– Int men 13 a
O OVO DA SERPENTE

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15 30, 18.30, 21.30 e 24
– N. ac. men. 18 a.
SEXO LOUCO

IMPÉRIO 555134/5
Al Afonso Henriques, 35

Às 15 15, 18.30 e 21.30
– N ac men. 18 a.
OS GANSOS SELVAGENS
2.ª Semana

LONDRES 801313
Av de Roma 7-A

Às 14, 16 30, 19 e 21 30
– N ac men 13 a
A CASA DO LAGO
6.ª Semana

LUMIAR 79 52 96
Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1-6-82

MONTECARLO 681117
Av Pedro Alvares Cabral, 37

As 15 30 e 21 30 – N ac. men 18 a
ESCOLA DE NAMORADOS
As 24
O JANGO, ÚLTIMO KILLER

MONUMENTAL 555131
P Duque de Saldanha

As 15 15 18 15 e 21 30
– Int men 13 a
OS HERÓIS DE TELEMARK
2.ª Semana

NIMAS 574362
Av 5 de Outubro, 42-B
As 14 15 15, 18 30 e 21 30
N ac men 13 a
Laureado com a «Palma de Ouro» do Festival de Cannes em 1972
No filme «O Caso Mattei»
TRÊS IRMÃOS
Um filme de Francesco Rosi

ODEON 328283/4
R. Condes, 12 a 20

Às 15 15 18 15 e 21 30
– N ac men 18 a
OS TRAIDORES

PATHE 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16 30, 19 e 21.30
– N ac. men. 18 a.
PRAIA SANGRENTA

QUARTETO 771378
R Flores de Lima 16

SALA 1

As 15 17, 19 e 21 30
– Int men 18 a
O IMPÉRIO DO DESEJO
de Ikuo Skimoto

SALA 2
Às 14, 16 30, 19, 21 15 e 23 30
– Int men 13 a
GLÓRIA
de John Cassavetes
Às 00 45
A MORTE DE UM DEPUTADO

SALA 3
As 14 30 16 45, 19 21 15 e 23 30
– Int men 13 a
JONAS
As 00 45
AMIGO AMERICANO
de Wim Wenders

SALA 4
As 14 16 30 19 e 21 30
N ac men 18 a
O CLARIM DA REVOLTA
(TAPS)
de Herold Becker

ROMA 887778
Av. de Roma, 14 M-N
Às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac. men 13 a.
Os repetentes estão de volta! Desta vez e em continuação
Mais um grande êxito de gargalhada e juventude!
OS REPETENTES EM FÉRIAS

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac men. 18 a.
ELE SABE QUE ESTÁ SÓ

S. JORGE 579144-579344
Av da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 14 30, 18 e 21 30
– Int men 13 a
AS PORTAS DO CÉU
c/ Kris Kristofferson
3.ª Semana

S. JORGE SALA 2

As 14 15 16 45 19 15 e 21 45
– N ac men 13 a
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
c/ Meryl Steer e Jeremy Irons
33.ª Semana

S. JORGE SALA 3

As 13 45 17 30 e 21 15
REDS
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
19.ª Semana

SATELITE 562632
Av Fontes Pereira de Melo, 61
As 15 00, 17.00, 19 00, 21 30
Int men. 13 anos
NOSTRADAMUS O HOMEM QUE PREVIU O AMANHÃ
11.ª Semana
Às 24
TOMMY

7.ª ARTE 730715
Av. Republica, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68
Às 14 45 17, 19 10, 21 30 e 24
– N ac men 13 a
007 O HOMEM DA PISTOLA DE OURO
Domingo às 11.15
FESTIVAL BUGS BUNNY

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 14 30, 18 00 e 21 30
N Ac a M 13 anos
Um filme de Claude Lelouch
UNS E... OS OUTROS
42.ª Semana

TERMINAL 371573
Estação do Rossio

As 11 13 15 17 19 21 30 e 23 30
ELVIS, O ÍDOLO IMORTAL

TIVOLI 57 [illegible]
Av da Liberdade, 188

As 14 00 16 30 19 00 e 21 30
CÉLEBRES E RICAS
Int men 13 anos
12.ª Semana

VOX 8808[illegible]
Av. Fr Miguel Contreiras, Lote 879

As 15, 18 15 e 21 30
– N ac men 13 a
O HOTEL DA PRAIA
c/ Myriam Boyer e Daniel Ceccaldi

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9

Às 14 15, 16 30 19 e 21 30
– N ac men 18 a
BECO SEM SAÍDA
c/ Dustin Hoffman
Às 23.45
A NOITE DO FALCÃO

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «O Porteiro da Noite», às 21 30 (18 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 – «O Fantasma da Liberdade» às 21 30 (18 anos)
CITY CINE – «O Expresso da Meia-Noite», às 21 30 (18 anos)
POLITEAMA – «Chamavam-lhe o Bulldozer», às 21 30 (13 anos)
MUNDIAL – «Os Repetentes em Férias», às 21 30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «As Montadoras Sexuais», às 21 00 e 23 00 (18 anos)
OLÍMPIA – «Lisa Sexo Fatal», sessões permanentes (18 anos)
2000 – «Os Dois Missionários», às 21 30 (Para Todos)
RESTELO – «O Vingador da Noite», às 21.30 (18 anos)
OLIVAIS – «O Uivo da Fera», às 21 30 (18 anos)
PROMOTORA – «O Ultimo Mundo Canibal», às 21.30 (18 anos)
PÁTRIA – «A Companheira da Minha Vida», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «Mercenários por Conta Própria», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Caçada Selvagem», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Fuga para Atenas», às 21 15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Delícias no Liceu», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «O Vingador da Meia-Noite», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Paláclo – «De Quem é a Vida, Afinal?», às 21 15 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Excalibur», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «A Turma dos Repetentes», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

COSTA DA CAPARICA – Silcine – «O Terror do Far-West», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Cine-Almada – «007 Ordem para Matar», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «Tudo Boa Gente», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Apocalipse Now», às 21 15 (18 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «O Apache», às 21 15 (13 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «De Quem é a Vida, Afinal?», às 21 15 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «A Carga do Búfalo Branco», às 21 30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «O Primeiro Pecado Mortal», às 21 15 (18 anos)
AMADORA – Cine-Estúdio – «A Homenagem», às 21 30 (13 anos)
AMADORA – Cine-Plaza – «Aeroplano», às 21 30 (13 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Guerreiros de Aço» às 21 30 (18 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «Amor e Balas», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «A Mais Bela História de Amor», às 21.30 (13 anos)

SACAVÉM – S. José – «Sansão», às 21.30 (13 anos)
ALHANDRA – Salvador Marques – «Vingança ao Amanhecer», às 21.30 (13 anos)

Porto

VALE FORMOSO – «O Comboio dos Duros», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT – «Um Violino no Telhado», às 21.30 (13 anos)
FOCO – «Apocalypse Now», às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL – «Reds», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «Uns e... os Outros», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «O Campo Infernal das Mulheres Perdidas», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «O Magnífico Agente Secreto», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «007 o Agente Irresistível», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «O Compromisso», às 21.45 (18 anos)
TRINDADE – «Voando Sobre um Ninho de Cucos», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO – «Malícia», às 21.30 (18 anos)
SALA BEBÉ – «Duas Mulheres Apaixonadas», às 21.45 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

BAIXA: Durão, Rua Garret 92, (324166); **CAMPO CAMPO D'OURIQUE: Condestável, Rua Coelho da Rocha 119, (666206); IGREJA D'ARROIOS–CHILE: Oriental de Lisboa**, Rua Alves Torgo 2B, (545079), **JOÃO XXI: Onilda**, Av João XXI 13A, (886848), **LUMIAR: Patrícia**, Alm Linhas Torres 262B, (790332); **MARQUÊS DE POMBAL: Correia de Almeida** Av Fontes Pereira Melo 21B (547385); **OLIVAIS NORTE: Central dos Olivais**, Rua Alferes Barrilaro Ruas 7C, (315539) **PALHAVÃ: Aguiar**, Av Col. Bordalo Pinheiro 98A, (764629); **SANTO AMARO: Correia de Azevedo**, Rua Luis de Camões 42B, (638625); **VALE DE ST.º ANTÓNIO: Martins LDA**, Rua Fernão de Magalhães 33, (849448); **ALGÉS: Almeida Nito**, Av. Comb. Grande Guerra 64, (2112070); **ODIVELAS: Leitão**, Rua Guil. Gomes Fernandes 62, (910051); **Pontinha**, Est. St. Eloi 4 Lt SE, (990220);.

teatros

Lisboa

BAIRRO ALTO – «A Gaivota», às 21.30 (13 anos)
VARIEDADES – «O Zé Arreganha a Taxa», às 20 30 e 23 00
VASCO SANTANA – «A Classe Dominante» às 21 30 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «Oiçam como Eu Respiro» às 21 30 (18 anos)
ABC – «Cha e Porradas», às 20.30 e 23 00 (13 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE – «Um Cálice de Porto», às 21.30 (13 anos)
O REALEJO – «Nó Cego», às 21.30 (13 anos)

AMANHÃ

PERMANENTE

ALAMEDA – F. LUMINOSA: Ibéria, Rua Barão Sabrosa 235 – 235 A (888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av da Igreja 18 A, (894070); **ANJOS – LISBOA GIN. CLUBE: São José**, Rua dos Anjos 41 A, (570730), **BAIRRO ALTO: Véritas**, Rua da Misericórdia 135, (327564). **BENFICA – CHARQUINHO: Macedo**, Est Poço do Chão 69 C (703697); **CAMPO D'OURIQUE: Ivone**, Rua Silva Carvalho 232 C, (650760). **ESTRELA – POSSIDÓNIO SILVA: Tagus**, Rua Possidónio Silva 162 A, (669485), **MADRE DEUS – POÇO DO BISPO: Grijó**, , Rua do Grijó 25 (385264), **RESTELO – ALGÉS: Ocidental**, Rua D Jerónimo Osório 18 D (610256), **SALDANHA: Cruz Nunes**, Pç Duque Saldanha 14-15, (41845); **ALGÉS: Miramar**, Rua Ernesto da Silva 83, (2112048); **ODIVELAS: Gonçalves**, Rua Dr. Egas Moniz 30 B, (915662); **PONTINHA: Cruz Correia**, Est. Santo Eloi 41 A, (992453), **VENDA NOVA: Girassol**, Rua Elias Garcia 17 C, (974161);.

Linha de Cascais

CARCAVELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (Telef. 2470037) Permanente; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. eng.º Bonneville Franco (Telef. 2435147) Até às 22 horas; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique Paiva Couceiro (Telef. 2430485) Permanente; **PAREDE: Alsir, . Gago Coutinho – B.º Caixas Previdência (Telef. 2472968) Permanente; ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (Telef. 260191) Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, Regimento 19, 41 (Telef. 280141) Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019) Permanente; **DAMAIA: Damaia**, P Alexandre Gusmão, 9 – A (Telef 970523) Permanente. **QUELUZ: Pereira Dias**, Monte Abraão (Telef 965566) Até às 22 horas; **CACÉM: Garcia**, Av dos Missionários, 2 (Telef 2942181) Permanente. **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato**, R dos Morés 1 (Telef. 2912038) Permanente. **MERCÊS: Claro Russo**, R Abade Faria, 2 – A (Telef 2915275) Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO:** Av Óscar Monteiro Torres, 8 (Telef 2960194) Das 9 às 23 horas; **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (Telef 2930058) Permanente. **COLARES: Abreja** (Telef 299088)

Outra Banda

ALMADA: Damaia, R. Bernardo F Costa, lote 1. Permanente; **COVA DA PIEDADE: Cerqueira**, L. 5 de Outubro, 18 (T 270254). Até às 22 horas, **LARANJEIRO: Moderna** (T. 2490305); **COSTA DA CAPARICA: Carlos** Até às 19 horas; **BARREIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas. Permanente; **SETÚBAL: Louro**, R. Frei António Chagas, 24-A. Permanente; **OLIVEIRA**, R. da Misericórdia. Até às 22 horas.
SESIMBRA: Leão, Av da Liberdade 13, (Telef. 2233471); **AMORA: Nova Amorense**, Est. Nacional, 10 – Bloco 10 – Loja 10 – Paivas, (Telef. 2216824); **SEIXAL: Lusitana**, P. Cândido dos Reis,10 (Telef 221007), Arrentela – Até às 22 horas, **MONTIJO: R. Almirante Reis, 93 (Telef. 2310035); MOITA: União Moitense**, Av dr. Teófilo Buaga (Telef 239025); **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R Cândido dos Reis, 30 (Telef 204020); **ALCOCHETE: Gameiro**, L António Santos Jorge 15 (Telef 234100),

---

LOURES: Sálvia, Av da República, 29 (T 2531240) Até às 22 horas, **SACAVÉM: Cortes**, Av Maria Luísa Braamcamp 2-A (T 2519420) Permanente

Porto

NACIONAL R Senhora da Luz, 156, Foz; **COUTO**, L de São Domingos, 106, **FERREIRA DA SILVA**, R dos Mártires da Liberdade, 150; **GOMES FERREIRA**, R. Faria Guimarães, 449; **MELO TAVEIRA**, R Alcaide de Faria, 77

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

RODRIGUES DA SILVA, R. Ferreira Borges, 32 (T 24348)

DL

PORTE PAGO

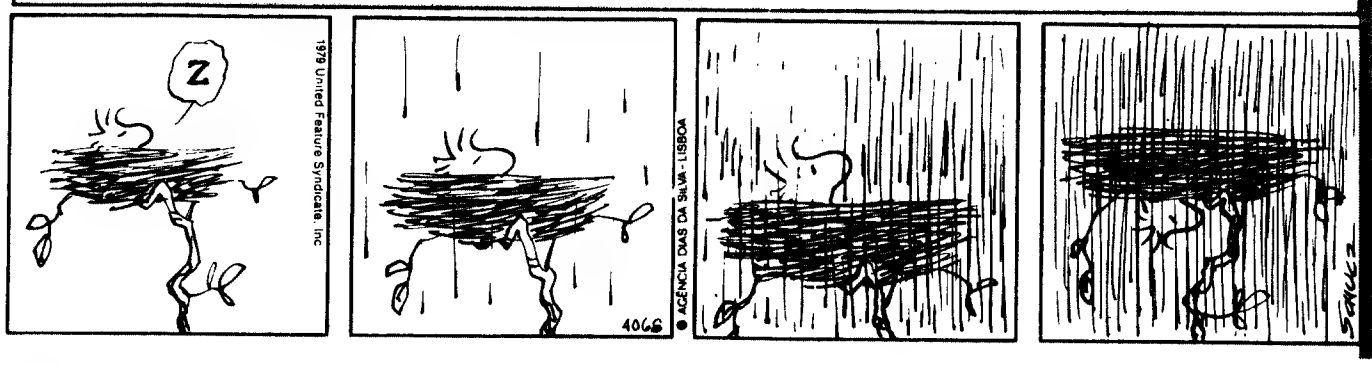
PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.º - 1000 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



O TEMPO
MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.38	3,7 m	11.02	1,0 m
17 50	3,9 m	23.27	0,9 m
Dia 8			
6.10	3,7 m	11.38	1,0 m
18.23	3,9 m	24.03	1,0 m

TEMPERATURA DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	22°
BRAGANÇA	17°
VILA REAL	21°
PORTO	22°
P. DOURADAS	16°
COIMBRA	120
C. CARVOEIRO	17°
PORTALEGRE	23°
LISBOA	21°
ÉVORA	23°
BEJA	22°
SAGRES	20°
FARO	27°
P. DELGADA	20°
FUNCHAL	21°

últimas

Não está em curso qualquer processo para substituir Garcia dos Santos

A Presidência da República desmentiu formalmente a notícia hoje publicada no semanário «Expresso», segundo a qual o general Garcia dos Santos iria ser substituído na chefia do Estado-Maior do Exército.

A resposta à pergunta formulada esta manhã pelo «DL» à Presidência da República sobre a veracidade da notícia foi dada em três pontos: «1.º Não está em curso qualquer processo tendente à substituição do CEME. 2.º O PR recebeu dois generais do Exército na sua residência. 3.º Este encontro foi do conhecimento prévio do general Garcia dos Santos e do general Melo Egídio».

Entretanto o «DL» conseguiu apurar que o general Ramires foi nomeado Inspector-Geral do Exército, na dependência directa do Chefe do Estado-Maior do Exército e em posição hierárquica paralela aos generais Firmino Miguel e Salazar Braga.

NUMA TROCA DE TIROS à porta do bar «Convívio», em Penamacor, ficaram gravemente feridos dois dos contentores e um transeunte. Os dois primeiro (Rui Borrego, de 22 anos, Paulo Madeiras, de 24) encontram-se livres de perigo, mas o último (António Leite Pinheiro, de 60) estava esta manhã em risco de vida no Hospital de Castelo Branco.

Governo actualiza multas na estrada

Falta de cinto de segurança pode custar 7500 escudos

Não usar cinto de segurança pode ficar aos automobilistas portugueses por qualquer coisa entre 1500 e 7500 escudos, nos termos de uma portaria hoje publicada na folha oficial que harmoniza os quantitativos de multas de disposições sobre trânsito rodoviário com legislação saída em Maio último.

Ao actualizar os mínimos e os máximos das multas pelo não uso do cinto de segurança, que até agora se situavam entre 600 e 3000 escudos, o Governo tem em vista reprimir actos ilícitos meramente contravencionais – o que não é novo – e proceder ao ajustamento dos seus montantes, por forma a adequá-los ao processo inflacionário desenvolvido nos últimos anos. Tomando como exemplo o mínimo de multa pela não utilização do cinto de segurança, fica a saber-se que a inflação entre Junho de 1977 e Agosto deste ano ascendeu a 150 por cento, à média de trinta por cento por ano, pois que de 600 escudos se passou para 1500$00.

A portaria hoje publicada no «Diário da República», harmonizando quantitativos e articulando normas, para além de conjugar matéria já pública, mas ainda não aplicada, prevê também, entre outros aumentos dos montantes de diversas multas do Regulamento do Código da Estrada, que a condução não habilitada passe, no seu mínimo, de cinco para quinze mil escudos, continuando o máximo a ser 25 contos, e no caso de reincidência de 50 mil escudos.

O rol de multas é bastante extenso, uma vez que a portaria de hoje se conjuga com o diploma de 15 de Maio do corrente do Ministério da Habitação, Transportes e Obras Públicas, em que as autuações oscilam nos casos mais evidentes, entre mil e quarenta mil escudos. De uma forma muito simplista, as multas que agora são de mil escudos eram passadas, antes de Maio deste ano, com 400 e 500 escudos, enquanto as de mil (então) passaram para três mil, as de cinco mil para dez mil e as de dez para vinte mil escudos. As multas de vinte escudos (para peões), que praticamente não são passadas, subiram para 50$00.

Há vários casos de multas entre 20 mil e 40 mil escudos, sendo estas últimas as contravenções mais pesadas. Um transporte público sem licenciamento autorizado poderá ser autuado com 40 contos.

Governo italiano criou novo banco para salvar a face no escândalo do "Ambrosiano"

O Governo italiano acaba de extinguir o maior grupo banqueiro privado, o Banco Ambrosiano, na sequência do escândalo levantado pela morte do seu administrador Roberto Calvi, criando em seu lugar o «Nuovo Banco Ambrosiano, SPA» com o capital social de 600 mil milhões de liras. O novo banco disporá ainda de um fundo de garantia de igual montante.

O comunicado do Banco da Itália anunciando o nascimento oficial do novo estabelecimento, esclarece que este retomara, integralmente, o activo e o passivo do Ambrosiano SPA excepto as empresas associadas (filiais) estrangeiras, cujas dívidas atingem 1400 milhões de dólares.

Já na segunda-feira de manhã, os balcões do primeiro banco privado da Itália abrirão normalmente substituindo o velho colosso de 86 anos e garantindo as operações ordinárias e a manutenção dos postos de trabalho. Este caso do Banco Ambrosiano consubstancia o mais espectacular colapso financeiro da história do país desde o pós-guerra.

O ministro das Finanças, Beniamino Andreatta, decretou a liquidação forçada do maior grupo banqueiro privado do país após o malogro de dois meses de esforços do Banco Central para evitar o colapso.

Em declaração posterior, o Banco de Itália anunciou que o restante das contas italianas do Banco Ambrosiano serão geridas por uma nova instituição bancária, a ser gerida por um consórcio de bancos com sete membros, constituído no mês passado para tentar salvar o antigo grupo.

O plano não faz concessões a pressões de bancos estrangeiros que procuravam recuperar cerca de 700 milhões de dólares emprestados a agências subsidiárias externas do Ambrosiano.

A questão da ANOP e a posição do "DL"

Continuação da pág. 1

As reservas condicionantes que acompanharam a nossa adesão ao projecto de constituição de uma «agência nacional de informação» com o estatuto social de cooperativa, deverão considerar-se agravadas pela maneira como o Governo decidiu extinguir a ANOP, atribuindo um carácter de cruzada política a uma medida a que sempre atribuímos um fundamento económico.

Sucedeu, igualmente, que por parte dos trabalhadores da ANOP, que, além do mais, deverão ser considerados vítimas de consentidos vícios de gestão e de concepção, parece terem-se evidenciado propósitos de cooperação numa tentativa de reestruturação da referida agência, e até a intenção da sua conversão em cooperativa.

Quer a politização despropositada — a nosso ver — desta questão, quer a aparente indiferença perante a sorte de um núcleo numeroso de trabalhadores e o facto de não se ter em consideração a sua disposição para cooperarem numa reestruturação da ANOP, são de molde a reforçarem o nosso sentimento de que é necessário não converter a constituição da nova cooperativa num «factor novo» adjuvante da intenção política, e não só técnico-administrativa, de extinguir a ANOP.

Considerando-se parte numa iniciativa de cooperação entre órgãos de Comunicação Social, a Renascença Gráfica — «Diário de Lisboa» não se considera participante numa decisão política e reafirma as reservas que acompanharam a sua assinatura do «protocolo de intenções».

DL

Posição dos trabalhadores da RG/"DL"

Os trabalhadores da Renascença Gráfica/«Diário de Lisboa», reunidos em plenário convocado por delegados sindicais, destinado a debater a ofensiva do Governo contra a Comunicação Social, a questão da ANOP e a greve decretada pelos Sindicatos do sector, decidiram (em moção aprovada por unanimidade e aclamação):

«1. Apoiar a greve decretada pelos Sindicatos do sector para o dia 10 e a luta dos trabalhadores da ANOP;
2. Exigir do Governo que suspenda a decisão de destruir a ANOP;
3. Solicitar ao Presidente da República que intervenha para conter este acto que é ilegal mas que pode, dentro de dias, extinguir de facto a agência;
4. Declarar aos trabalhadores da ANOP que não concordam e que se sentem afectados com o envolvimento da RG«DL» na criação da Porpress, considerando que esse envolvimento desprestigia a empresa e o jornal democrático que produzem;
5. Os trabalhadores da RG«DL» rejeitam esse envolvimento porque sabem que a criação da Porpress implicará a extinção da ANOP, traduzida nomeadamente no despedimento colectivo dos seus trabalhadores;
6. Consideram que não há justificação financeira para a extinção da ANOP e que os verdadeiros objectivos da operação são políticos, nomeadamente o controlo da agência noticiosa pelo actual Governo e um vasto saneamento de trabalhadores;
7. Consideram também os trabalhadores que a opção assumida pela administração da RG/«DL» contraria a linha editorial defendida pelo jornal ao longo dos anos e, assim, manifestam a disposição de contribuir para que a administração analise de novo o problema;
8. Os trabalhadores da RG/«DL» esperam idênticas tomadas de posição dos trabalhadores das outras empresas envolvidas na Porpress certos de que uma posição firme de solidariedade para com os trabalhadores da ANOP fará recuar o Governo neste projecto.»

SUIÇA E ÁUSTRIA
VOOS DIURNOS TAP AIR PORTUGAL
3 MAGNÍFICAS EXCURSÕES EM AVIÃO + AUTOPULLMAN
PARTIDAS:
8 DIAS AGO. . 05, 12, 19 E 26
SET . . . . . 02 E 09
Preço por pessoa . . 39.800$00
SUIÇA ÁUSTRIA E JUGOSLÁVIA
SUIÇA ITÁLIA E ÁUSTRIA
CIRCUITO DOS TRÊS ALPES
14 DIAS DE VIAGEM EM AVIÃO + AUTOPULLMAN
PARTIDA 16 de Setembro
Preço por pessoa . . 42.500$00
INFORMAÇÕES E RESERVAS
DESDE 1840 abreu
LISBOA Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA Avenida de Roma, 66 Tel. 803609
PORTO Avenida dos Aliados, 207 Tel. 317921
PORTO R. Eug. Castro, 256 (Foco) Tel. 691686
COIMBRA Rua da Sota, 2 Tel. 27011/6
FARO Avenida da República, 124 Tel. 25035/6
FUNCHAL Rua do Gorgulho, 1 Tel. 31077/8

JUGOSLÁVIA
FÉRIAS NA PRAIA ★ CIRCUITO EM AUTOPULLMAN
DUBROVNIK
(A Riviera da Costa Adriática)
— Estadias de 8 ou 15 dias —
COSTA DO ADRIÁTICO
— 8 dias de viagem —
Visitando ZAGREB - LJUBLJANA CRIKVENICA - PLITVICE — SPLIT E DUBROVNIK
1982 • PARTIDAS • 1982
JUNHO 7
JULHO ..... 19 e 26
AGOSTO 2, 9, 16, 23 e 30
SETEMBRO . . 6, 13 e 20
PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES abreu fundada em 1840
PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 805096
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua do Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

9º CRUZEIRO ÀS ILHAS MADEIRA E CANÁRIAS
A bordo do moderno paquete "FUNCHAL"
Classe única • Serviço de 1ª cl.
30/Set. a 8/Out./82
(LISBOA A LISBOA)
Preços excepcionais desde 35.400$
FUNCHAL - TENERIFE - LAS PALMAS - LANZAROTE
Vantajosas compras em Portos Francos
ORGANIZAÇÃO abreu fundada em 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 803609
PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
PORTO - R. Eug. Castro, 256 - Tel. 691686
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

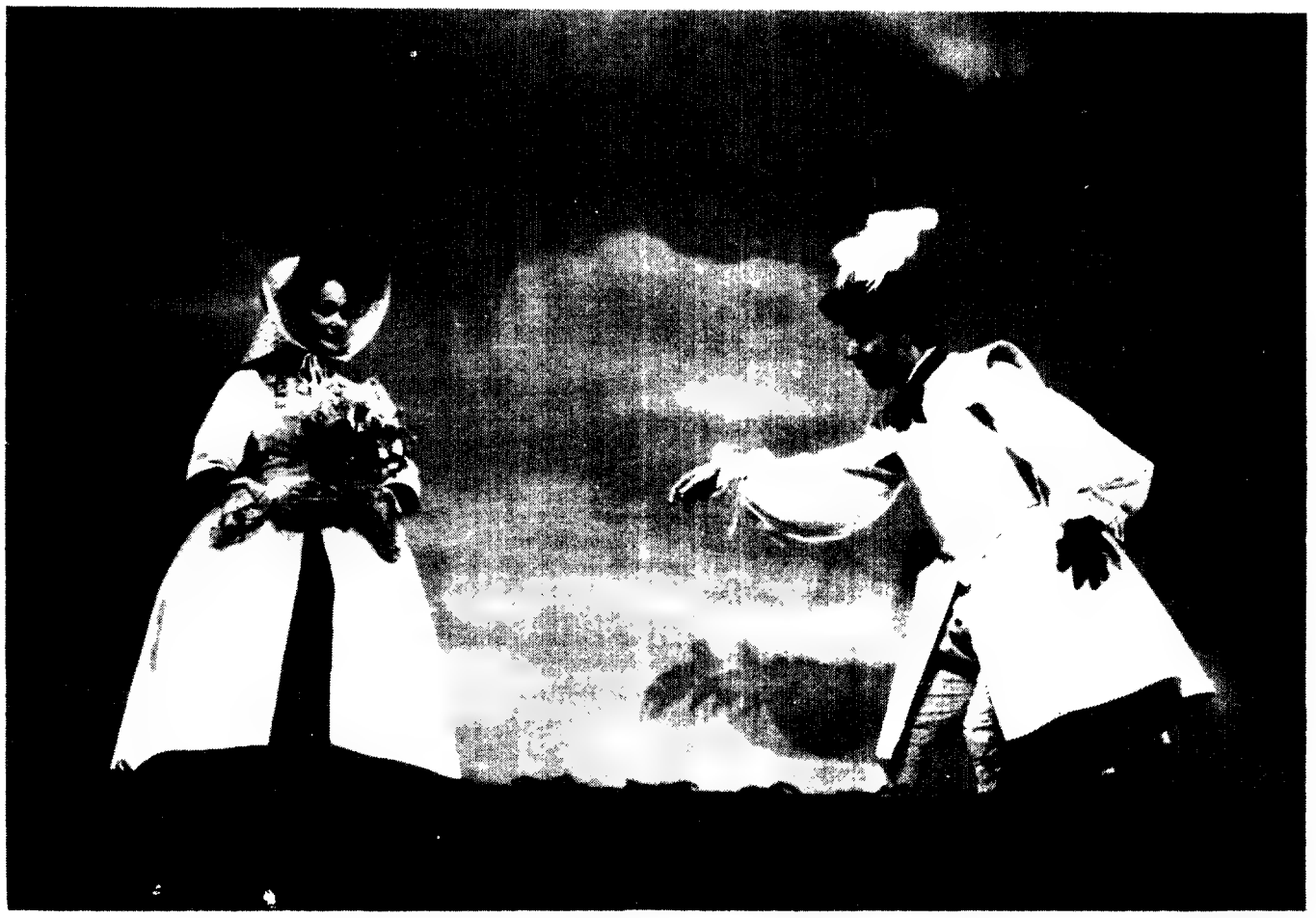
NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

Diário de Lisboa

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SÁBADO, 7 DE AGOSTO DE 1982



Márcia Breia e Rogério Vieira no «Labirinto de Creta»

«O Labirinto de Creta» de O Judeu, último espectáculo da Cornucópia

Cinema no teatro sem hipótese de tiques

Aquilo que eu sinto ao entrar em cena é que vai tratar-se de um momento privilegiado em que terei de pôr o máximo da minha inteligência e da minha sensibilidade. O que sinto como actor é o mesmo que sinto ao preparar um espectáculo. Recuso-me a considerar o público inferior a mim. Repugna-me uma atitude paternalista que é muito frequente e que consiste em dizer: temos que fazer coisas mais simples senão as pessoas não percebem. Isso corresponde a uma atitude de exploração desse público de um ponto de vista do consumo.

Maria Emília Correia

ESTA a expressão central do discurso de Luís Miguel Cintra, trinta e três anos, responsável pela Companhia de Teatro da Cornucópia onde actualmente se debruça sobre textos de Gil Vicente, Goethe e Brecht, enquanto participa no filme **MAIS DIA, MENOS DIA,** de Jorge Silva Melo. Nome designativo de uma força cultural é pesando as ideias que as distende, ameno e amigo à nossa frente, sem disfarces, ágil, só pontualmente irónico e inseguro.

Reprises, ciclos, selecções

— Com uma produção teatral que muitos rotularam de «cinematográfica» e desde há algum tempo protagonizando filmes (Quem espera por sapatos de defunto morre descalço e Silvestre — João C. Monteiro; A Pousada das Chagas e A Ilha dos Amores — Paulo Rocha; Nem Pássaro nem Peixe — Solveig Nordlung, entre outros para a Radiotelevisão), em que medida e desde quando é que tu e o Jorge Silva Melo (que passou a realizador) perseguiam já um caminho apontado para o écran?

— Dum ponto de vista individual não tenho qualquer preferência, mas considero o teatro a minha actividade principal. É verdade que o Jorge Silva Melo e eu fomos cinéfilos desde sempre e em todo o nosso trabalho houve referências constantes a filmes, realizadores, etc.. Para a nossa tradição cultural, no campo do espectáculo, era importante o cinema tendo nós vivido como aconteceu, num país como este, sem tradição teatral, onde o trabalho feito foi sempre muito pouco interessante do ponto de vista criativo. Eram-nos essenciais os filmes que chegavam de outros países sobretudo numa época da nossa formação (e refiro-me ainda aos tempos da Faculdade de Letras, que frequentámos: tempos anteriores ao 25 de Abril). No nosso trabalho foi inserido um referial advindo de muitas das nossas experiências como cineclubistas e da nossa frequência das matinées clássicas (reprises ciclos, selecções). No campo do teatro contaram apenas eventuais saídas ao estrangeiro, que disfrutávamos vendo espectáculos. Pode dizer-se que aproveitámos este facto para trabalharmos os meios expressivos do teatro de maneira que considerávamos nova.

Funções e perigos

— O que é novo então e a que meios expressivos te referes?

— Foi importante para o nosso crescimento o conceito de distanciação (ou a revisão do conceito brechtiano de distanciação) como forma de pôr as pessoas a pensar. Ao fazermos espectáculos recorremos muitas vezes a «meios cinematográficos» como efeito surpresa, um efeito distanciador, em relação às habituais convenções teatrais. Ou seja, achámos que, utilizando processos teatralmente não gastos despertaríamos de novo a atenção do espectador. A partir do momento em que houve a hipótese disso se tornar **um tique,** ou de ser assimilado como **um estilo** de uma companhia, acordámos que o processo perdera a sua função. Para nós, primeiro o Jorge e eu, depois outras pessoas, foi sempre importantíssimo exigir do espectador uma atitude nova perante cada espectáculo. Umas vezes conseguimo-lo, outras não.

Outra das razões por que fomos chamados cinematográficos refere-se à utilização de materiais verdadeiros na cenografia, uma espécie de ultra-realismo. A nossa ideia ao utilizar processos desse tipo ainda se relaciona com o conceito de distanciação. A presença de um objecto verdadeiro em cena provoca um efeito de surpresa e vai contra os hábitos do espectador, faz com que o público repense esse mesmo objecto e a relação dos personagens com ele.

Uma inflexão e suas lógicas

— Por dentro da produção como é que a Cornucópia se situa?

— Tenho horror a uma institucionalização da companhia e do seu trabalho. Sempre dissemos que a Cornucópia gostaria de fazer um teatro popular (no seu ponto de vista com que aborda as coisas) e experimental nos seus processos de trabalho. Quando partimos para um espectáculo novo nunca sabemos de antemão o que pode acontecer, qual o seu tom: recusamo-nos a ter uma fórmula. Defendemos um investimento sobre o

Continua na pág. 6

Hoje

Jacques Derrida
escreve sobre
A Linguagem
Michel Serres
escreve sobre
Realidades
Adriano Rodrigues
escreve sobre
Jakobson

Estórias de Portugal

O Zé da Tarada, o Rufia, o Quim da Menina, o Moinante e o Calibres estão na melhor. O mundo abre-se à sua frente.

O Mãozinhas, o Cacas, o Põe-te-A Pau e o Pira-te andam radiantes; ninguem pode com a vida dos rapazes.

O Rebenta, o Barão, o Taradinho e o SÔ Doutor estão que ninguém pode com a vida deles. Nunca lhes passou pela cabeça vir a acontecer-lhes tal dádiva do céu.

Os réus, todos os réus, dos crimes, todos os crimes, todas as faltas, das mais ligeiras às mais pesadas, andam, todos eles, numa fona eufórica que só visto, contado não se acredita. É tudo à grande, tudo à fartazana.

Dizem eles, com a razão que lhes assiste, que a democracia quando nasce é para todos, que ai de quem não é democrata, que eles, sim, pois claro que são, estão em pleno na pleinitude desta democracia agora tornada plena.

Tudo bom.

E dizem mais: dizem que com esta nova moda, consignada pela revisão constitucional, de os juízes serem nomeados pelos que vão a julgamento é trigo limpo dinheiro em caixa, não tem mesmo nada que saber, é um vê se te avias, mordeste, ó meu?!...

Se o Zé da Tarada for apanhado num roubo à mão armada, a limpar um camone no Parque Eduardo VII ou dar um balázio num bófia, tá visto que nomeia para julgar o seu caso o Rufia, o Moinante ou o Calibres que, até pracases são uns rapazes que de tanto terem sido engavetados até topam umas coisas de leis.

Para o Mãozinhas afanar carteiras passa, a partir de agora, a ter muito menos interesse. Perde-se o prazer do risco, a aventura perigosa, o vencer do medo que formiga nas mãos e dá nó na garganta. O Mãozinhas pode ser filado à vontadinha que já sabe que para o julgar terá o Cacas, o Põe-te-a-Pau ou Pira-te que ele próprio designará para a transcendente missão.

Os violadores de criancinhas, corruptores de menores, tarados sexuais e outros que tais poderão, à sua vontade, escolher os magistrados mais preversos que entenderam. Se acharem melhor poderão mesmo seleccioná-los entre os adolescentes com maior capacidade corruptível, os de olhinho mais lubrico, taras mais requintadas.

Mas não só delinquência a transformação constitucional, a originalidade legal, poderá favorecer. Os alunos nas escolas passarão, se a lei se generalizar como o uso da democracia aconselho, a nomear examinadores para os seus exames. Serão eles, obviamente, escolhidos entre os mais broncos das aulas.

Num Sporting-Benfica as faltas do Sporting serão julgadas por um árbitro designado pelo Sporting que nada terá a ver com as infracções às leis do jogo cometidas pelos jogadores do Benfica que só o àrbitro apontado pelos encarnados terá o direito a apreciar.

É uma festa!... Ninguém é capaz de dizer ao certo se a famosa lei marca o ponto mais alto da tal «via original»; mas numa coisa parece estarem todos de acordo: não se via, há muito tempo tanta originalidade!

Francisco Nicholson

Agenda **Sete Ponto Sete**

Cinema

George C. Scott é o general Bache no filme-surpresa deste Verão-82: «O Clarim da Revolta»

● 2001 — Odisseia no Espaço

de Stanley Kubrick
(G.B. — 1969)

Um ensaio sobre a inteligência encontra a extrema beleza formal. Se há filmes imensamente amados, este é um deles.

Cinema Alfa 3
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24h)
(não acons. men. 13 anos)

● Esplendor na Relva

de Elia Kazan
(USA — 1961)

Só quem viu Natalie Wood no banho, contorcendo-se de desejo e desespero, pode perceber como o cinema consegue atingir a dor mais funda e o êxtase mais total.

Esplendor na relva é, provavelmente, o mais genial dos filmes de um realizador que quase só fez obras singulares: Elia Kazan.

Cinema Cine 222
(15.15, 18, 21.30h)
(interdito a men. 13 anos)

● A Amante do Tenente Francês

de Karel Reisz
(G.B. — 1981)

O público está a regressar às grandes histórias românticas como o cinema de hoje (quase) não faz? É possível. Pelo menos o sucesso de **A amante do tenente francês** a tanto pode levar a concluir.

Cinema S. Jorge — 2
(14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h)
(não acons. men. 13 anos)

● Célebres e Ricas

de George Cukor
(USA — 1981)

Uma cena: uma mulher é possuída por um desconhecido numa cabine de avião; entretanto ouvem-se (e vêem-se) as manobras de aterragem. É preciso ter assistido a esta cena de **Célebres e ricas** para ver como a extrema ironia, o franco humor, não retiram nada à intensidade [illegible] um rigoroso [illegible] do cinema a podiam levar a cabo. Uma das coisas que fazem deste filme um espanto.

Cinema Tivoli
(14, 16.30, 19 e 21.30h)
(interdito a men. 13 anos)

● As Portas do Céu de Michael Cimino

(USA — 1980)

Tudo o que se diga, de bem ou de mal, sobre **As portas do céu** não poderá apagar um facto: trata-se de um filme rigorosamente diferente de tudo o que já se fez em cinema.

Cimino filma, em desmesura, o mais absoluto desencantamento, um ponto acima do desespero, quer dizer, quando a própria morte é menos do que o que se defronta.

Em múltiplos aspectos **As portas do céu** tem ressonâncias de apocalipse.

Cinema S. Jorge 1
(14.30, 18 e 21.30h)
(interdito a men. 13 anos)

● Glória

de John Cassavetes
(USA — 1980)

O filme negro dos anos 80. A violência das cidades e do coração das pessoas. Os primeiros dez minutos são geniais. Retenha-se: a partitura musical e a excelente actriz Gena Rowlands, tão rara nos écrans.

Cinema Quarteto — sala 2
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● O Clarim da Revolta

de Harold Becker
(USA — 1981)

A adolescência em revolta. A súbita fricção entre o real e os valores absolutos. E o poder das armas. E um general mestre espiritual.

O clarim da revolta: a surpresa deste Verão/82.

Cinema Condes
14, 16.30, 19 e 21.30h)
e Quarteto — sala 4
(14, 16.30, 19, 21.15 e 23.45h)
(não acons. men. 18 anos)

● Reds

de Warren Beatty
(USA — 1981)

A história de amor de John Reed e Louise Bryant, tendo como pano de fundo os efervescentes anos 10 americanos e a Revolução Bolchevique de 17. O amor e a revolução dão-se bem, mal e assim-assim num filme que às vezes é magnífico, outras não têm folego que baste. Alguém disse que este filme se destina a afirmar que, mesmo em comunistas, os americanos são melhores que os russos. Também é verdade.

Cinema S. Jorge 3
(13.45, 17.30 e 21.15h)
(não acons. men. 13 anos)

● Os Salteadores da Arca Perdida

de Steven Spielberg
(USA — 1981)

Eis um filme a quem o rolar das semanas não diminui o sucesso. Imparável, **Os salteadores da arca perdida** continua a somar espectadores fascinados pela memória adolescente.

Cinema Alfa 2
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45h)
(não acons. men. 13 anos)

AS ESTRELAS

2001 — Odisseia no Espaço	★★★★
Esplendor na relva	★★★★
A amante do tenente francês	★★★★
Célebres e ricas	★★★★
As portas do céu	★★★
Glória	★★★
O clarim da revolta	★★★
Reds	★★★
Os salteadores da arca perdida	★★★
Sexo louco	★★
O porteiro da noite	★★
O ovo da serpente	★
Hotel da praia	●

A «CHAVE»

★★★★— **Excepcional**
★★★— **Bom**
★★— **Interessante**
★— **Desinteressante**
●— **A evitar**

Teatro

Adoque: pronto para renascer

O grupo de teatro Adoque despediu-se, no último domingo, do Largo Marttim Moniz, suspenso da promessa do presidente da Câmara Municipal de Lisboa de que será encontrado um espaço alternativo para a sua instalação. Mas o Adoque não morreu. Há um público que reclama e há um ministro da Cultura que reconhece o interesse da sua continuidade.

«NÓS fizemos espectáculos, mas foi o público quem fez o Adoque, afirmava, no intervalo da última representação, um dos responsáveis pelo grupo, Francisco Nicholson, manifestando-se avesso a qualquer espécie de «funeralismo» e indicando a sala apinhada de gente como prova da vitalidade do trabalho iniciado pelo grupo há oito anos.

A despeito disso, havia lágrimas nalguns rostos quando, no último quadro, os actores se perfilaram à boca de cena para a representação do seu próprio papel, dizendo «Pronto... Agora vamos embora».

Foi pouco após o 25 de Abril de 1974 que um grupo de actores decidiu fazer nascer um teatro num «edifício pobre», nada deixando então prever que essa pobreza de nascimento acabaria por tornar-se, ao cabo de oito anos, numa inestimável riqueza.

O Adoque mantém um elenco, mantém um projecto, mantém a sua sala. Só lhe falta chão para poder lançar novas raízes.

Ao longo destes oito anos, o Adoque desenvolveu um projecto teatral basicamente assente nos padrões da «revista à portuguesa» embora a classificação lhe não agrade: «Fazemos teatro musicado e não exactamente teatro de revista».

Com efeito, a par dos números revisteiros, cobrindo tematicamente uma área que vai do brejeiro pelo brejeiro à sátira política acesa, o Adoque incluiu desde o início nos seus programas momentos de rotura deliberada com os padrões de ritmo e temática próprios da revista.

Diz Francisco Nicholson: «Se tivéssemos optado por um teatro comercial, como muitas vezes fomos acusados de fazer, a nossa vida teria sido muito mais estável».

O Adoque nasceu, de resto, com projectos que excediam a própria área do teatro musicado. Porém «O dinheiro entra por aquele buraquinho ali à porta e sai depois por muitos lados».

Sem subsídios, nunca o Adoque encontrou condições para a diversificação que constituía seu objectivo desde o início.

Este momento de paragem — e desemprego — forçado, irão justamente ser aproveitados para lançar um dos projectos paralelos iniciais do Adoque:

«Iremos funcionar como suporte a um novo grupo de teatro declamado, que se pretende um Laboratório de Teatro, destinado a possibilitar aos inúmeros autores dramáticos portugueses que nunca foram representados essa experiência decisiva que é o contacto das suas peças com o público».

Na despedida ao Martim Moniz, houve cravos vermelhos, lançados do palco para a assistência — «Sem o 25 de Abril, o Adoque nunca deveria ter chegado a existir». Lágrimas houve, também, sobretudo nos rostos mais jovens.

Convirá, a propósito, referir que o Adoque foi, porventura, de todos os grupos de teatro portugueses que apostaram em novos valores, o que o fez de forma mais acentuada.

Possível transferência para Benfica

A promessa obtida do presidente da Câmara Municipal aponta para a reinstalação do grupo num terreno de Benfica. Mas ainda nada há de seguro.

Até que essa promessa seja cumprida, e mesmo depois, durante as inúmeras formalidades burocráticas que forçosamente se seguirão, mais de 50 trabalhadores do Adoque vivem uma situação de desemprego.

Desemprego temporário, mas desemprego.
Apesar de um público, apesar de um ministro da Cultura.

J.C.

DICIONÁRIO Vinte anos de cinema português

JORGE LEITÃO RAMOS

Carlos Paredes

PAREDES, CARLOS — compositor

Natural de Coimbra, Carlos Paredes nasce numa família cuja tradição de instrumentistas de guitarra é quase bissecular. Paredes seguiu essa tradição e é hoje considerado o maior compositor instrumentista da guitarra portuguesa, instrumento popular que, nas suas mãos, cresce a níveis impensáveis.

A virtusosidade genial de Paredes deu contribuições ao teatro e ao cinema. No teatro assinale-se o seu trabalho para «O render dos heróis» de José Cardoso Pires na histórica encenação de Fernando Gusmão para o Teatro Moderno de Lisboa, em 1964. Assinale-se, ainda, a sua colaboração com Carlos Avilez, no CITAC de Coimbra em «As bodas de sangue» de Lorca e, no Teatro Experimental de Cascais, em «A casa de Bernarda Alba» também de Lorca.

Em 1971 inicia uma colaboração estreita com o Grupo de Teatro Campolide que se manteria até 1977. Para «O avançado centro morreu ao amanhecer» de Agustin Cuzzani comporia música, para os restantes espectáculos faria a selecção de trechos musicais neles incluídos:

Sobre música de Carlos Paredes assinale-se ainda o bailado «Danças para uma guitarra» que Vasco Wellenkamp criou, em 1982, para o Ballet Gulbenkian.

DISCOGRAFIA: «Carlos Paredes», Alvorada, AEP 60508 (1957?); «Verdes anos», Alvorada, AEP 60630 (1962) «Guitarra Portuguesa», Columbia, PSPMX 5002 (1967): deste LP foram extraídos «Porto Santo», Columbia, SLEM 2317 (1968), «Divertimento», Columbia, SLEM 2318 (1968) e «Variações em ré menor», Columbia, SLEM 2319 (1968); «Movimento perpétuo», Columbia, 11C/074 40150 (1971): deste LP foram extraídos «Movimento perpétuo», Columbia, 016 40204 (1972), «Mudar de vida», Columbia, 016 40205 (1972) e «António Marinheiro», Columbia, 016 40206 (1972); «Balada de Coimbra», Columbia, 006 4015 (1972); «O oiro e o trigo» (PL gravado na RDA em 1977).

FILMOGRAFIA: Rendas de metais preciosos CM de Cândido da Costa Pinto (1960); **P.X.O.** CM de Pierre Kast e Jacques Doniol Valcroze (1962); **Os verdes anos** de Paulo Rocha (1962); **Fado corrido** de Jorge Brum do Canto (1964); **As pinturas do meu irmão Júlio** CM de Manoel de Oliveira (1965); **mudar de vida** de Paulo Rocha (1966); **Almada Negreiros vivo, hoje** CM de António de Macedo (1969).

Na música para cinema, Carlos Paredes já tem lugar marcado e inamovível.

Mesmo que não tivesse composto para outros filmes (e fê-lo, e bem) o seu trabalho para **Os verdes anos** de Paulo Rocha e para **As pinturas do meu irmão Júlio** de Oliveira seriam bastantes.

Em **Os verdes anos** a sua guitarra é a tristeza, o sufocamento, o pálido fulgor em dias logo acabrunhados. É espaço aberto, português, e solidão. A sua música é como um voo que cedo quebra mas retoma. Artesanal, como o filme, é um canto que resiste, esperança e desalento e logo esperança. É o mais belo enquadramento musical destes últimos vinte anos de cinema português.

Em **As pinturas do meu irmão Júlio** é outro o voo, diversa a aposta. Trata-se de uma longa improvisação sobre as insólitas imagens de Oliveira. E é portentoso ver a música a descobrir o filme connosco, a articular perplexidades e espasmos, num labiríntico dedilhar sem descanso nem retorno, nem tema, nem âncora.

Esse pequeno filme é o encontro de dois artistas raros (Oliveira e Paredes). Raros o viram, menos o amaram. Mas tenho para mim que é um dos momentos mais apaixonantes do cinema português. E Paredes é um seu pilar.

Rui Gomes e Isabel Ruth em «Os Verdes Anos» de Paulo Rocha, música de Carlos Paredes

UM CÃO E DOIS DESTINOS
— longa-metragem
— 35 mm/p.b.

Realização e montagem: Alain Bornet. **Argumento:** Marques Vidal. **Sequência e poemas:** Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha. **Fotografia:** Abel Escoto, Vítor Silva. **Cenários:** Manuel Queiroz. **Música:** João Nobre, Carlos Dias. **Som:** Albano Mata Diniz. **Interpretação:** Leónia Mendes, Emílio Correia, Eugénia Maria, Pereira Neto, Rudolfo Neves, Julieta Castelo, António Teixeira, Marques Vidal, etc. **Produção:** Manuel Queiroz-/Cinedex. **Assistente de produção:** Vítor Costa. **Distribuição em Portugal:** Doperfilme. **Duração:** 94 minutos. **Rodagem:** 1964. **Estreia:** 17 de Fevereiro de 1965 («Odeon», Lisboa).

A história de um miúdo obrigado a pedir esmola pelos pais (que, depois, se revelam falsos) que descobre a felicidade num orfanato, depois de ter encontrado guarida numa quinta dirigida por uma família que o protege.

Um filme lacrimoso e socialmente falsificador da realidade portuguesa, realizado por um ignoto francês, interpretado com a seôdia convicção de uma mediocridade que todo o filme exala.

A única nota assinalável é a tentativa que **Um cão e dois destinos** (com **9 rapazes e 1 cão**) testemunha de produzir cinema para crianças. Tentativa da produtora Cinedex (com Manuel Queiroz na direcção) que não teve sequência.

PEDRAS E O TEMPO (AS)
— curta-metragem
— 35 mm/ p.b.

Realização: Fernando Lopes. **Texto:** Sá Caetano (**dito por** Jacinto Ramos). **Fotografia:** Aquilino Mendes. **Música:** Filipe de Sousa. **Montagem:** Pablo del Amo. **Som:** Alexandre Gonçalves. **Produção:** SNI (Direcção-Geral do Turismo). **Distribuição em Portugal:** Imperial Filmes. **Duração:** 16 minutos. **Rodagem:** 1960. **Estreia:** 17 de Abril de 1961 («S. Luiz» e «Alvalade», Lisboa).

No documentarismo português, **As pedras e o tempo** é o momento de chegada da geração do «cinema novo».

Fernando Lopes abria as hostilidades com uma curta-metragem sobre Évora que, desde a abertura, se instituía sob a marca da diferença: planos estáticos de casario, ruas, breves panorâmicas que se ligam como se **travellings** fossem, uma preocupação formal na composição da imagem (onde a geometria das linhas se choca, dinamiza, mercê de uma montagem produtiva), uma acuidade particular na criação de uma ambiência sonora (da responsabilidade do maior criador de som do moderno cinema português: Alexandre Gonçalves).

Mas não só formalmente este filme divergia.

Também o seu olhar, o tom com que mostrava igrejas e túmulos, ruas e monumentos, a terra e o céu, cortava cerce com a useira retórica nacionalista, interrogando os vestígios do passado (a memória?) na sua quietude, recusando a imposição de um sentido definido às interpelações várias que a cidade lhe oferecia.

Fernando Lopes, o realizador de «**As pedras e o tempo**»

Com o piso molhado aumente a distância em relação ao veículo da frente.
circule e viva
2RODAS
2vezes mais atenção!

À CLASSE MÉDICA
Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA – Dep. de Confecções
Av. Joao XXI, 5-D – 1000 (Metro Areeiro)
Rua Infantaria 16, 55-C – 1300 LISBOA

A linguagem

Uma questão prévia: pode-se falar de filosofia num jornal? Esta conversa telefónica prova que sim...

Jacques Derrida

«**Alló?... Poderia escrever um artigo sobre a linguagem para «Le Monde Dimanche»...**

— Pergunta-me se **eu sou capaz,** coisa duvidosa, ou se **eu aceitaria** fazê-lo? Neste último caso, a questão seria entre um pedido ou um convite. A minha interpretação dependerá do tom da nossa relação nas duas extremidades da linha e de mil outros dados, numa palavra, de um contexto que não é imediatamente linguístico. É um texto mais amplo e sempre aberto, que não se limita ao discurso.

Na primeira hipótese (é capaz de...?), a questão exige uma resposta que alguns, desde Austin, diriam **constativa.** O meu **sim** significaria: sou capaz de o fazer. Eu pretenderia deste modo dizer **o que é,** definir, descrever, constatar. Mas se a pergunta tivesse o valor ou o efeito de um convite, o meu **sim** não constataria nada, mas **faria** alguma coisa, comprometer-me-ia. A minha promessa produziria um acontecimento que não teria qualquer hipótese de aparecer, e a bem dizer, nenhum sentido, antes da minha resposta. Esta já não tem valor constativo, pois no essencial é um **performativo.**

— Seja. Você faz-me lembrar Brecht e as suas duas óperas para a escola, «O que diz sim e o que diz não...» **Se entrar no seu jogo, ainda pode responder** sim, mas não **(sim, sou capaz, mas não, não aceito escrever...),** sim, sim, **ou** não, não, **ou** não, mas sim **(não sou capaz, mas aceito e tanto pior para o Le Monde). Esta distinção indispensável (constativa-performativa) permanece sumária, tendo apelado a subtilezas que não cessaram de agudizar a natureza das dificuldades.**

— Sim, estudaram-se inicialmente os performativos como curiosidades insólitas. Hoje, são vistos em todo o lado nesta linguagem que alguns acreditavam destinada a dizer o que é, ou a comunicar informação. O jogo é pois, a essência da língua, a autoridade e os limites do linguístico como tal, nomeadamente na determinação do contexto que, como você viu, é decisivo. Ora, não há firmeza certa para um contexto e não há simetria entre os dois **sim.** O **sim** constativo é ventriloquado por um **sim** performativo (eu afirmo, eu digo que, eu creio que, eu penso que sou...). De resto, um **sim** em si mesmo, não mais do que um **allô,** nunca constata nada, mas responde, compromete, apela. Se eu afirmo agora, isto não é uma ficção, que eu compreendi mal a sua questão e que não lhe saberia responder, a menos que mo tivesse dito previamente....

— Preparava-me para o fazer: O «Le Monde Dimanche» consagra este Verão uma página por semana à filosofia. Iniciativa corajosa, sobretudo durante as férias. Você falaria da linguagem e mais vale começar por aí: nove folhas de 25 linhas. Mas os seus leitores não são, na sua maioria, filósofos de formação....

— A sua advertência é-me familiar. Confesse que permanece obscura, mesmo enigmática. Em nome de quê e de que leitores fala você? Que verdade detêm vocês, que segredo? A quem **querem** que eu me dirija? Há séculos que ouço argumentos desse teor. Existe esse destinatário? Existe **antes** uma leitura que pode ser também activa e determinante (no sentido em que apenas ele se **determinaria)?** Como constróem vocês a imagem e o programa desse leitor, separando o que ele pode decifrar, receber ou rejeitar? Em seguida, vocês pressupõem que esses «filósofos deformação» têm **uma** lingua particular; e desejam que se «fale filosofia» sem recorrer a ela (...).

Uma história de decifração

— Talvez seja necessário aceitar essa contradição. As apostas da filosofia, por exemplo, a linguagem, dizem igualmente respeito a todos os que em nada foram preparados para compreender a língua secreta em que certos filósofos se comprazem.

— Mas não, e o drama é que existe mais de uma, e não verdadeiramente dialectos, sobretudo discursos relativamente codificados ou formalizados (como tantos outros) a partir de línguas ditas naturais ou da «linguagem ordinária», se existe algo como isso. No interior da dita comunidade filosófica, a aventura essencial foi sempre uma história de decifração, de tradução, de pedagogia interpretativa, o enigma de um destinatário. Por outro lado, entre sectores que vocês supõem estranhos à formação filosófica, há mil e uma maneiras de receber um discurso de envergadura filosófica e de lhe dar resposta. As variáveis são novas e mais numerosas do que nunca. O acesso aos escritos filosóficos estava reservado no passado a um meio relativamente reservado. Hoje, a permeabilidade dos códigos sócio-linguísticos cresce ainda mais depressa do que a mobilidade social.

A escola não é a única condição desta realidade, mas não se pode analisar estes deslocamentos sem entrar em linha de conta com os dispositivos e as normas do «sistema educativo». Num país tão centralizado, uma decisão relativa à orientação nas secções liceais, à inspecção geral, ao mercado de edições (escolar ou não) pode perturbar em poucos anos o panorama dos «leitores» — não-filósofos-curiosos-dos-artigos-no — **Le-Monde-Dimanche**. Fora da escola, interferindo com ela, a tecnoeconomia da informação (edição, «medias», informática, telemática...) modifica cada vez mais depressa a figura deste pretenso leitor típico. E os jornalistas não se encontram num observatório e as suas intervenções normativas («performativas») envolvem a sua inserção social, história e desejo.

Numa palavra, toda uma maquinaria de filtros e de tipos para a retórica dos discursos, seus efeitos e afectos. Enorme a autoridade contemporânea, terrível a responsabilidade quanto ao que se passa no domínio da filosofia. Nos casos em que uma espécie de monopólio teatral, e fatalmente comercial, fosse garantido por um grande prazo à incultura ou à parvoíce, o sinistro poderia ter dimensões nacionais (...).

— Ao ouvi-lo, seriamos levados a pensar que se tornaria necessário recorrer ao Plano Orsec. Assim, não se saberia em que medida os meios de comunicação de massa produzem ou reproduzem o seu destinatário, tendo sempre necessidade, para isso, de desenvolver o seu simulacro. Mas se não se pode separar a linguagem de uma certa «tekhnê» de uma repetição codificada, como evitar estes riscos? É por isso que eu lhe propunha um artigo preliminar sobre a linguagem.

— Sim, mas a vossa decisão é filosófica e situa já a linguagem. Adiante. Em todo o caso, se eu escrevesse esse artigo, eu sublinharia pesadamente as condições da coisa: porquê no **«Le Monde»** neste dado momento? Porquê eu? Por intermédio de quem, em vista de quem e de quê? Como é que este enquadramento (por exemplo, 225 linhas) vem condicionar cada uma das minhas frases no seu próprio conteúdo?

— Mas com certeza, faço-o, porque não? Até agora, falou-me da sua linguagem o que é mais claro do que aquilo que escreve habitualmente. Uma sugestão: dite os seus livros através do telefone. O seu artigo deveria permanecer neste registo, não regresse outra vez ao isolamento.

— Você pensa que eu fui assim tão claro? Para quem? O que eu acabo de esboçar permaneceria pouco acessível a uma massa de leitores. Eles apenas apreenderiam a jogada através de uma silhueta sem sentido. Penso nalguns dos que nunca abrem o **«Le Monde»** e em certos leitores desse jornal, que desempenha um importante e singular papel na formação (prescritiva) de um público bastante culto, aberto a uma linguagem de envergadura filosófica (mas nada especializada) e, em certas condições, a um discurso sobre o discurso. Pelo menos, no micromeio em que nós vivemos, no interior da sociedade francófona.

Para uma fracção, de que você passa por representante, ao pedir-me para visar precisamente esse aspecto, o que eu acabo de arriscar seria, sem dúvida, fácil, mas não teria interesse, excepto na condição de ser desenvolvido desta ou daquela maneira, tendo cada um a sua ideia, logo, a sua impaciência. Mas é uma área onde se considera já irritante este modo de recuar, revelando: eu deveria avançar, dizer as coisas, em vez de me interrogar acerca do modo de as dizer sem as dizer, a quem, em vista de quê, em que condições. Isso é **demasiado** filosófico, redundante, pouco económico e insuficientemente «informativo».

Todos os que se impacientam e especulam

— Claro, claro. Mas eu não confundo o que é «performante» (a quantidade de informação e de saber num dado) e o que é «performativo», como você dizia.

— Bom, uma minoria de leitores acusar-me-iam de simplificar excessivamente coisas presentemente triviais, tais como essa teoria chamada «pragmática» dos enunciados, que evolui muito depressa. Não penso apenas nos filódofos ou nos linguistas, mas em todos os que, persuadidos que fariam melhor uso desta tribuna, se impacientam e especulam. Mas tudo isso está por prudentemente modelar. Nunca se deve dizer «tudo ou nada» a propósito do acesso ao texto.

O sentido e o efeito nunca se produzem ou rejeitam de modo absoluto, mas conservam sempre à disposição de um leitor potencial uma reserva que tem menos a ver com uma riqueza substancial, do que uma margem aleatória nos percursos ou com uma impossibilidade de saturação de um contexto. O «mesmo» enunciado («Poderia escrever..?») pode remeter para uma multiplicidade de outros «textos» (frases, gestos, tons, situações, marcas de toda a espécie) e para outros «outros» em geral, pode abrir-se a outros efeitos, ramificações, enxertias, repetições e citações...

Realidades

Há dois modos de falar da paisagem: o do marinheiro e o do cartógrafo, o do camponês e o do cientista. O geógrafo deve conhecer estas duas linguagens.

Michel Serres

Cartas marinhas

Há uns vinte anos os pescadores do alto mar tinham que apresentar, sob requisição, um conjunto de cartas marinhas e instrumentos de navegação em bom estado. Por uma questão de segurança, como se diz hoje, que eu não sei se continua a ser válida. Esta obrigação devia estar entremeada de múltiplos incómodos, tendo permitido o desenvolvimento do parasitismo administrativo, como a peste sob a acção do sol.

Um dado dia, naquele tempo, os utensílios apareceram em demasiado bom estado aos olhos do inspector. As cartas virgens, brancas e novas estavam soberbamente alinhadas, sem um vinco, num grande armário pintado e com gavetas, cuja chave — encontrada com dificuldade —, oferecia alguma resistência devido à ferrugem. Toda a técnica forçada desaparecia sob a pintura. Tudo isso dava pouca apresentação. Toda a gente a bordo intrujara os caprichos da lei, um pouco ao modo como se retoca o estandarte, para que possa ser visto: pavilhão ao alto. A bandeira, evidentemente, só serve para isso.

Vocês nunca se servem destas coisas, exclamou com rispidez o homem do controlo. O marinheiro perdeu o seu falso porte e pôs-se a oscilar, sobre uma perna e sobre a outra, hesitante. O primeiro começou a rir, pois tinha interesse em saber, tendo prometido não os punir. Vamos lá, como é que vocês fazem para encontrar Murmansk ou a Terra Nova, nas duas épocas do bacalhau? Demorou algum tempo. Foi preciso que começassem por se sentar, abrir uma velha garrafa, preparar os copos, falar previamente durante muito tempo dos filhos, pois os barcos de alto-mar não se «abrem» de qualquer maneira. É sempre preciso parlamentar antes de se começar a falar. Ora bem, como é que vocês fazem?

É necessário imaginar um campo sem postes de orientação. Qual seria o camponês que se ia enganar no caminho, ao decidir fazer uma visita aos residentes na quinta vizinha? Vira à esquerda ao fim do silvado verde, segue a direito até à nogueira, desce ao longo do muro de pedra e aí, ao fundo da vereda, vê o telhado vermelho do vizinho desaparecer parcialmente sob os cedros. Aprende-se a dar respostas ao mesmo tempo que se aprende a caminhar, a falar ou a ver.

Era deste modo que se ia até Saint-Pierre: caminha-se em direcção ao sol poente enquanto uma pequena alga flutua, quando tudo se torna muito azul e você não pode enganar-se; há paragens preferidas pelos lobos do mar, há aqueles que são constantemente impelidos para o Norte por uma corrente forte, aqueles para quem o vento dominante sopra baixo, em pequenas rajadas, aqueles para quem as ondas são sempre pequenas, há sempre o grande quadrado sombrio e o local onde se atravessa a rota dos grandes cofres, quando se pôde vê-los, e aí está o primeiro grande banco, sob o vento.

O capitão continuava inesgotável, teria dito tudo até que fosse noite fechada. E o que ele dizia ter visto desde a sua adolescência, que via transformar-se à medida que por ali passava, não o tinha verdadeiramente sabido através de ninguém, pois os seus sucessivos dois patrões não proferiam uma palavra durante o santo dia, mas apontavam apenas com o dedo, por vezes no momento de virar ou de mudar de andamento, tudo o que ele expunha de uma só vez, à mesa e sobre a toalha de renda manchada de rum, essa superfície do mar ondulado, essa superfície compósita tão diferenciada como os nossos velhos campos, em quadrados de luzerna, pequenos bosques, lameiros, filas de vinha debaixo de pereiras, tudo o que ele descrevia com pormenores incisivos, cores, peixes, vento, céu, bater das vagas, sim, tudo isso era exactamente uma enciclopédia, uma enciclopédia devorada, como uma grande catedral. Vi, nesse dia, morrer um saber. Senti morrer o empirismo. Ouço agora o seu rumor subir das águas.

Onde o antigo sábio não percebia do que o monótno, o mestre via evidentemente um corpo estriado, desnudado, mosqueado, matizado e zebrado, exactamente diferenciado, uma superfície onde as regiões locais eram perceptíveis, onde as coordenadas, em cada instante e sob a própria bruma, já estavam estabelecidas; o mestre vislumbrava o campo e os seus pormenores fluentes no tempo, onde o antigo sábio apenas apercebia o instável; o mestre via um espaço que se alterava muito pouco.

Perguntei-me nesse dia por que razão um saber examinava o outro e o controlava, tinha o poder de o sancionar e de o fazer obedecer. Ouvi nesse dia o mais velho diálogo da filosofia moderna, o da razão persuadia o mais velho saber do mundo e afundava-o. Era o dia das últimas confissões, isto é, o tempo da etnologia dos vencidos. Depois disso, só um romance da moda ou uma ciência humana de sucesso garantido nas cidades universitárias.

Tinham-me ensinado, desde a mais tenra infância, que a ciência pode tornar o invisível, visível. E, com efeito, a carta marinha põe em evidência as profundidades, indica à distância o escolho, escondido no nevoeiro. Os instrumentos visitados pelo controlador ainda fazem coisas melhores, pois anunciam a costa, desenham o fundo do mar e, em rigor, determinam as coordenadas automaticamente. Inclinamo-nos todos perante estas realizações, mas é preciso inclinarmo-nos ainda mais perante o inspector. Porquê? Porque a razão apenas, não basta e porque a razão escolhe a razão para impor a razão? Porque, sobretudo, torna, no regresso, o visível, invisível? Este corpo ondulado, estável e alternante como uma pradaria de pastagem alpina na Primavera, este espaço reconhecível e mesclado, desaparecer. Sim, a superfície dos oceanos é submergida.

Aprendi, desde a minha mais tenra infância, que os sentidos enganam. Não disseram os sentidos de quem. Olhar do inspector sobre as elevadas pradarias onde as fragatas são apascentadas é nulo, a visão da razão sobre a superfície do mar é absolutamente monótona, mas não a percepção do mestre do navio. Os sentidos raramente enganam quando são exercitados, a razão engana-se frequentemente quando não é treinada. Estes princípios são semelhantes de um lado e de outro, e são pacíficos.

Os sentidos não anganam. O paladar de um fino apreciador é mais preciso do que mil máquinas, a máquina mais rigorosa é biológica, o órgão deste insecto ou daquela serpente apreende as diferenças à escala molecular. Nunca se julga cientificamente o empirismo, mas, e se nos pu-

Estas possibilidades e forças diferenciais não são estritamente linguísticas, pelo que prefiro falar de traços ou de texto, em vez de linguagem, porque...

Quem é «toda a gente»?

— Aí você começaria a tornar-se hermético: eu chaá-lo-ia...

— À ordem, não tenha receio o dizer. Eu ouvi a palavra «isolador» a todo o momento: é uma rábula a que submetem a filosofia há séculos. Evidentemente, você evocaria a condição de falar em nome do suposto leitor, mas é quase sempre, não se sabe porquê, o mesmo pedido vagamente agressivo, a determinação de um desejo ameaçador.

«Fale como toda a gente, o que você diz não tem nada a ver connosco, você apropria-se do nosso jogo e das nossas posições, você possui-nos e volta a abandonar-nos, as suas investidas verbais são golpes de força». Estas intimações têm um programa, ainda que se adapte a cartilha de argumentos a cada situação, aos novos dados da sociedade, da técnica ou da escola. O mesmo requisitório se desencadeia, aliás, entre filósofos que separam a língua, o estilo, e a tradição dos acordos implícitos.

— Sim, mas o discurso filosófico não deverá libertar-se disso, precisamente para se tornar de imediato disponível e aberto a todos?

— Nenhum texto se abre imediatamente a todos. O toda-a-gente dos nossos censores é um interlocutor determinado pela sua inserção social, frequentemente minoritária, pela sua formação escolar, estádio da cultura, dos meios de comunicação de massas e da edição. O abuso de poder está sempre do lado dos censores e dos «decididores». O talento pedagógico ou a boa vontade não bastam e ninguém pode atingir um público anónimo, um só indivíduo sequer, sem a escola, o livro, a imprensa e, por conseguinte, sem o potencial de reserva de uma política que não é apenas governamental. E sobretudo sem o trabalho ou a vinda do outro.

— Claro, isso é demasiado evidente.

— A questão está, pois, noutro lado: porque não a colocar ao especialista de genética ou ao linguísta? Porque reservar a suspeita ou a intimação para o filósofo? Porque não lhe reconhecer o que se reconhece a todos e antes do mais, ao jornalista profissional: o direito e o dever de sobreimprimir na sua afirmação a memória calculada de um problema, a alusão formalizada a sistemas conceptuais? Sem esta economia, ele deveria desenvolver continuamente uma pedagogia infinita. Impossível e paralisante: quantas linhas seriam necessárias? Não que a história da linguagem filosófica seja o **progresso** de uma contínua capitalização. O pensamento deve também interrompê-la. Um regresso decisivo à meditação do dizer, que se diria o mais simples («o ser é», «o ser não é»), palavras aparentemente tão claras como «palavra», «aparência», «clareza», «ciência», «pesquisa», «técnica» ou «linguagem», vem afinal perturbar este progressismo na sua segurança por vezes sonâmbula.

— Mas este último movimento talvez vá no sentido de uma nova popularização da filosofia.

— Sim e não. O mais simples é, por vezes, o mais difícil. A popularização não deve renunciar ao rigor e à análise. Eu conheço filósofos «de profissão» mais atormentados do que alguns que dão lições, por força deste duplo imperativo: «democratizar» a troca sem ceder na exigência filosófica, ter em conta as transformações no campo social, nas técnicas de transmissão e de arquivo, da escola e da imprensa, sem sedução fácil e abuso demagógico. Quando as normas impostas pelos meios de comunicação de massa custam demasiado caro, a retirada silenciosa constitui por vezes a resposta mais filosófica e a estratégia mais bem compreendidas. Mas pelas razões já citadas, este cálculo será sempre um risco imprevisível. Esta palavra singular murmurada como confidência, pode, ainda, incalculavelmente, durante séculos... Allô?...

O desejo de inocência

— Eu estava a fazer o papel de advogado do Diabo: o esoterismo não será o abrigo sonhado por um pensamento pobre e comum? Também se diz: usurpação de autoridade, instrumento de terror, palavra de passe para uma seita ou uma corporação que se reserva, com o poder de interpretar, o de avaliar ou de legitimar o poder em sentido restrito.

— Sim, mas isso não estaria reservado aos filósofos, e a competência no uso dos signos tanto pode **servir** como **frustrar** estas mistificações. Estas **duas** possibilidades provocam a filosofia desde sempre. Sem remontar aos sofistas e a Platão, veja-se Descartes. Ele atacava a sofisticação dos que, caídos **«sobre qualquer coisa de certo e de evidente», «só a fazem aparecer envolvida em diversas aparências enigmáticas, quer porque temam que a simplicidade do argumento diminua a importância do seu trabalho, quer porque por malevolência nos recusam a verdade franca (nobis invident apertam veritatem)...**

— Mas agora também fala em latim ao telefone?

— Eu milito: ampliemos o ensino filosófico (é **uma** das respostas a todas estas questões), mas também o do grego e do latim... Quanto às relações entre as «aparências» e a «verdade», pode-se ter dúvidas acerca do que Descartes subentendia, ele prórpio autor obscuro e difícil, recordemo-lo. Pois, quando decidiu escrever o seu **«Discurso»** em francês, pretensamente para se dirigir a todos, fazia-o numa particular fase sócio-política, num momento de violenta estatização linguística. Ele não falava a toda a gente, mas deixemos isso de parte.

Quanto à inveja **(invident)**, visa certeiramente. A guerra causa estragos, para e pela propriedade da língua, entre os filósofos, entre si e os outros. Dos dois lados, há também o desejo de inocência. Uns descrevem as leis da guerra, outros fazem apelos às leis e regras do jogo. Uns pedem um desarmamento geral e imediato; avaliando os riscos, outros desejam-no progressivo e controlado. Kant, que falava **«da próxima conclusão de um tratado de paz perpétuo em filosofia»**, também queria democratizar o discurso, denunciar a criptopolítica», e a mistagogia. Nietzsche analisa a política da língua filosófica, a sua relação com o Estado, com o processo de democratização, com o poder dos sacerdotes e dos intérpretes, no ensino e nos jornais. Já Marx, em **«A Ideologia Alemã»** e mais perto de nós, apesar de se tratar de uma situação tão diferente...

— Sim, sim, mas isso seria demasiado longo. Em poucas palavras, se tivesse que escrever o seu artigo, hoje mesmo, sobre que insistiria mais? Se, em vez de lhe telefonar, eu lhe pusesse um microfone à frente: para onde vão as investigações sobre a linguagem?

— O pensamento não tem sempre a forma do que se chama a «investigação», com as suas instituições e a sua produtividade programada. Em todo o caso, arriscaria esta resposta, em três palavras e seis pontos: através das diferenças (línguaas nacionais, instituições, tradições e códigos teóricos, filosofia, linguística, psicanálise, literatura, tecnologia da comunicação e da traudução...), a maioria das questões comprimem-se, assim, me parece, em torno desta «pragmática» de que falávamos há momentos. Não necessariamente sob este nome e sob as formas bem conhecidas com que estes problemas são enunciados em Austin e seus discípulos. Para além das suas dificuldades internas, sintoma de riqueza, esta primeira teorização foi simultaneamente servida e refreada pelos limites da sua axiomática, pouco virada para a história dos seus conceitos, a começar por esta distinção entre «perfomativo» e «constativo», as oposições entre produção e não-produção a produção como criação de factos e a produção como aparecimento, **praxis** e theôria, acto e palavra, etc.

Em resumo: 1) pensar (dizer, escrever) o **logos** «antes» destas oposições, «antes» da voz e da significação **(phônê, semaineîn)** — uma outra «história da filosofia», e leia-se Heidegger, por exemplo; 2) reconhecer que o que se denomina de traço, texto ou contexto (e, entre outras coisas, todas as condições ditas convencionais de um «performativo») não se limita ao linguístico ou ao fónico e, aliás, não se limita a nada; 3) pôr a psicanálise à prova do «pragmático», mas antes subtraí-la a uma axiomática da consciência intencional e do «eu» presente em si mesmo; 4) contar com a tecnologia dita da «informação», antes e depois da era do telefone; 5) não confundir o «performativo» — as suas ficções e simulacros — com a rentabilidade «performante» da tecnociência; 6) não fugir demasiado aos paradoxos da alteridade, do traço, do destino, da destinerrância ou da clandestinação, da escrita e da assinatura, em suma, eu teria sugerido tudo isso e... Allô?

— Allô, estou a ouvi-lo mal...

— ...insisto sobre esse nome provisório, a «pragmática», sobre o que ela pressupõe do texto em geral e que foi, digamos «denegada». Os efeitos desta «denegação» marcaram poderosamente a filosofia, a filosofia da linguagem filosófica ou científica, as instituições de investigação e de ensino que dela dependem, a sua interpretação da interpretação, do sentido, da referência e da verdade. O valor teórico (constativo) do discurso foi deste modo acrescentado à eficiência, ao êxito técnico e produtivo da pesquisa.

O que eu chamo imprudentemente «denegação» do «performativo» não constituiu um juízo, mas um formidável acontecimento — ele mesmo performativo e normativo. O que se passaria se acontecesse alguma coisa a essas normas? Perturbações, creio eu, difíceis de avaliar nas referidas instituições e a outros níveis. E se fosse a sorte ou o risco do que acontece, agora mesmo que nós falamos, neste preciso momento...

— Allô? Ao fim e ao cabo, você pode escrever o artigo, ou não?

— Não creio. Nove folhas, é pouco mais do que tempo de um telefonema para o estrangeiro ao domingo. Não conseguirei, mas ouça...

— Já está praticamente feito, veja lá...

---

séssemos a apreciar empiricamente o racionalismo? A dúvida praticada por Descartes não constituiu apenas um exercício escolar, nem uma ascese solitária. Foi um imenso movimento histórico, a que a força se associou. O visível desapareceu, dissipou-se no invisível. Desprezaram-se as qualidades, a qualidade. Um outro invisível se encaminhou para os nossos olhos. Ninguém vive já a ondulação do mar, toda a gente procurou o longínquo e o profundo, e tornou-os sensíveis. Pode-se dizer que se apagou o imediato. E o mestre da pesca do bacalhau não teve uma palavra nisso.

Assim, os fabricantes de cartas marítimas puderam dizer que tinham descoberto a América, puderam fazer com que se acreditasse nisso e ganhar os louros da proeza, enquanto cem pescadores, percorrendo os caminhos traçados pela ondulação marinha, estiveram lá sem o proclamar alto e bom som para a História. O triunfo do verbo escrito foi uma catástrofe perceptiva. A era da ciência refez iconoclastas ao nível dos sentidos, e foi destruído ao nível mais profundo um saber purificado, na fronteira do percebido. Apenas se conservam as ruínas, os vestígios e os fósseis.

Somos suficientemente elaborados hoje em matéria de razões e ciências, para compreender finalmente a que ponto de requinte e de refinamento sábio os sentidos podem chegar. Após séculos de mapas simples, os do inspector, após séculos de cartas marítimas violentas, que apagam a percepção diferencial do mestre, para a substituir por um papel branco semeado de números esporádicos, ergamos a carta imediata dos que apelidámos de práticos dos lugares, ergamos a cenografia superficial dos mares.

Ergamos o desenho desnudado, mosqueado, matizado, zebrado, adamascado, mesclado, tão fortemente diferenciado que fará ver a vizinhança do próprio ver. Eu nunca tinha visto o mar antes da noite de La Rochelle onde, após horas passadas a ouvir o velho pescador de bacalhau, deixámos o cubículo enegrecido e e em desordem, e a toalha de renda constelada de cinzas, nódoas e salpicos de lama.

POLÍCIA FLUVIAL

«Você está a brincar. Nunca poderemos traçar esse mapa».

— Digo, como sempre disse. Gostaria de lhe falar do meu irmão.

— Deixe lá o seu irmão em paz. Esqueça o seu discurso. Com que direito fala assim, tem algum diploma? Que sabe você da realidade?

— Não é o mar que o meu irmão conhece, é o rio Garona. Vive dele, com ele e nele desde que nasceu de um pai que um dia morreu à sua beira, depois de nele ter vivido cinquenta anos. Julga que ele o conhece?

— Ele tem diplomas? Se não tem, será afastado.

— Não tem, mas o meu irmão está dia e noite junto do rio, trabalha no rio, conhece-lhe os mais íntimos caniços, salgueiros e choupos, testou-lhe os fundos e salvou a sua vida na corrente agitada provocada pelas cheias. Diga-me, ele conhece-o?

— Não, ele será afastado do seu lugar e do seu trabalho. A administração assim o decidiu.

— Mas a administração sabe o que há de bom no rio?

— Sim, ela tem dossiers, tem números, tem relatórios. O seu irmão será afastado.

— O real seria o conjunto destes números e destes dossiers? Nunca o meu irmão viu junto ao rio nenhum dos que elaboram os dossiers, nenhum dos homens pálidos da linguagem.

— Só eles sabem, digo-lhe. Vão por vezes nos feriados ao clube de vela esquiar um pouco. O seu irmão será afastado. Além disso antes de ir embora, digo-lhe que a resposta à pergunta do «Monde» é clara e simples. A realidade é o que a administração diz. A administração define o real. E o ponto final. E você, tal como o seu irmão, será afastado um dia do seu suposto real. Afinal, você aborrece-me. Vocês não compreendem nada das línguas, nem das suas subtilezas...

— Mas...».

NAVES DO ESPAÇO

Eis um pouco do que eu ignoro das águas, eis o que eu sei do céu.

A trajectória das naves espaciais não é simples, não é linear, não é monótono, não é cartesiana. Elas não vão para a Lua, para Marte ou Vénus pela via do Método, como aquele homem perdido que se apressa a sair da floresta o mais depressa possível, sempre a direito, com rumo certo. A direcção dessas naves é permanentemente vigiada, controlada e rectificada em tempo real pelos computadores. Elas desejam um percurso elaborado até ao pormenor. Se elas conservassem sempre o mesmo rumo, divergiriam, perder-se-iam no meio dos astros. O diálogo dos computadores em terra e em voo nos arquivos deixa longas listas de números.

Lembrem-se de Jules Verne. O bom velho sonhador enganou-se muito pouco, no conjunto. Foi até às minúcias do empreendimento, situou bem o ponto de partida, previu a aterragem no mar, o seu cálculo é ingénuo, mas não é ridículo; a análise social é cómica, no entanto, é verdadeira: o projecto astronáutico é demasiado sério para ser deixado a outros, que não os militares. O «Gun-Club» de Baltimore é um círculo de velhos assassinos. Jules Verne errou num ponto, acerca da linha direita, e o seu erro é canónico e memorável. A «Columbiad», monstruosa bombarda, cravada em terra como um poço, carregado de toneladas de algodão-pólvora, dispara em linha recta, directamente à abstracção, e falha o real.

Se as naves de hoje vão até ao seu objectivo, é porque se bifurcam frequentemente. Deixo de parte a questão da deflagração inicial e da sua composição em andares, para evitar que a nave derreta ainda antes de partir, pois só olho para o fim. O obus quer ir direito ao fim, a nave negoceia, hesita e tropeça. O obus, confiante, desliza para um sistema plano, sem se preocupar com a situação local, acelera como o viajante perdido e temeroso, que só miscelâneas engalanadas da paisagem por onde passa. As naves espaciais estão muito atentas a isto, observam a sua posição, e nós observamo-las, não deixamos que as roubem. Nós sabemos, é certo, dar-lhes um rumo suficientemente preciso desde a partida, mas sobretudo, já não estamos certos de que não divergiriam grandemente, se as abandonássemos ao seu destino inicial. As coisas não são assim tão estáveis, desconfiamos da memória.

Dito de outro modo, o obus de Verne, por uma ligeira falta de tiro, não irá rodear a Lua, e há mais probabilidades de que parta em passeio errante e ornamental: esta aventura acontece, entre nós, a qualquer viajante perdido numa floresta que se obstina em caminhar a direito; seguindo o preceito da razão justa, diverge e desvia-se de modo crescente. Isso, porque o obus partira direito em teoria e o canhão disparara num sistema simples, enquanto que as nossas naves, prudentes e meticulosas, se orientam directamente no fenómeno através dele. Apetece-me dizer que as listas de números, neste caso, se assemelham às velhas tábuas de observação afonsinas ou toledanas. Apetece-me dizê-lo, mas não o disse.

Continua na pág 6

Doze lições de filosofia **Sete Ponto Sete**

Realidades

Continuação da pág 5

Desta vez, o cálculo está do mesmo lado do fenómeno e do lado da prática, e estão os três do outro lado, em relação ao sistema simples e estável, aos princípios e às leis gerais. Sonho mesmo que o computador nos desenha, como sabe fazê-lo, a paisagem indicada pelas tábuas de números e atravessada pelas naves. Contemplaríamos nela um corpo combinado, matizado, mosqueado, zebrado, adamascado, tão diferente do vazio abstracto que despreza a granada canónica. A paisagem regressou aonde o sistema está em segredo, amortalhado sob o imenso código de números. A paisagem está por toda a parte no sistema, a sonda deve atravessá-lo, o sistema está na paisagem como um arco-íris num prado, e nós tínhamos simplesmente esquecido a paisagem onde a nave espacial corre, de lugar em lugar, dir-se-ia que atravessando uma amálgama, mais do que um corpo puro, onde encontra de novo, mais do que o vazio e a transparência, contendas.

Não, volto de novo à fenomenologia, ela está demasiado ligada àquele, para quem a aparência é manifesta. Debruça-se sobre um mundo idealista e monótono, preguiçoso e inteiramente tecido por representações. A paisagem de que ela fala é aprendida e chega ao observador sob a forma de informação, é uma paisagem suave. Fala-se dela, é sobretudo uma paisagem de palavra.

Aquela que eu descrevo é também uma paisagem lógica e chega à nave sob a forma de números, tal como chega ao olho através de cores e relevos, ou ao ouvido sob a forma de ondas, mas é condição da sua manobra, sob a forma de forças. Pode ser um espectáculo, mas é sobretudo um tecido de obstáculos. Estas forças materiais entorpecem a paisagem. Ela passa para o lado da realidade. Mas há sempre Verão, mesmo cá em baixo. Falaram sobretudo dela, é certo, e com palavras belas, os artistas pintores e os viajantes, músicos ou filósofos, e em rigor, os geógrafos que consultam os viajantes, mas nunca os trabalhadores.

O camponês não fala da paisagem. Ele não tem a palavra. Se a tivesse, talvez dissesse que uma bela vista nunca encheu o estômago. Ele faz o campo e negoceia-o. Ele constrói o campo que o pintor se encarregará de dizer. O camponês está na paisagem, como a nossa nave espacial no problema dos três corpos. Ele está na espessura inintegrável do sistema. Pratica nela a sua sobrevivência dificilmente, momento após momento. Ou melhor, em tempo real. A circunstância de decidir com justiça nunca é uma garantia de que continuará a decidir bem amanhã. A contenda, em frente, é a da contingência e pertence ao tempo das intempéries. E a paisagem já não se encontra na fenomenologia.

A paisagem, mescla batida e código local do segredo, revela a contingência da vizinhança. A geografia mostra e esconde a física. É certo, literalmente, que quanto mais ela penetra nas entranhas negras do solo, mais se faz geofísica ou ciência exacta da terra. Quanto mais ela ascende ao visível, em direcção ao litoral rendilhado ou ao sulco trabalhado, mais se entrega à contingência do que circunda a paisagem. Ela dá de novo satisfação ao necessário, delicadeza a geometria, e veste com um sorriso o esqueleto das leis. O mapa-múndi é um bilhete de identidade da terra, como a marca do polegar é o meu imediato sinal de identificação.

O geógrafo deveria ser um físico feliz, de mãos livres e com liberdade de acção, antes de ser o camponês tácito das ciências humanas. É o último dos físicos, antes de ser o proto-antropólogo. Eis o local exacto do estado da paisagem, eis o local exacto da profissão de geógrafo, local delicado, note-se, talvez em virtude do segredo. Veja-se a física, o sistema e as suas leis. Veja-se a geofísica mas deste ocenao. Veja-se a biofísica, mar deste mar. Veja-se a ecologia, vejam-se as transformações do inerte pelos vivos daí oriundos. Veja-se o recorte transformado em nicho, e a vizinhança tornada fronteira, Veja-se, pois, o carrilhão das leis das ciências ditas puras. E agora, considerem, do outro lado da passagem, a etnologia e a sociologia, tribais e camponesas, numa palavfa, o ramo das ciências humanas. Não, a geografia não é a intersecção destas múltiplas ciências, porque a intersecção múltipla não é mais do que uma cobertura da sua originalidade, uma solução de preguiça e de cópia; não, a geografia é o saber da paisagem, sendo esta o estado de coisas que leva as ciências duras ao silêncio, de que as ciências humanas nascentes não podem ainda falar.

A paisagem está lá, estado intermediário e necessário, e os geógrafos também lá estão, gente em trânsito, obrigados a inventar uma linguagem nova, como os filósofos seus vizinhos, vindos pela primeira vez para tentarem a passagem e aprenderem lições. A paisagem é uma mistura de regiões circundantes contingentes, rocha e água, árvores e terra; a paisagem é a passagem entre as ditas ciências duras e as ciências humanas, paragem silenciosa onde aqueles terminam os seus discursos e o seu curso, enquanto estas ainda não começaram; a paisagem é, pois, a própria vizinhança, essa mistura contingente dos homens e do mundo, um conceito da passagem do Norte-Oeste.

A passagem do Norte-Oeste, inversamente, é na terra e no mapa, uma mistura e uma paisagem. Mas, penso agora nisso: consideramos a sementeira de ilhas, arquipélagos, «icebergs» e gelos flutuantes, avaliemos a sementeira dos tempos para a fusão e a colheita, consideremos estas combinações e disposições, contemos as nossas hipóteses de passar, confessemos que a passagem está codificada, em segredo, fugitiva, perdida e enterrada sob os números. O sistema na paisagem jaz sob as tábuas de observação e não podemos partir estas tábuas com um piparote, ou parti-las a tiro de canhão. Um sistema conexo, talvez, estas ilhas, estes magotes esparsos, mas isso é geral. Há dois tempos, duas situações ou duas fases, como se diz na teoria da refinação do petróleo.

A nossa idade da razão é o tempo da miscelânea e dos computadores.

Próxima edição:
O Estado, por Louis Sala-Molins

Teatro

Luís Miguel Cintra e o teatro da Cornucópia

Continuação da pág. 1

personagem que julgamos feito do interior dos textos. Como isso não é habitual no teatro, onde se utiliza, digamos, uma **técnica de exibição do actor,** o que tradicionalmente, tem sido a base do que vemos, algumas pessoas consideraram-nos diferentemente.

Estávamos só a fazer o que julgávamos correcto e não uma outra coisa.

Até agora o vosso trabalho parece comportar três períodos: o primeiro incluindo «O Misantropo», de Molière e «A Ilha dos Escravos» e «A Herança», de Marivaux. O segundo (que abarca quase uma dezena de peças) pode dizer-se iniciado com «Os pequenos Burgueses», de Gorki até «Woyzeck», de Buchner. O terceiro, das «Paragens mais remotas que estas terras», de Plauto, ao «Labirinto de Creta», de António José da Silva, com pelo menos dois espectáculos outros «de viragem». Porquê tal inflexão?

— O facto de me fazeres essa pergunta prova que a nossa preocupação por uma selecção de reportório de acordo com determinadas linhas temáticas sentida pelo público. Sempre dissemos que queríamos realizar um trabalho contínuo com o espectador, o qual se prolongasse de espectáculo para espectáculo. Gostávamos que a nossa programação fosse um convite à reflexão conjunta da companhia e do seu público, centrado em torno de determinados temas que nos pareçam importantes.

— Como é que subitamente surgem espectáculos de teor mais «politizado»?

— Antes do vinte e cinco de Abril a censura condicionava a escolha do reportório e, perante isso, a nossa ideia era a de que, através dos clássicos, despertaríamos o espírito crítico do espectador para uma análise de tipo histórico dos textos, preocupação expressa, aliás, no programa do nosso primeiro espectáculo. Depois do vinte e cinco de Abril achámos que podíamos tocar livremente na escrita das peças que julgámos mais pertinentes para o momento que se vivia. Foi assim que começámos por analisar os mecanismos quotidianos do fascismo com o espectáculo «Terror e Miséria do Terceiro Reich», do dramaturgo Bertold Brecht. A partir daí iniciámos um ciclo a que se poderia chamar **dominação ideológica, pequena burguesia e revolução,** e que só considerámos acabado com o «Woyzeck», de Büchner, que é peça-mãe de toda a programação que tivemos até esse momento. Com o espectáculo «E não se pode exterminá-lo?», de Karl Valentim, fizemos uma espécie de ponte entre este ciclo e o seguinte que pegava num tema novo: o cómico e a comédia, mas ainda relacionado com os que haviam sido abordados nas peças anteriores. Esta ideia surgiu também da análise de um novo período da história portuguesa mais recente, o post vinte e cinco de Novembro. **Sentimos que o desejo de reconciliação social que se seguiu a esta data podia ser questionado através de estruturas dramáticas** que têm a reconciliação social como fulcro, ou seja, a comédia. É claro que a **démarche** é indirecta e muitas vezes sentimos que o público ainda não percebe, até ao fundo, as razões e a maneira de abordarmos este tipo de teatro.

Operários e camponeses trabalho honesto

— A esse propósito queres falar de espectáculos da Cornucópia com maior afluência relacionando-os com a sua qualidade e os alvos de feitura?

— É claro que esta atitude de procura ou pesquisa que eu julgo que deve presidir a cada momento do trabalho, **a bem do progresso,** está muitas vezes sujeita a equívocos porque o que é verdade é que as pessoas não pensam todas da mesma maneira perante as mesmas coisas. Por exemplo, quando fizemos a peça «Não se paga, não se paga», de Dario Fo, interessava-nos **o desvio** de uma convenção teatral burguesa, a comédia de **boulevard,** para um teatro de agitação política. O que aconteceu é que a grande parte do público esqueceu o ponto de vista da intervenção contido na peça e recuperou os velhos processos cómicos de que o autor se serviu para a sua peça como simples mecanismos de riso.

— Teatro de agitação política para quem?

— Desencontros como estes são parte integrante daquilo a que eu chamo o trabalho com o espectador e riscos deste tipo só podem ser corridos junto de um público que se conhece minimamente. Sabemos que a nossa actividade principal está implantada em Lisboa para um sector de intelectuais, estudantes, trabalhadores de serviços, enfim, a pequena burguesia a que pertencemos e que é parte fundamental da actual sociedade portuguesa. Podia opôr-se a hipótese de trabalharmos para públicos diferentes como, por exemplo, operários ou camponeses mas infelizmente estão demasiado longe do nosso quotidiano para nos sentirmos capazes de fazer um trabalho honesto com eles, o que não nega que sejam espectadores tão ou mais importantes do que aqueles que nós somos capazes de atingir.

RN
VIAGENS E TURISMO
ALGARVE
FÉRIAS — VERÃO 82
APARTAMENTOS
PRAIA DA ROCHA
ou ALBUFEIRA
VÁRIOS TIPOS
VÁRIOS PREÇOS

LISBOA — Av. Fontes Pereira de Melo, 33
Telf. 560015-563451
Rua do Arsenal, 124 — 1.º
Telf. 362151-367529
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 109 — Telef. 21109
COIMBRA — Rua da Sofia, 102 — Telef. 22944-26719
SETÚBAL — Av. 5 de Outubro, 52 — Telef. 23291
ÉVORA — Rua da República, 133-Telef. 24254
FARO — Rua Infante D. Henrique, 76A-Telef. 23025
LEIRIA — R. Coronel Teles Sampaio RIO, 3
Telef. 22709-22413
P. DA ROCHA — Av. Tomás Cabreira 6 telef. 22370

RN
Informações e Inscrições:

Aspectos da herança de Jakobson

No dia 18 de Julho, falecia Roman Jakobson, com 86 anos de idade, na clínica universitária de Boston. Autor de uma obra monumental, Jakobson foi inconstestavelmente um dos mais brilhantes e incansáveis cientistas do nosso tempo, representando uma viragem, um marco das ciências humanas, cujas intuições e propostas só poderão ser cabalmente exploradas por várias gerações de investigadores. (1)

TODOS quantos dele se aproximaram guardarão uma impressão indelével de vivacidade, de um cientista que sabia partilhar com brilho e simplicidade a convicção dos princípios e um saber meticulosamente fundamentado, mesmo quando se propunha expor as questões mais árduas e controversas. Talvez por isso, nos colóquios e nos congressos, era a Jakobson que eram habitualmente confiadas as sínteses finais; nos seus relatórios e palavras conclusivas, nunca esquecia ninguém e a maneira como sabia valorizar as teses diferentes das suas dava de si, não tanto uma imagem de conciliador e de ecletismo, mas uma profunda impressão de serenidade e de exigência pessoal para com as suas próprias ideias e convicções. Esta exigência correspondia aliás à regra que a si próprio se impunha e que formulara numa adaptação do lema de Terêncio «linguista sum: linguistici nihil a me alienum puto» (sou linguista: nada do que é linguístico me deve ser estranho). (2).

A actividade de Jackobson ficou ligada a contextos muito diferentes. Formou-se na Rússia, onde viveu até 1920. Foi conselheiro cultural da Embaixada da Rússia em Praga, entre 1920 e 1938. Devido à invasão da Checoslováquia pelas tropas nazis, refugiou-se sucessivamente na Dinamarca, na Noruega e na Suécia, entre 1938 e 1941. Instalou-se definitivamente nos Estados Unidos da América, em 1941. Animado por uma erudição e uma curiosidade intelectual sem limites, falava correntemente mais de 20 idiomas.

Em Moscovo, participou activamente, com outros jovens linguistas e escritores, na criação, em 1915, do Círculo Linguístico de Moscovo (CLM). Para os jovens fundadores do CLM, tratava-se de romper com o movimento simbolista que dominava o horizonte académico de então, em torno da escola Potebnia. Para os simbolistas, a forma era uma espécie de recipiente em que o artista como que vasava a substância ou o fundo das suas ideias e sentimentos. A abordagem da obra de arte nomeadamente literária, pela Potebnia era, como um pouco por toda a parte desde os meados do século XIX, extrínseca à obra, passando em claro a sua contextura interna, incidindo o olhar sobre as condições históricas, sociais e psicológicas da sua elaboração e circulação. É em relação a esta tendência dogmática, de cariz historicista, sociologizante, e psicologizante, que o CLM vai demarcar-se, por vezes de maneira violenta. Para os jovens do CLM, a obra deve ser antes considerada em si mesma, enquanto **processo** de construção de formas que violem a nossa percepção habitual, rotineira. Uma obra só é artística para o CLM na medida em que produz **estranheza**, em que viola as normas habituais da percepção, em que transgride os hábitos e as rotinas, segundo o processo da **literariedade** ou da construção de fenómenos perceptivos novos, originais. Não podemos, por conseguinte, dissociar o movimento do CLM das correntes vanguardistas da época, nomeadamente do cubismo e da arte abstracta, promovidas pelos futuristas Maiakovski e Khlebnikov. Forma e substância já não são portanto duas componentes separadas, como pretendiam os simbolistas, mas dimensões indissociáveis da obra; o fundo da obra não é senão o próprio processo da literariedade, a configuração dos elementos formais que a integram.

Uma vez que é na dimensão estética da linguagem que a literariedade se revela, é à poesia que o CLM vai consagrar a parte mais importante do seu trabalho, associando-se de perto com a escola poética de São Petersburgo, a **Opoiaz,** criada em 1916 por alunos do filósofo Baudouin de Courtenay. O que distingue o processo poético da linguagem comum, cuja função é predominantemente comunicar significados, remeter para objectos extralinguísticos, é a função poética, caracterizada pelo facto de as formas linguísticas remeterem predominantemente para o sistema da língua. Processo, literariedade, estranheza, forma, função, sistema são assim os conceitos fulcrais que atravessam os trabalhos dos membros do CLM de que Jakobson participa com entusiasmo, desde os seus anos de estudante. É a este movimento que veio a ser dado o nome, de maneira nem sempre bem compreendida, de Formalismo Russo.

Na Checoslováquia, Jakobson colabora com Nicolas Trubetzkoy na fundação, em 1926, da Escola Fonológica de Praga (EFP). A descoberta da importância dos sons da linguagem estava ligada directamente ao seu interesse pela poética. É o próprio Jakobson quem o afirma: «foi à força de analisar poemas qeu comecei a trabalhar em fonologia» (3). Para a EFP, a noção de função, tal como a entendiam os Formalistas Russos, torna-se central: não é a materialidade sonora ou acústica da linguagem, estudada pela Fonética desde os finais do século XIX com os instrumentos acústicos que o desenvolvimento tecnológico da época proporcionava, que os vai interessar, mas função que os sons desempenham em relação ao sistema global da língua. É para diferenciar estes dois pontos de vista, o ponto de vista acústico e o ponto de vista funcional, que a EFP contrapõe à Fonética o projecto propriamente linguístico da Fonologia.

Delimitado assim o seu objecto específico, a partir do ponto de vista funcional, a Fonologia acaba por se tornar o ponto de partida obrigatório não só da Linguística pós-saussuriana, mas de todo o movimento estruturalista europeu no conjunto das ciências humanas, desde a Antropologia à Psicanálise, alimentando o diálogo com a Cibernética, a teoria da informação e a própria Biologia.

Roman Jakobson

Podemos assim comparar a importância da Fonologia à da teoria da relatividade em Física nuclear. Até aos anos 20, o fonema era considerado o átomo da linguagem verbal, enquanto unidade mínima de segunda articulação que se combinava com outros fonemas para constituir as unidades de primeira articulação significativas, os monemas. A EFP contrapõe a esta concepção tradicional, herdada dos gregos, uma concepção abstracta do fonema, considerando-o como um feixe de traços, figuras distintivas ou pertinentes do ponto de vista das funções dentro do sistema fonológico da língua. Formando um sistema lógico de oposições distintivas abstractas, cujos valores são puramente formais ou diferenciais, os traços distintivos (vocállico/não vocálico, consonântico/não consonntico, compacto/difuso, etc.) estão estruturalmente presentes, como objectos abstractos invariantes, nas variações ilimitadas da linguagem, atravessam em diagonal a produção do sentido (4).

Jakobson manter-se-á fiel durante toda a vida ao princípio funcional ou teleológico do sistema fonemático, acrescentando-lhe a ideia de binarismo do sistema, apesar das críticas acerbas de que foi alvo por parte sobretudo do linguista francês Georges Mounin. É, no entanto, essa fidelidade intransigente ao binarismo que lhe permite alargar a sua proposta metodológica funcional aos mais variados campos semióticos. Partindo da teoria da literatura, da poética em particular, Jacobson vai interessar-se pelo cinema, pelo discurso publicitário, pelo folclore, pelas mensagens de propaganda política, pelas artes plásticas, pela música, pela filologia, pela biologia, escrevendo páginas eloquentes e brilhantes sobre todos os domínios que aborda.

A sua estadia breve nos países nórdicos, em particular na Universidade sueca de Uppsala, consagra uma viragem na sua concepção formalista dos problemas linguísticos. Merece particular relevo o interesse que manifesta então pelos problemas evolutivos e de aquisição da linguagem pela criança. Propõe a distinção entre sincronia e estadismo, desenvolvendo então a ideia de que a abordagem sincrónica, cara à tradição saussuriana e ao formalismo russo, não é necessariamente estática, mas comporta aspectos dinâmicos. Interessa-se nomeadamente pelos problemas da afasia, tendo produzido trabalhos sobre a aquisição e a perca da capacidade linguística, a partir das funções de selecção e de combinação dos signos linguísticos, correspondentes às suas componentes paradigmática e sintagmática, que se tornaram clássicos.

Desde a sua chegada a Nova Iorque, em 1941, Jakobson ensinou primeiro na Escola Livre dos Altos Estudos da Universidade Francesa de Nova Iorque, na Universidade de Colúmbia, a partir de 1949, na Universidade de Harvard e, desde 1957, no Massachussetts Institut of Technology (MIT). Graças ao seu ensino, o sistema fonológico torna-se então largamente conhecido nas diferentes ciências humanas. Cientistas, como Levi-Strauss, François Jacob, Norbert Wiener, estão desde a primeira hora presentes nos seus seminários. O sistema fonológico aparece aos olhos de Levi-Strauss como uma estrutura análoga aos sistemas de parentesco, da proibição do incerto, dos mitos. François Jacob sugere-lhe a analogia entre o código fonemático e o código genético. Norbert Wiener leva-o a repensar a Linguística à luz da teoria da informação e da cibernética, levando-a à célebre proposta das seis funções da comunicação (emotiva, conativa, referencial, fática e metalinguística). Podemos dizer que a Linguística pós-bloomfiediana, de inspiração behaviorista e empiricista, que dominava o horizonte da pesquisa americana até aos anos 50, é profundamente revista na sequência da influência de Jakobson sobre os seus alunos em Harvard e no MIT, nomeadamente Noam Chomsky.

Jakobson é um dos arautos da construção de uma abordagem transdisciplinar, a partir da noção central de sistema. Neste sentido, poderíamos sintetizar a sua proposta teórica em torno dos seguintes pontos que percorrem hoje as diferentes disciplinas:

1.º Para além das variações que se observam num determinado conjunto de fenómenos, existe, em número limitado, uma série de elementos invariantes que constituem como que uma grelha, cuja natureza é ditada, como diz o próprio Levi-Strauss, «unicamente pelas suas regras de construção» (5).

2.º O conjunto dos elementos invariantes que forma a grelha que sustenta as variações de um determinado conjunto de fenómenos situa-se ao nível infra-estrutural inconsciente, abaixo portanto do limiar da nossa percepção reflectida. Tal como para Trubetzkoy, «a actividade linguística funciona sem se conhecer» (6).

3.º O traço fonológico distintivo ou pertinente «é um signo puramente diferencial, puro e vazio» (7) ou, como diz Levi-Strauss, «é um elemento de construção do discurso, entidade ao mesmo tempo opositora, relativa e negativa» (8).

É graças à sua natureza vazia, puramente distintiva, como diria F. de Saussure, que estas unidades abstractas, lógicas, podem ser investidas em variações discursivas ilimitadas e podem circular nos mais diversos campos. Em si mesmas, independentemente da sua função diferencial dentro do sistema de que fazem parte, são elementos vazios que, no discurso, se associam e se combinam para formarem configurações semióticas.

Vemos assim como Jakobson se insere dentro de uma corrente de pensamento que procura atravessar diferentes domínios do saber para encontrar, na esteira da **Mathesis Universalis** de Leibnitz, as leis universais ou os modelos lógicos do conhecimento, numa espécie de conjunto de regras formais do saber, despojada, no entanto, de qualquer referência teológica ou humanística em que se fundamentavam respectivamente a Universidade medieval e o Enciclopedismo do século XVIII.

Se, como dizia Jacques Monod, reflectindo sobre as descobertas recentes da Biologia, «o homem sabe enfim que está só na imensidade indiferente do Universo donde emergiu por acaso» (9), podemos dizer que o contributo de Jakobson no campo das ciências da linguagem se insere na problemática da morte do próprio homem, colocando-o enfim no seu lugar de «ser de papel», segundo a sugestiva metáfora de Barthes, enquanto figura discursiva falada pela forma subjacente do sistema da língua.

Adriano Duarte Rodrigues
do Departamento de Comunicação Social
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

Notas:

1) O público português poderá ler duas publicações de introdução à obra de Jakobson: uma tradução do n.º 60 da revista l' **Arc** (1975) editada pelas Ed. Espaço, em 1978 e a tradução do livro de Elmar Hollenstein, **Jakobson, o estruturalismo fenomenológico,** Lisboa, Ed. Vega, s.d., com um prefácio crítico de Pirouz Eftkhari. Apenas se conhecem do próprio Jakobson as versões portuguesas de **Relações entre a ciência da linguagem e as outras ciências,** Lisboa, Liv. Bertrand, 1974 e de **Seis lições sobre o som e o sentido,** Lisboa, Ed. Moraes, 1977, com um prefácio célebre de Levi-Strauss, além de alguns textos dispersos publicados no Brasil pela Ed. Vozes. A sua obra comporta, no entanto quatro extensos livros, sete volumosas colectâneas em francês, inglês, além de mais de uma centena de artigos dispersos em revistas especializadas, em russo, checo, inglês, alemão e italiano.

2) «Le langage comum des linguistes et des anthropologues», in **Essais de Linguistique générale** vol. I, Paris, du Seuil, 1963, p. 25.

3) **Roman Jakobson. Semiologia, Poética, Epistemologia,** Lisboa, Ed. Espaço, 1978, p. 25 (trad. do n.º 60 da revista l'**Arc**).

4) Cfr. R. Jakobson, **Seis Lições sobre o som e o sentido,** Lisboa, Ed. Moraes, 1971.

5) Prefácio de Cl. Levi-Strauss a Jakobson, **Seis Lições...,** op. cit., p. 16

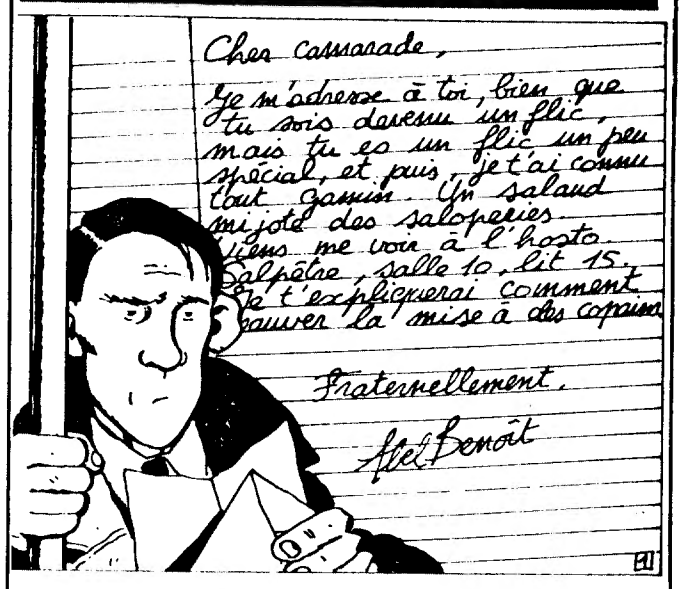
6) N. Trubtzkoy, **Principes de Phonologie,** Haia, Ed. Mouton, 1939, p. 53.

7) R. Jakobson, **Essais de Linguistique générale,** vol. II, Paris, Ed. du Seuil, p. 78.

8) Prefácio de Levi-Strauss a Jakobson, **Seis lições...,** op. cit.

9) Jacques Monod, **Le Hasard et la nécessité,** Paris, Ed. du Seuil, 1970, pp. 194-195.

Notícias da BD



«Brouillard au Pont de Tolbiac»

«Gostaria de ter visto 'Brouillard' no écran». Houve tentativas, mas falharam. À falta de filme, a BD de Tardi poderá ocupar amplamente esse espaço», escreveu Léo Malet, autor do romance policial que proporcionou mais uma criação a Tardi, e que a Casterman passou a álbum.

Quem é este homem que vagueia todas as noites pela ponte de Tolbiac? Quem é Belita Morales? Nestor Burma, o homem que põe o mistério KO, investiga na zona da rua Watt. O que irá descobrir?

Tantas perguntas com resposta, se ler «Brouillard ao Pont de Tolbiac», que pode encontrar em Lisboa.

A não perder, sob pretexto nenhum, claro («Brouillard ao Pont de Tolbiac», de Tardi — desenho, e Léo Malet — texto, edição da Casterman).

«(À Suivre)»

«Rompa as amarras e deixe-se ir à deriva, longe das tempestades»: a sugestão é da revista (À Suivre), cujo número de férias, perdão, de Agosto, já está nos escaparates.

A «caixa» do mês vai para Jean-Claude Forest: «Enfants, c'est l'hydragon qui passe», primeiro capítulo, acompanhado de um sugestivo «dossier» sobre «A água e os sonhos»...

Não sonho, mas porventura pesadelo, é o que pode ler no terceiro capítulo das aventuras de «Alack Sinner», por Sampayo e Muñoz (a propósito, já reparou que o «DL» está a publicar as primeiras aventuras desta magnífica série?...).

E rapidamente: Avoine, Régis Franc, Martiny-Petit-Roulet, mais Manara e o Schuiten-Peeters número três. E Corto Maltese que continua sem dar sinais de vida!... (À Suivre) n.º 55, Agosto-82, Casterman).

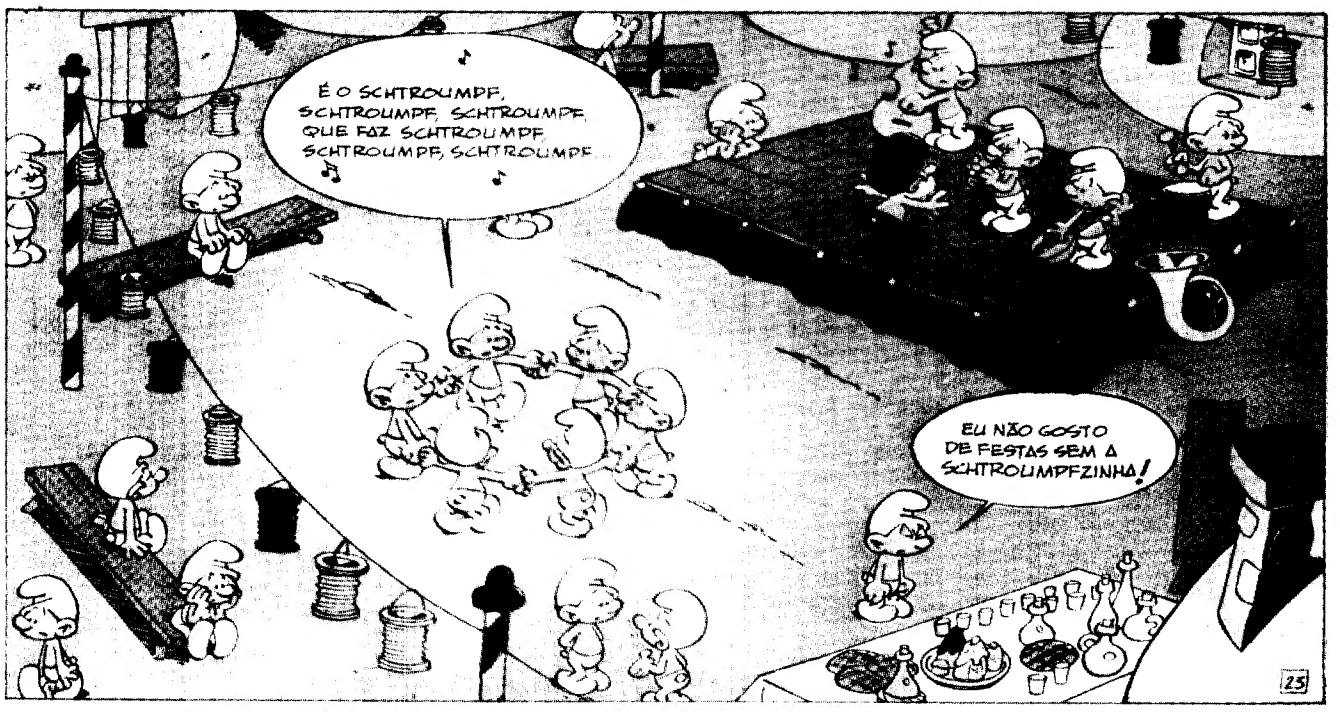
«A evasão dos Dalton»

É mais uma evasão da quadrilha temível e ridiculamente aterrorizadora dos manos Dalton. É mais uma tenaz perseguição do «cowboy» solitário, Lucky Luke de seu nome. É mais um desenvolvimento das «humilhações» que os bandidos causam no seu perseguidor. é mais uma história de final-inevitavelmente-igual-de-marginais-na-prisão-partindo-pedra, e de herói-em-direcção-ao-Sol-posto.

A Meribérica parece estar decididamente apostada em nos dar todos os Lucky Lukes que Morris criou, e os que Goscinny também ajudou a criar.

Esta aventura é de 1958-59, publicada em álbum em 1960. Com a «mãozinha» de Goscinny.

Mas já vos previno: vai haver mais Lucky Luke nas próximas semanas («A evasão dos Dalton», de Morris — desenho, e Goscinny — texto, edição Meribérica).



Astérix ou Schtroumpfs: a comicidade que as suas férias pedem?

Sátira, humor e o mais que as suas férias pedem

MUITOS leitores estão de férias. Querem Sol e descanso.

Seja: deixemos de parte os aspectos «sérios» da banda desenhada e falemos, por exemplo, de humor e sátira...

Nada melhor, do que começar pelo humor britânico. O exemplo mais característico é «Flook», tira diária surgida em 1949 no jornal britânico «Daily Mail»: inicialmente chamada «Rufus», acabaria por consagrar o papel de um pequeno animal chamado Flook, um dia integrado no mundo real e dotado de fala. Desenhada originalmente por Wally Fawkes, a série deslocar-se-ia gradualmente do universo da fantasia infantil para a sátira da vida pública.

A expansão da sátira nos «comics» britânicos traduz-se em diversas «strips» de ampla difusão internacional: «The Fosdyke Saga» (1971, da autoria de Bill Tidy), «Bristow» (de Frank Dickens, 1961) e «Andy Capp» (de Reg Smythe, 1957), esta última conhecida dos portugueses com o nome de «Zé do Boné».

A sátira racional das «strips» britânicas contrasta com o que Javier Coma denomina de «humor demente» praticado em França.

A sua raíz é situada por aquele autor em dois acontecimentos distintos.

Por um lado, através da série «Os Schtroumpfs», imaginativos e juvenis personagens criados em 1957 por Peyo, e que evocam visivelmente os mágicos seres da floresta e da Natureza.

O segundo vector desse movimento «demencial» reside na revista «Hara Kiri», expressamente para adultos, «dedicada a agredir toda a irracionalidade presente nos valores típicos da sociedade burguesa, desde a política do sistema até à própria religião, passando pelos tabús morais e pelas normas de «boa educação» (Javier Coma).

É certo que os «comics» nunca tiveram grande espaço na revista. No entanto, Cabu, Reiser, Wolinski ou Fred teriam oportunidade de criar uma «escola» de nítido pendor surrealista, e que acabaria por desempenhar um papel decisivo na evolução futura da banda desenhada de expressão francesa: Gotlib, Brétecher e Mandryka, ou revistas como «Pilote», «L'Écho des Savannes» ou «Fluide Glacial».

Esta «voga» não impediria, naturalmente, a afirmação de outros valores, como o argentino Quino, criador de Mafalda, e detentor de «uma aguda visão do mundo através de uns miúdos», ou do italiano Franco Bonvicini (Bonvi), que pôs a ridículo o papel dos exércitos nazis através de uma série a que já tivémos oportunidade de nos referirmos nestas mesmas páginas: «Sturmtruppen».

Ainda em França, merece menção o argumentista René Goscinny, fundador da revista «Pilote» e da séric «Astérix», embora com todo o sabor de um conservadorismo ineludível.

Finalmente, em Espanha pode-se citar o nome de Alfonso Figueras, cuja obra contém, parcialmente, tiradas cómicas reveladoras de uma certa herança norte-americana.

Uma derradeira tendência é personificada pelos traços que o «underground» americano deixou em todo o mundo.

Sobre isso, registemos, a concluir, a opinião do especialista Javier Coma:

«Outra directriz significativa, mas que se costuma referir a situações geográficas concretas, é a da comicidade dos «comics» «underground», com fórmulas adaptadas a cada país. É o caso de Espanha, onde os quadradinhos abordam a agressividade política permitida pela mudança de regime, através de vários tipos de publicações.

Ora, são precisamente as peculiaridades dos diversos géneros satíricos que estão abrindo em todo o mundo novos meios e apoios de difusão dos quadradinhos, com uma presumível transcendência no futuro.»

Carlos Pessoa

RN RODOVIÁRIA NACIONAL, E.P.

INFORMAÇÃO AO PÚBLICO

(Serviço Experimental)

HORÁRIOS DE CARREIRAS E EXPRESSOS

RODOVIÁRIA NACIONAL, EP

Telefones: 54 01 29 ou 54 00 79
das 08.30 h. às 19.00 h.
excepto
Sábados, Domingos e Feriados